



EDIÇÃO COMEMORATIVA
PELOS 20 ANOS DE UM DOS MAIORES
SUCESSOS DO CINEMA



AS PONTES DE MADISON

ROBERT JAMES
WALLER



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

ROBERT JAMES
WALLER

AS
PONTES
DE
MADISON

Tradução

ALICE KLESCK

ÚNICA
editora

Diretora	Única é um selo da Editora Gente.
Rosely Boschini	
Gerente Editorial	
Marília Chaves	Título original: <i>The bridges of Madison County</i>
Editora	Copyright © 1992 by Robert James Waller
Carla Bitelli	Todos os direitos desta edição são reservados à Editora Gente.
Editora	Rua Pedro Soares de Almeida, 114
Carolina Pereira da Rocha	São Paulo, SP – CEP 05029-030
Produtora Editorial	Telefone: (11) 3670-2500
Rosângela de Araujo Pinheiro Barbosa	Site: http://www.editoragente.com.br
Controle de Produção	E-mail: gente@editoragente.com.br
Fábio Esteves	
Tradução	
Alice Klesck	
Preparação	
Geisa Mathias de Oliveira	
Projeto Gráfico e Diagramação	
Osmane Garcia Filho	
Revisão	
Vero Verbo Serviços Editoriais	
Capa	
Thiago de Barros	
Produção do e-book	
Schäffer Editorial	

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Waller, Robert James, 1939-

As pontes de Madison / Robert James Waller ; tradução Alice Klesck. — São Paulo : Única Editora, 2015.

Título original: *The bridges of Madison County*.

ISBN 978-85-67028-69-9

1. Romance norte-americano I. Título.

15-01513	CDD-813
----------	---------

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norte-americana 813

Para os peregrinos

O COMEÇO

HÁ CANÇÕES QUE vêm das flores-de-íris, da poeira de milhares de estradas de terra do interior. Essa é uma delas. Em um fim de tarde, no outono de 1989, estava em minha escrivaninha, olhando o cursor piscante da tela do computador em frente, e o telefone tocou.

Do outro lado da linha, um ex-morador de Iowa, chamado Michael Johnson, atual habitante da Flórida. Um amigo de Iowa lhe enviara alguns de meus livros. Michael Johnson já os lera; sua irmã, Carolyn, também; e eles tinham uma história pela qual imaginavam que talvez me interessasse. Mostrando-se cauteloso, recusou-se a adiantar qualquer coisa, exceto que ambos estavam dispostos a viajar até Iowa para conversar comigo sobre o assunto.

O fato de estarem tão empenhados me intrigou, apesar de meu ceticismo com ofertas do tipo. Assim, concordei em encontrá-los, em Des Moines, na semana seguinte. Em um Holiday Inn, próximo do aeroporto, as apresentações foram feitas, o clima de constrangimento diminuiu e eles se sentaram diante de mim, enquanto, lá fora, anoitecia e uma neve fraca caía.

E conseguiram uma promessa: se eu decidisse não escrever a história, concordaria em jamais revelar o que se passou em Madison County, Iowa, em 1965, ou os acontecimentos que se seguiram, ao longo dos vinte e quatro anos seguintes. Tudo bem, era razoável. Afinal, a história era deles, não minha.

Então, ouvi, ouvi com atenção, e fiz perguntas difíceis. E eles falaram. Falaram e falaram. Houve momentos em que Carolyn chorou abertamente e Michael se esforçou para não o fazer. Mostraram-me documentos e recortes de revistas e um conjunto de diários escritos pela mãe deles, Francesca.

O serviço de quarto ia e vinha, com pedidos de mais café. Enquanto falavam, comecei a ver as imagens e, depois, as palavras. Passei a ouvir as palavras, a vê-las escritas nas páginas. Em algum instante, pouco depois da meia-noite, concordei em escrever a história — ou, ao menos, em tentar.

A decisão de tornar a informação pública foi difícil para eles. E suas circunstâncias, delicadas, por envolverem a mãe e, de modo

indireto, o pai. Michael e Carolyn reconheceram que mostrar a história talvez resultasse em fofoca espalhafatosa e na degradação de quaisquer lembranças que as pessoas tivessem de Richard e Francesca Johnson.

No entanto, em um mundo em que o compromisso pessoal, em todas as suas formas, parece estar se despedaçando e o amor se tornou uma questão de conveniência, ambos sentiram que aqueles fatos extraordinários eram dignos de ser contados. Ali, acreditei. Agora, acredito com mais convicção que julgaram corretamente.

Ao longo de minha pesquisa e escrita, pedi para me encontrar com Michael e Carolyn por mais três vezes. Em cada ocasião, eles viajaram para Iowa sem reclamar, tal a avidez para que a história fosse contada com precisão. Às vezes, apenas conversávamos; em outras ocasiões, seguimos devagar, de carro, pelas estradas de Madison County, enquanto eles apontavam lugares com algum papel importante na história.

Para além da ajuda de ambos, a história aqui narrada se baseou em dados contidos nos diários de Francesca Johnson; em pesquisas conduzidas no nordeste dos Estados Unidos, particularmente, Seattle e Bellingham, Washington; em discretas averiguações realizadas em Madison County, Iowa; e em informações que, aos poucos, brotaram dos ensaios fotográficos de Robert Kincaid, da assistência dada por editores de revistas, dos detalhes fornecidos por fabricantes de filmes e equipamentos fotográficos e das longas discussões com vários idosos maravilhosos, na casa de repouso de Barnesville, Ohio, que se lembraram de Kincaid em sua juventude.

Apesar do empenho investigativo, restaram lacunas. Nesses casos, acrescentei um pouco de minha imaginação, mas só quando pude fazer avaliações sensatas que fluíram da familiaridade íntima com Francesca Johnson e Robert Kincaid, que adquiri por meio de minhas pesquisas. Estou confiante de que cheguei muito perto do que realmente aconteceu.

Um imenso hiato envolveu os detalhes exatos da viagem feita por Kincaid pelo nordeste dos Estados Unidos. Deduzi que ele fez essa jornada, a partir de inúmeras fotografias publicadas em seguida, de uma breve menção da viagem, feita por Francesca

Johnson em seus diários, e de bilhetes escritos à mão, deixados com um editor. Usando essas fontes como guia, mais uma vez, pude traçar o que acreditei ser o caminho que ele seguiu, a partir de Bellingham, até Madison County, em agosto de 1965. Depois de dirigir até Madison, fim de minha viagem, senti que, em vários aspectos, havia me tornado o próprio Robert.

Ainda assim, tentar capturar a essência de Kincaid foi a parte mais desafiadora de minha pesquisa e escrita. Ele era uma figura evasiva. Por momentos, parecia um tanto comum. Em outros, etéreo, até fantasmagórico. No trabalho, era um profissional realizado. No entanto, via a si mesmo como um tipo peculiar de macho, que vinha se tornando obsoleto em um mundo cada vez mais entregue à organização. Certa vez, ele falou do “uivo impiedoso” do tempo, em sua cabeça, e Francesca Johnson o caracterizou como alguém que vive “em lugares estranhos, assombrados, bem anteriores às hastes da lógica de Darwin”.

Duas perguntas continuaram sem respostas. Primeiro, não conseguimos concluir qual o destino dos arquivos fotográficos de Kincaid. Pela natureza de seu trabalho, deveria haver milhares, talvez, centenas de milhares de fotografias. Elas, porém, nunca foram encontradas. Nosso melhor palpite — compatível com a maneira como ele se enxergava e seu lugar no mundo — foi o de que as tenha destruído, antes de morrer.

A segunda questão teve a ver com sua vida, entre 1975 e 1982. Pouquíssima foi a informação disponível. Soubemos que teve uma vida bem modesta, trabalhando como fotógrafo retratista, em Seattle, durante vários anos, e que continuou a fotografar a região do estreito de Puget. Fora isso, mais nada. Uma questão interessante é que todas as cartas que lhe foram postadas pelo Escritório Administrativo do Seguro Social e pela Administração dos Veteranos tiveram assinaladas “devolver ao remetente”, escritas com sua letra.

O preparo e a escrita desse livro mudaram minha visão de mundo, transformaram meu modo de pensar e, acima de tudo, diminuíram meu nível de cinismo quanto ao que é possível, no que se refere aos relacionamentos humanos. Ao conhecer Francesca

Johnson e Robert Kincaid, como o fiz, por meio de minha pesquisa, vi que os limites dos tais relacionamentos podem ser estendidos muito além do que supunha. Talvez você viva a mesma experiência, ao ler o livro.

Não será fácil. Em um mundo cada vez mais endurecido, sobrevivemos todos com nossas próprias carapaças de sensibilidades encobertas. Em que ponto a grande paixão termina e a insipidez se inicia, não sei. Contudo, nossa tendência para debochar da possibilidade da primeira e rotular envolvimentos genuínos e profundos como mero sentimentalismo dificulta a entrada no reino da delicadeza, necessária para entender a história de Francesca Johnson e Robert Kincaid. Só sei que precisei superar essa barreira, antes de começar a escrever.

Portanto, caso você aborde a leitura que se segue isento de descrença, como disse Coleridge, acredito que vai experimentar o que vivenciei. Nas indiferenças de seu coração, poderá encontrar algum espaço para voltar a dançar, como Francesca Johnson encontrou.

Verão de 1991

ROBERT KINCAID

NA MANHÃ DE 8 de agosto de 1965, Robert Kincaid trancou a porta de seu pequeno apartamento de dois cômodos, no terceiro andar de um prédio pouco ajeitado, em Bellingham, Washington. Carregava uma mochila cheia de equipamento fotográfico e uma mala, ao descer a escada de madeira, passar pelo corredor e sair pelos fundos, onde sua antiga picape Chevrolet estava estacionada, em uma vaga reservada aos moradores.

Outra mochila, um isopor médio com gelo, dois tripés, pacotes de cigarros Camel, uma garrafa térmica e um saco de frutas já estavam acomodados. Na caçamba da caminhonete, havia um estojo de violão. Kincaid arrumou as mochilas no banco e colocou a geladeira e os tripés no chão. Subiu na caçamba e arrumou o estojo do violão e a mala em um dos cantos, escorando ao deitar o estepe de lado e prender os dois ao pneu com um pedaço de corda de varal. Por baixo da gasta roda de borracha, enfiou uma lona preta impermeável.

Sentou-se ao volante, acendeu um Camel e repassou sua lista, na cabeça: duzentos rolos de filmes variados, a maioria de baixa velocidade, Kodachrome; tripés; geladeira; três câmeras e cinco lentes; jeans e calças cáqui; camisas; colete para material fotográfico. Certo. Qualquer outra coisa de que tivesse se esquecido poderia comprar na estrada.

Kincaid vestia uma calça Levi's desbotada, botas Red Wing, uma camisa cáqui e suspensórios de cor laranja. Em seu cinto largo de couro havia um canivete Swiss Army, preso pelo próprio estojo.

Olhou o relógio: oito e dezessete. A caminhonete ligou na segunda tentativa e ele deu ré, engatando a marcha e descendo lentamente pelo beco, sob o sol embaçado. Pelas ruas de Bellingham, seguiu rumo ao sul, pela Washington 11, percorrendo a costa do estreito de Puget por algumas milhas, para continuar pela rodovia, conforme esta virava ligeiramente a leste, antes de cair na U.S. Route 20.

Apontando na direção do sol, iniciou a longa jornada sinuosa por Cascades. Ele gostava de seu país e se sentia tranquilo, sem pressão, parando de vez em quando para fazer anotações sobre

possibilidades interessantes para futuras expedições ou fotos do que chamava de “lembranças instantâneas”. O motivo dessas fotografias superficiais era lembrá-lo de lugares que talvez quisesse voltar a visitar e abordar com mais seriedade. No fim da tarde, ele virou ao norte, em Spokane, pegando a U.S. Route 2, que o levaria até metade do nordeste norte-americano, a Duluth, Minnesota.

Pela milésima vez na vida, desejou ter um cachorro, um golden retriever, talvez, para viagens como aquela e para lhe fazer companhia, em casa. No entanto, estava sempre fora, a maior parte do tempo no exterior, e não seria justo com o animal. Ainda assim, pensava nisso. Em alguns anos, estaria velho demais para o trabalho de campo. — Então, talvez eu arranje um cachorro — falou para a vegetação verde que passava ao lado da janela da caminhonete.

Eram ocasiões que sempre o inspiravam a fazer balanços. O cão fazia parte deles. Robert Kincaid era tão só quanto alguém podia ser — filho único, pais mortos, parentes distantes, com quem perdera contato, nenhum amigo próximo.

Sabia os nomes do homem que era dono do mercado da esquina, em Bellingham, e do proprietário da loja de equipamentos. Também tinha relacionamentos formais, profissionais, com vários editores de revistas. Fora isso, não conhecia ninguém bem, nem os outros a ele. Ciganos são amigos difíceis para pessoas comuns, e ele era uma espécie de nômade.

Pensou em Marian. Ela o deixara nove anos antes, depois de cinco de casamento. Agora, ele estava com cinquenta e dois anos; logo, ela contava com pouco menos de quarenta. Marian sonhava em ser cantora. Conhecia todas as músicas dos Weavers e até as cantava bem, pelas cafeterias de Seattle. Nos velhos tempos, quando ficava em casa, ele a levava de carro até esses bicos e ficava sentado, assistindo, enquanto ela cantava.

Suas longas ausências — dois ou três meses, às vezes — eram duras para o casamento. Sempre teve consciência disso. Ela, porém, sabia o que ele fazia, quando resolveram se casar, e ambos nutriam a vaga sensação de que, de alguma forma, isso poderia ser manejado. Não pôde. Quando ele voltou para casa, depois de fotografar mais uma história, na Islândia, ela havia partido. O bilhete

dizia: “Robert, não deu certo. Deixei o violão Harmony. Mantenha contato”.

Ele não manteve. Nem ela. Assinou os papéis do divórcio quando estes chegaram, um ano depois, e pegou um avião para a Austrália, no dia seguinte. Ela não lhe pediu nada, exceto sua liberdade.

Em Kalispell, Montana, ele parou para passar a noite, já bem tarde. O Cozy Inn parecia barato e, de fato, era. Ele carregou o equipamento para dentro de um quarto, com duas luminárias de mesa, uma delas com a lâmpada queimada. Deitado na cama, lendo *The Green Hills of Africa* e tomando uma cerveja, até sentiu o cheiro das fábricas de papel de Kalispell. De manhã, deu uma corrida de quarenta minutos, fez cinquenta flexões e usou suas câmeras como pesinhos de mão, para completar a série. Atravessando Montana, seguiu dirigindo até Dakota do Norte e a planície do interior, que ele achava tão fascinante quanto as montanhas ou o mar. Havia um tipo de beleza austera no lugar, e ele parou várias vezes para montar o tripé e tirar algumas fotos em preto e branco, das casas das fazendas. A paisagem lhe era atraente por suas inclinações minimalistas. As reservas indígenas eram deprimentes, por todos os motivos que tantos sabem e ignoram. Aqueles tipos de colônias, no entanto, não eram melhores no nordeste de Washington ou em qualquer outro lugar que as tivesse visto.

Na manhã de 14 de agosto, duas horas depois de sair de Duluth, seguiu a nordeste e pegou uma estrada interior, até Hibbing e suas minas de ferro. A poeira vermelha flutuava no ar e havia grandes máquinas e trens especialmente destinados a levar o minério até os cargueiros, no porto de Two Harbors, no lago Superior. Ele passou uma tarde dando uma olhada em Hibbing e viu que não era de seu agrado, ainda que fosse a cidade natal de Bob Zimmerman-Dylan.

A única música dele, que apreciava, era *Girl from North Country*. Sabia tocar no violão e entoar, e ficou cantarolando a melodia para si mesmo, deixando para trás o lugar com suas imensas crateras vermelhas. Marian lhe mostrara alguns acordes básicos, para acompanhar. — Ela me deixou mais que eu a ela — disse, certa vez,

para um piloto de barco, em um local chamado McElroy's Bar, em algum lugar da bacia amazônica. E era verdade.

A Superior National Forest era agradável, muito agradável. Ideal para um *voyageur*. Quando jovem, ele desejou que os tempos antigos dos *voyageurs* não tivessem acabado, para que pudesse ter sido um. Ele passou por campinas, viu alces, uma raposa vermelha e muitos veados. Em um lago, parou e fotografou alguns reflexos na água da forma tomada por um galho de árvore. Quando terminou, sentou-se no estribo de sua picape, tomando um café, fumando um Camel e ouvindo o vento a bater nas árvores.

Seria bom ter alguém, uma mulher, ele pensou, vendo a fumaça do cigarro voar por cima do lago. *Envelhecer faz com que se pense nisso*. Viajando tanto, porém, seria duro para quem ficasse em casa. Ele já havia aprendido a lição.

Quando estava em casa, em Bellingham, às vezes saía com a diretora de criação de uma agência de publicidade, de Seattle. Ele a conheceu quando fazia um trabalho corporativo. Ela tinha quarenta e dois anos, era inteligente e uma pessoa legal, mas ele não a amava. Nunca amaria.

Às vezes, os dois ficavam meio solitários e passavam uma noite juntos, iam ao cinema, tomavam umas cervejas, depois faziam um amor bem decente. Ela já era vivida — tinha sido casada duas vezes e trabalhado como garçonne em vários bares, enquanto fazia faculdade. Invariavelmente, após o sexo, quando estavam deitados juntos, ela lhe dizia: — Você é demais, Robert, não tem concorrência, ninguém chega nem perto.

Ele achava que, para um homem, era algo bom de ouvir, mas não era tão experiente e não tinha como saber se ela falava a verdade. No entanto, certa vez, ela disse algo que o assombrou: — Robert, há uma criatura dentro de você que não sou boa o bastante para fazer vir à tona, não sou forte o suficiente para alcançar. Às vezes, tenho a impressão de que você já está aqui há muito tempo, mais que uma vida, e que passou por lugares particulares onde nenhum de nós sequer sonhou estar. Você me assusta, embora seja delicado comigo. Se eu não lutasse para me

controlar, sinto que talvez perdesse meu eixo e nunca mais regressaria.

Ele sabia, de um jeito sinistro, do que ela falava, mas não conseguia identificar. Tinha esses pensamentos vagos, a sensação melancólica do trágico, combinada com uma intensa força física e intelectual, desde garoto, em uma cidadezinha de Ohio. Enquanto outras crianças cantavam *Row, Row, Row Your Boat*, ele aprendia a melodia e a letra de uma canção francesa de cabaré.

Apreciava termos e imagens. “Azul” era uma de suas palavras prediletas. Gostava da sensação dos lábios e da língua ao dizê-la. *Palavras dão sensações físicas, não têm apenas significado*, lembrou-se de ter pensado, quando jovem. Deleitava-se com outras palavras, como “distante”, “fumaça de lenha”, “estrada”, “antigo”, “passagem”, “*voyageur*” e “Índia”, por seus sons, pelo gosto que tinham ou pelo que criavam em sua mente.

Ele mantinha listas de palavras avulsas expostas em seu quarto que, juntas em frases, tornava a pendurar na parede:

Perto demais do fogo.

Eu vim do Leste, com um pequeno grupo de viajantes.

O chiro constante daqueles que me salvariam e dos que me venderiam.

Talismã, talismã, mostre-me seus segredos.

Timoneiro, timoneiro, leve-me para casa.

Deitado, nu, onde nadam as baleias azuis.

Ela desejou para ele os trens a vapor que partiam de estações de inverno.

Antes de me tornar um homem, fui uma flecha — há muito tempo.

Havia também os lugares, por cujos nomes nutria gosto: Somali Current, Big Hachet Mountains, Malacca Strait e uma longa lista de outros. As folhas de papel com palavras, frases e lugares acabaram cobrindo as paredes de seu quarto.

Até sua mãe notava algo diferente no filho. Ele nunca disse uma palavra, até quase três anos. Depois, começou a falar frases completas e, próximo dos cinco, sabia ler extremamente bem. Na escola, era um aluno indiferente que frustrava os professores.

Ao analisar seus testes de Q.I., conversavam com ele sobre suas futuras realizações, sobre poder fazer tudo o que tivesse capacidade e se tornar qualquer coisa que desejasse. Uma de suas professoras do Ensino Médio escreveu o seguinte, em uma avaliação: “Ele acredita que ‘testes de Q.I. são um modo fraco de julgar as habilidades de uma pessoa, pois falham na avaliação da magia, que tem sua importância própria, tanto por si só quanto como complemento da lógica’. Sugiro uma reunião com os pais”.

Sua mãe se reunia com vários professores. Quando lhe falavam do comportamento resistente do filho diante de suas capacidades, ela dizia: — Robert vive em um mundo que ele próprio criou. Eu sei que ele é meu filho, embora, às vezes, tenha a sensação de que não veio de mim e de meu marido, mas de outro lugar, para onde está tentando voltar. Agradeço o interesse por ele e vou tentar, mais uma vez, incentivá-lo a se esforçar mais na escola.

O que o fazia feliz era ler todos os livros de viagens da biblioteca local. Do contrário, preferia ficar sozinho, passando os dias na margem do rio que cortava a periferia da cidade, ignorando festas de formatura e jogos de futebol, entre outras coisas que o entediavam. Pescava, nadava e caminhava, e ficava deitado no capim alto, ouvindo vozes distantes que fantasiava só ele poder ouvir. — Há magos por aí — costumava dizer para si mesmo. — Se você ficar em silêncio e aberto o bastante para ouvi-los, eles estão por aí. — E sonhava ter um cachorro para compartilhar esses momentos.

Não havia dinheiro para a faculdade. Nem vontade de ir. Seu pai trabalhava duro e era bom com a mãe e ele, mas o emprego na fábrica de válvulas não permitia sobrar muito para outras coisas, incluindo os cuidados com um cão. Ele tinha dezoito anos quando seu pai morreu e, com a Grande Depressão a castigar, alistou-se no Exército, como um meio de se manter e à mãe. Ficou lá por quatro anos, período que mudou sua vida.

Da maneira misteriosa como funcionam as mentes militares, foi designado para uma função de assistente de fotógrafo, embora não fizesse sequer ideia de como colocar um filme em uma máquina. Naquele trabalho, porém, descobriu sua profissão. Os detalhes

técnicos eram fáceis para ele. Em um mês, não somente fazia o trabalho de revelação na sala escura, para dois dos fotógrafos da equipe, como tinha permissão para tirar algumas fotos de projetos simples.

Um dos fotógrafos, Jim Peterson, gostava dele e passava um bom tempo lhe mostrando as sutilezas da atividade. Robert Kincaid emprestava livros de arte, na biblioteca da cidade de Fort Monmouth e os estudava. Já no início, encantou-se com o modo de os impressionistas franceses e de Rembrandt, em particular, usarem a luz.

Ele começou a perceber que era a luz o que ele fotografava, e não os objetos. Esses eram meros veículos para o reflexo da luz. Se ela fosse boa, sempre era possível encontrar algo para fotografar. Naquela época, a câmera de 35 milímetros estava começando a surgir e ele comprou uma Leica usada, em uma loja fotográfica local. Levou-a até Cape May, Nova Jersey, e passou uma semana de sua folga por lá, retratando a vida ao longo da costa.

Em outra ocasião, tomou um ônibus até Maine, pegou carona no litoral, embarcou na balsa postal, descendo até Isle Au Haut, de Stonington, acampou, depois pegou uma balsa que atravessava a Bay of Fundy, até Nova Scotia. Passou a manter anotações das programações de sua câmera e dos lugares que queria tornar a visitar. Ao sair do Exército, aos vinte e dois anos, já era um fotógrafo decente e conseguiu trabalho em Nova York, como assistente de um renomado profissional, especialista em moda.

As modelos femininas eram bonitas. Ele saiu com algumas e quase se apaixonou por uma, antes de ela se mudar para Paris e se distanciarem. Ela lhe havia dito: — Robert, não sei quem ou o que você é, ao certo, mas, por favor, venha me visitar. — Ele disse que iria, e estava sendo sincero, mas nunca foi. Anos depois, quando fazia uma matéria sobre as praias da Normandia, encontrou o nome dela em uma lista telefônica de Paris, ligou, e eles tomaram um café. Estava casada com um diretor de cinema e já tinha três filhos.

A ideia da moda não lhe era compreensível. As pessoas jogavam fora roupas perfeitamente boas, ou logo as modificavam, segundo instruções de ditadores europeus do ramo. Para ele, tudo parecia

uma idiotice e se sentia diminuído fazendo aquele tipo de fotografia. — Você é o que você produz — disse, ao deixar o trabalho.

Em seu segundo ano em Nova York, a mãe morreu. Ele voltou a Ohio, organizou o enterro e ficou sentado, diante de um advogado, ouvindo a leitura do testamento. Não havia muito. Esperava que não houvesse nada e ficou surpreso ao descobrir que os pais haviam juntado um dinheirinho, na pequena casa da Franklin Street em que viveram toda a vida de casados. Ele vendeu o imóvel e, com o pagamento, comprou um equipamento fotográfico de primeira linha. Ao quitar a câmera com o vendedor, pensou nos anos que seu pai havia trabalhado por aqueles dólares e na vida simples que tinham levado.

Alguns de seus trabalhos começaram a aparecer em revistas menores. Até a *National Geographic* ligar. Tinham visto uma foto de calendário feita em Cape May. Conversaram, ele pegou um pequeno trabalho, executou com profissionalismo e descortinou seu caminho.

Os militares voltaram a convocá-lo, em 1943. Ele embarcou com os Marines e marchou pelas praias do Pacífico Sul, com as câmeras penduradas nos ombros, deitado de barriga para cima, fotografando os homens que desciam de aeronaves anfíbias. Viu o terror estampado em seus rostos e o sentiu, também. Assistiu quando foram cortados ao meio, pela artilharia das metralhadoras, e imploraram ajuda a Deus e às mães. Passou por tudo isso e sobreviveu, sem nunca se viciar na tal glória da fotografia de guerra.

Ao receber baixa, em 1945, ligou para a *National Geographic*. Estavam prontos para ele, a qualquer hora. Então, comprou uma motocicleta, em São Francisco, foi até Big Sur, fez amor em uma praia, com uma violoncelista de Carmel, e seguiu até o norte, para pesquisar Washington. Gostou de lá e resolveu fazer dali sua base.

Agora, aos cinquenta e dois anos, ainda observava a luz. Tinha ido à maioria dos lugares que pregara em suas paredes de menino, ficara maravilhado ao visitá-los, sentado no Raffles Bar, subindo o Amazonas, em um barco fluvial, balançado em um camelo, pelo deserto de Rajastão.

A costa do lago Superior era agradável, como ouvira dizer. Ele marcou vários locais para referências futuras, tirou algumas fotos

para depois aguçar a memória, e seguiu para o sul, ao longo do rio Mississippi, rumo a Iowa. Nunca tinha estado lá, mas foi cativado pelas colinas da parte nordeste, ao longo do grande rio. Parando na cidadezinha de Clayton, ficou em um hotel de pescadores, passou duas manhãs fotografando barcos rebocadores e uma tarde em um deles, a convite de um capitão que conheceu no bar local.

Cortando para a U.S. Route 65, passou por Des Moines, cedo, na manhã de segunda-feira, 16 de agosto de 1965, virou a oeste na Iowa 92 e seguiu até Madison County, cobrindo as pontes que deveriam estar lá, segundo a *National Geographic*. Estavam mesmo: o homem do posto Texaco confirmou e lhe deu instruções bem razoáveis para todas as sete pontes.

As primeiras seis foram fáceis de encontrar, conforme traçado em sua estratégia para fotografá-las. A sétima, chamada Roseman, não achou. Estava quente, ele suava muito e Harry — seu carro — fumegava, enquanto perambulava por estradas de cascalho que pareciam não levar a lugar nenhum, exceto à próxima estrada de cascalho.

Em países estrangeiros, sua regra era “pergunte três vezes”. Ele aprendera que três respostas, ainda que todas erradas, gradualmente o levavam ao lugar a que queria ir. Ali, talvez, duas vezes fossem suficientes.

Viu uma caixa de correio à frente, no final de uma estradinha de cerca de cem metros de comprimento. Na caixa, estava escrito “Richard Johnson, RR 2”. Ele desacelerou e entrou na rua, em busca de orientação.

Quando entrou no terreno, uma mulher estava sentada na varanda da frente. Parecia fresco ali e ela bebia algo que parecia ainda mais fresco. A mulher saiu da varanda e foi em sua direção. Ele desceu da picape e olhou para ela. Olhou melhor. E, depois, com mais atenção. Ela era encantadora, ou havia sido, ou poderia voltar a ser. Logo, ele passou a ter aquela falta de jeito que o dominava sempre que estava perto de mulheres por quem se sentia atraído, mesmo que de leve.

FRANCESCA

O ALTO OUTONO era época de aniversário para Francesca e a chuva fria batia na janela de sua casa, no interior do sul de Iowa. Ela observava a cena, olhava através das gotas, na direção das colinas ao longo do Middle River, pensando em Richard. Ele havia morrido em um dia assim, oito anos antes, de algo cujo nome preferia não se lembrar. Francesca pensava no marido, em sua bondade vigorosa, em seus modos firmes e na vida chata que ele lhe proporcionara.

As crianças haviam ligado. Novamente, nenhuma delas pôde ir para casa, para seu aniversário, embora já estivesse completando sessenta e sete anos. Ela compreendia, como sempre compreendera. Sempre. Sempre compreenderia. Ambos estavam no meio de suas carreiras, esforçando-se muito, gerenciando um hospital, dando aulas, Michael entrando em seu segundo casamento, Carolyn com dificuldades em seu primeiro. Secretamente, ela até ficava contente por eles nunca arranjam tempo para visitá-la, e comemorar; afinal, tinha suas cerimônias reservadas para esse dia.

De manhã, suas amigas de Winterset tinham ido, com um bolo de aniversário. Francesca fez café, enquanto a conversa vagou pelos netos, a cidade, o Dia de Ação de Graças e chegou até o que comprar para quem, no Natal. O riso tranquilo e os altos e baixos da fala vinda da sala eram reconfortantes em sua familiaridade e lembraram Francesca do motivo de ter ficado ali, depois da morte de Richard.

Michael tinha seguido para a Flórida e Carolyn, para New England. E ela permaneceu nas colinas do sul de Iowa, na terra, mantendo seu velho endereço, por um motivo especial, e estava contente por ter feito isso.

Francesca as observara partir, na hora do almoço. Elas dirigiram seus Buicks e Fords, descendo a rua enlameada, para entrar na estrada rural asfaltada e seguir em direção a Winterset, com os limpadores de para-brisa ligados, por causa da chuva. Eram boas amigas, mas jamais compreenderiam o que guardava dentro de si; não entenderiam, mesmo que ela lhes contasse.

Seu marido lhe dissera que encontraria boas amigas, quando a trouxe de Nápoles para lá, depois da guerra. Ele disse: — O povo de Iowa tem seus defeitos, mas falta de carinho não é um deles. — E isso era verdade. É verdade.

Tinha vinte e cinco anos quando se conheceram — terminara a faculdade três anos antes, lecionava em um colégio particular para meninas e pensava na vida. A maioria dos jovens italianos morrera, ou se ferira, nos campos de prisioneiros de guerra. Ou então se via arrasada pelas batalhas. Seu caso com Niccolo, um professor universitário de artes, que pintava durante o dia e a levava para passeios loucos e despreocupados pelo submundo noturno de Nápoles, já terminara há mais de um ano, graças à incessante censura de seus pais, tradicionais.

Ela usava laços nos cabelos pretos e se agarrava aos próprios sonhos. No entanto, nenhum belo marinheiro desembarcou a sua procura, nenhuma voz veio a sua janela, das ruas abaixo. A dura pressão da realidade lhe trouxe a compreensão de que suas escolhas eram limitadas. Richard oferecera uma alternativa: gentileza e a doce promessa da América.

Analisando-o em seu uniforme de soldado, enquanto sentavam-se em um café, sob o sol mediterrâneo, viu que a olhava de modo sincero, com seu jeito do meio oeste, e decidiu vir para Iowa com ele. Veio para ter seus filhos, assistir Michael jogar futebol, nas noites frias de outubro, e levar Carolyn para Des Moines, para comprar seus vestidos de formatura. Ela trocava cartas com a irmã, em Nápoles, várias vezes por ano, e tinha voltado duas vezes, quando cada um de seus pais morreu. Madison County, porém, passara a ser seu lar e ela não tinha vontade de regressar para a Itália.

A chuva parou, no meio da tarde, voltando depois, pouco antes do anoitecer. No crepúsculo, Francesca se serviu de um copinho de conhaque e abriu a última gaveta da escrivaninha de tampo corrediço de Richard, uma peça de noqueira que passou por três gerações da família dele. Retirou um envelope pardo e lentamente o alisou, como fazia todos os anos, naquela data.

A postagem dizia: "Seattle, WA, 12 de setembro de 1965". Ela sempre olhava primeiro a postagem. Fazia parte do ritual. Depois, para o endereço escrito à mão: "Francesca Johnson, RR 2, Winterset, Iowa". Ao lado, o endereço do remetente, rabiscado sem grande cuidado, no canto superior esquerdo: "Caixa Postal 642, Bellingham, Washington". Sentada em uma cadeira ao lado da janela, ficou olhando os endereços, concentrando-se, pois continham o movimento das mãos dele, e ela queria trazer de volta a sensação daquelas mãos sobre seu corpo, vinte e dois anos depois.

Quando se sentia tocada por ele, abria o envelope e, com bastante cuidado, retirava três cartas, um pequeno manuscrito, duas fotografias e uma edição completa da *National Geographic*, com recortes da revista. Ali, na luz cinzenta que desaparecia, ela tomava seu conhaque, olhando por cima da borda do copo, vendo o bilhete escrito à mão, preso com um clipe às páginas datilografadas do manuscrito. A carta era em papel timbrado, um papel simples que no alto trazia apenas "Robert Kincaid, escritor-fotógrafo", com uma letra discreta.

10 de setembro de 1965

Querida Francesca,

Há duas fotografias anexas. A primeira é uma foto que tirei de você, no pasto, ao nascer do sol. Espero que você goste, tanto quanto eu. A outra é da Ponte Roseman, antes que eu tirasse o bilhete que você deixou preso ali.

Estou aqui, sentado, buscando, nas áreas cinzentas de minha mente cada detalhe de todos os momentos do período que passamos juntos. Eu me pergunto, repetidamente, "O que aconteceu comigo, em Madison County, Iowa?" E me esforço para entender. Por isso, escrevi o pequeno texto "Caindo da dimensão Z", que anexe, como forma de vasculhar minha confusão.

Olho através de uma lente fotográfica e você está ali. Começo a trabalhar em um artigo e estou escrevendo sobre você. Nem sei bem como cheguei aqui, voltando de Iowa. De alguma forma, minha velha caminhonete me trouxe para casa, ainda assim, mal me lembro dos quilômetros passando.

Algumas semanas atrás, sentia-me completo, razoavelmente contente. Não tão feliz, talvez, ou até um tanto solitário, mas contente, pelo menos. Tudo isso mudou. Agora, ficou claro para mim que estive seguindo em direção a você e você, em direção a mim, por um longo tempo. Embora nenhum de nós tivesse consciência do outro antes de nos conhecermos, havia um tipo de certeza inconsequente que sussurava alegre sob nossa ignorância, garantindo que nos encontraríamos. Como pássaros solitários que voam pelos campos, obedecendo a uma lógica celestial, em todos esses anos e por toda a vida seguimos na direção um do outro.

A estrada é um lugar estranho. Seguindo em frente, eu erguia os olhos e lá estava você, caminhando pela grama, em direção à caminhonete, em um dia de agosto. Em retrospectiva, parece inevitável se tratar — não poderia ser de outra forma — de um caso que chamo de alta probabilidade do improvável.

Então, cá estou, caminhando com outra pessoa dentro de mim. Embora pense ter me expressado melhor no dia em que nos separamos, quando disse acreditar haver uma terceira pessoa criada a partir de nós. E, agora, sou espreitado por essa outra entidade.

De alguma forma, temos de voltar a nos ver. Em qualquer lugar, em qualquer tempo.

Ligue para mim, se algum dia precisar de algo ou, se simplesmente, quiser me ver. Logo estarei aí. Diga se você pode vir aqui, uma hora dessas, qualquer hora. Posso providenciar o bilhete aéreo, se for o problema. Estou partindo para o sudeste da Índia, na próxima semana, mas estarei de volta no fim de outubro.

Eu amo você,

Robert

P.S.: O projeto fotográfico em Madison County ficou bom. Procure por ele na NG, no ano que vem. Ou me fale se quiser que eu envie um exemplar da edição, quando publicada.

Francesca Johnson pousou seu copo de conhaque no parapeito largo de carvalho e ficou olhando sua fotografia, 20 cm por 25 cm,

em preto e branco. Às vezes, era difícil para ela lembrar-se de sua aparência naquela época, após vinte e dois anos. Com jeans desbotado justo, sandálias e camiseta branca, o cabelo voando na brisa da manhã, recostada no mastro da cerca.

Através da chuva, de seu lugar junto à janela, podia avistar a estaca em que a velha cerca ainda contornava o pasto. Quando alugou as terras, depois que Richard morreu, ela estipulou que o pasto deveria ser mantido intacto, intocado, embora já estivesse vazio e tivesse se tornado um capinzal silvestre.

As primeiras rugas mais graves estavam despontando em seu rosto, na fotografia. A câmera dele as encontrara. Ainda assim, estava satisfeita com o que via. Seu cabelo era preto, seu corpo era roliço e terno, dentro do jeans que lhe caía bem. No entanto, era para o rosto que ela olhava. Era o rosto de uma mulher desesperadamente apaixonada pelo homem que estava tirando sua fotografia.

Ela também podia vê-lo com clareza, no fundo de sua memória. A cada ano, repassava todas as imagens em sua mente, meticulosamente, lembrando-se de tudo, sem se esquecer de nada, gravando tudo para sempre, como homens tribais que recontam uma história ao longo de gerações. Ele era alto, esguio e rijo, e se movia como a própria grama, sem esforço, graciosamente. Os cabelos grisalhos batiam pouco abaixo das orelhas e quase sempre pareciam desgrehados, como se tivesse acabado de chegar de uma viagem ao mar, passando por uma ventania forte, e tivesse tentado arrumá-los com as mãos.

Seu rosto estreito, as maçãs do rosto saltadas e o cabelo que caía na testa destacavam os olhos azul-claros, que pareciam nunca deixar de procurar pela próxima fotografia. Ele tinha sorrido para ela, enaltecido sua beleza e sua ternura sob a luz do amanhecer, e lhe pedido que se recostasse no pilar, para depois se deslocar ao redor, em um grande círculo, fotografando da altura do joelho, levantando e se deitando, e voltando a apontar a câmera para cima.

Ela sentira um ligeiro constrangimento com a quantidade de filme gasto, mas satisfação com a atenção que ele lhe dera. E torcera para que nenhum dos vizinhos tivesse acordado mais cedo

que de costume e já estivesse sobre o trator, apesar de, naquela manhã, não ter se preocupado muito com eles ou com o que pensavam.

Ele fotografava, colocava mais filme, trocava de lente, mudava de câmera, fotografava mais, falava baixinho, enquanto trabalhava, sempre dizendo quanto ela era bonita e quanto a amava. — Francesca, você é incrivelmente linda! — Às vezes, parava e só ficava olhando para ela, através dela, ao redor dela, dentro dela.

Seus mamilos estavam nitidamente marcados sob a camiseta de algodão. Ela, por estranho que fosse, havia se mantido despreocupada com o fato de estar nua por baixo do tecido. E mais, ficou contente com isso, e aquecida por saber que ele podia ver seus seios com tanta clareza, por meio de suas lentes. Ela jamais teria se vestido assim perto de Richard. Ele não teria aprovado. Na verdade, antes de conhecer Robert Kincaid, ela não o teria feito em momento nenhum.

Robert lhe pedira que arqueasse as costas ligeiramente, e murmurara: — Sim, sim, é isso, fique assim. — Foi quando ele tirou a fotografia que ela agora admirava. A luz estava perfeita, o que ele dizia ser uma “luz nublada” — era o nome que usava —, e a máquina clicava sem parar, enquanto a contornava.

Ele era ágil; essa era a palavra que lhe ocorria quando o observava. Aos cinquenta e dois anos, seu corpo era esguio e rijo, músculos que se moviam com um tipo de intensidade e poder exclusivo de homens que trabalham duro e se cuidam. Robert lhe contou ter sido fotógrafo de combate, no Pacífico, e Francesca o imaginou chegando em praias enfumaçadas com os Marines, as câmeras batendo no corpo, uma delas diante dos olhos, o disparador quase em chamas com a velocidade das fotos.

Olhou de novo para a foto, observando-a. *Eu estava mesmo bonita*, pensou, sorrindo para si com a leve admiração pessoal. — Nunca fui tão bonita na vida. Era ele. — E deu outro gole no conhaque, enquanto a chuva aumentava, trazida com força pelo vento de novembro.

Um tipo de mágico vivia dentro de Robert Kincaid, em lugares estranhos, quase ameaçadores. Francesca havia sentido isso quase

de imediato, em um dia quente e seco, uma segunda-feira de agosto de 1965, quando ele desceu de uma caminhonete, em sua entrada de veículos. Richard e as crianças estavam na Feira Estadual de Illinois, exibindo o novilho premiado que merecera mais atenção que ela.

Ela estava sentada no balanço da varanda da frente, tomando chá gelado, casualmente olhando a fumaça em espiral que saía por baixo de uma picape, na estrada de terra. A caminhonete vinha devagar, como se o motorista estivesse procurando algo, parando pouco antes da ruazinha que dava em sua casa e depois entrando. *Ai, Deus, pensou, quem é esse?*

Estava descalça, de jeans e uma camisa branca de trabalho, com as mangas arregaçadas, a bainha para fora. Seus cabelos pretos compridos estavam presos por um pente de tartaruga que seu pai lhe dera, quando ela deixou o antigo país. A caminhonete subiu a rua e parou perto do portão, junto à cerca de ferro que ladeava a casa.

Francesca desceu da varanda e caminhou, sem pressa, pela grama, até o portão. E da picape desceu Robert Kincaid, parecendo uma visão de um livro jamais escrito, chamado *Uma história ilustrada de xamãs*.

Sua camisa bege, estilo militar, marcava-se com o suor das costas e havia dois círculos escuros embaixo dos braços. Os três primeiros botões estavam abertos e ela pôde ver seu peito musculoso, logo abaixo da corrente prateada simples, em torno do pescoço. Ele usava suspensórios alaranjados, do tipo usado por pessoas que passam longos períodos ao ar livre.

Robert sorriu. — Desculpe-me por incomodá-la, estou procurando uma ponte coberta, que fica por aqui, mas não consigo encontrar. Acho que estou meio perdido. — disse, limpando a testa com uma bandana azul.

O estranho olhava direto para ela, que sentiu algo pular por dentro. Os olhos, a voz, o rosto, os cabelos grisalhos, a simplicidade para mover o corpo, os modos antigos, perturbadores, que absorvem. Que sussurram, nos últimos instantes que precedem o

sono, quando as barreiras já se foram. Que reorganizam o espaço molecular entre macho e fêmea, sem levar em conta a espécie.

As gerações têm de prosseguir e esses modos segredam uma única exigência, nada mais. Seu poder é infinito e a forma, de uma elegância absoluta. São inabaláveis: o objetivo é claro. São simples: nós é que complicamos tanto. Francesca identificou tudo isso sem notar, sentindo em um nível celular. E ali começou algo que a modificaria para sempre.

Um carro passou na estrada, levantando poeira, e buzinou. Francesca acenou para o braço bronzeado de Floyd Clark, que estava para fora da janela de seu Chevy, e voltou a se virar para o forasteiro: — Você está bem perto. A ponte fica somente a duas milhas daqui. — E após cerca de vinte anos de vida fechada, de comportamento confinado e de sentimentos escondidos por exigência da cultura rural, Francesca Johnson se surpreendeu, dizendo: — Posso levá-lo até lá, se quiser.

Por que fez isso, nunca teve certeza. Uma sensação juvenil surgiu, como uma bolha na água a estourar, depois de tantos anos. Ela não era tímida, tampouco atirada. A única coisa que pôde concluir era que Robert Kincaid a tragara, de alguma forma, depois de ela olhar para ele por apenas alguns segundos.

Ele, obviamente, ficou meio surpreso com a oferta. E, recuperando-se com rapidez, disse que agradecia, com uma expressão séria. Nos degraus dos fundos, ela pegou as botas de caubói, usadas nas tarefas da fazenda, e andou para a caminhonete, seguindo atrás dele até o lado do passageiro.

— Só vou levar um minuto para abrir espaço, tem um monte de equipamentos e uns troços aqui. — Ele murmurou, mais para si, enquanto o fazia, deixando entrever que estava meio inquieto com a história toda.

Precisou reorganizar pedaços de lona e tripés, uma garrafa térmica e sacos de papel. Na traseira da picape, havia uma antiga mala Samsonite e um estojo de violão, ambos empoeirados e surrados, amarrados ao estepe com um pedaço de corda de varal.

A porta da caminhonete bateu, fechando-se, enquanto ele estava na parte de trás, murmurando e arrumando, enfiando copos

de papel e cascas de banana em um saco de mercado que jogou na caçamba, ao terminar. Finalmente, tirou a geladeira azul e branca e também a pôs atrás. Em tinta vermelha desbotada, estava pintado na porta do veículo verde "Kincaid Photography, Bellingham, Washington".

— Certo, acho que agora você consegue se espremer aí dentro.
— Ele segurou a porta, fechou depois que ela entrou, e foi até o lado do motorista, com a graça peculiar de um animal, sentando-se ao volante. Após uma olhada rápida nela, perguntou: — Para que lado?

— À direita. — Ela gesticulou. Ele virou a chave e ligou o motor desregulado. E seguiu pelo caminho desde a entrada da casa, em direção à estrada, sacudindo. Suas pernas compridas automaticamente trabalharam nos pedais, com a velha Levi's por cima das botinas marrons de cadarço, que já haviam rodado por muitas e muitas milhas.

Ele se inclinou e estendeu a mão até o porta-luvas e seu antebraço sem querer tocou acima do joelho dela. Meio olhando pelo para-brisa, meio olhando para dentro do porta-luvas, ele retirou um cartão de visitas e o entregou. "Robert Kincaid, escritor-fotógrafo". Seu endereço estava impresso ali, junto com um número telefônico.

— Vim para estes lados a trabalho, para a *National Geographic*
— disse ele. — Já ouviu falar da revista?

— Sim. — Francesca assentiu, pensando: *todo mundo a conhece, não?*

— Eles estão fazendo uma matéria sobre pontes cobertas e Madison County, aparentemente, tem algumas interessantes. Eu localizei seis delas, mas acho que ainda há pelo menos mais uma, e deve ser nessa direção.

— Ela se chama ponte Roseman — disse Francesca, acima do barulho do vento, dos pneus e do motor. A voz dela soava estranha, como se pertencesse a outra pessoa, uma adolescente debruçada em uma janela de Nápoles, que olhava as ruas da cidade, lá embaixo, e pensava nos amantes distantes, ainda por vir. Enquanto

falava, observava os músculos do antebraço dele, que flexionavam com a troca das marchas.

Havia dois sacos de lona ao lado dela. A aba de um deles estava fechada, mas a do outro se dobrava para trás, e ela pôde ver o topo prateado de uma câmera, virado para cima, e a traseira preta de outra, com uma parte para fora. A ponta de uma caixa de filme "Kodachrome II, 25. 36 fotos" estava presa à traseira da câmera, com fita isolante. Atrás dos sacos havia um colete bege, com muitos bolsos. De um deles pendia uma cordinha, com um disparador de controle remoto na ponta.

Próximos de seus pés, notou dois tripés. Estavam bem arranhados, mas era possível ler, no rótulo surrado: "Gitzo". Quando ele abriu o porta-luvas, ela reparou que jazia entupido de cadernos, mapas, canetas, tubos vazios de filme, moedas soltas e um pacote de cigarros Camel.

— Vire à direita, na próxima esquina. — A orientação deu a ela uma desculpa para olhar o perfil de Robert Kincaid. Sua pele era bronzeada e lisa, e brilhava de suor. Ele tinha belos lábios; por algum motivo, logo notou isso. E seu nariz era como os que ela vira nos índios, quando tirou férias com os filhos, ainda pequenos.

Ele não era bonito, não de uma forma convencional. Nem simples. Essas palavras pareciam não lhe ser aplicáveis. No entanto, havia algo nele. Algo muito antigo, algo ligeiramente surrado pelos anos, não em sua aparência, mas em seus olhos.

No punho esquerdo, havia um relógio de aparência complicada, com uma pulseira de couro marrom, manchada de suor. No direito, ele usava uma pulseira de prata com um trabalho trançado. Carecia de um belo trabalho com polidor de metal, ela notou, para depois se repreender por se ater ao trivial de vida de uma cidadezinha, contra o qual se rebelara em silêncio, por tantos anos.

Robert Kincaid tirou um maço de cigarros do bolso da camisa, bateu e um deles saiu pela metade. Ele o ofereceu. Pela segunda vez, em cinco minutos, ela se surpreendeu e o pegou. *O que estou fazendo?* Ela tinha fumado anos antes, mas parara, pela crítica constante de Richard. Ele sacudiu, tirou outro, prendeu-o entre os

lábios e acendeu um Zippo, segurando na direção dela, enquanto mantinha os olhos na estrada.

Ela pôs as mãos em concha em volta do isqueiro, para proteger do vento, e tocou a mão dele, para mantê-la firme, enquanto a caminhonete trepidava. Só levou um instante para que acendesse o cigarro, mas foi tempo suficiente para sentir o calor da mão dele e os pelinhos das costas da mão. Ela recostou e ele levou o isqueiro ao próprio cigarro, habilmente formando sua proteção contra o vento, soltando as mãos do volante por menos de um segundo.

Francesca Johnson, esposa de um fazendeiro, recostada no banco empoeirado de uma caminhonete, fumava um cigarro, e apontava: — Lá está ela, logo depois da curva. — A velha ponte, com a tinta vermelha descascando, ligeiramente inclinada há tantos anos, ficava acima de um pequeno córrego.

Robert Kincaid sorriu. Rapidamente, olhou para ela e disse: — É ótima. Foto de nascer do sol. — Ele parou a trinta metros da ponte e desceu, levando o saco de lona aberto. — Vou fazer um pequeno reconhecimento, por alguns minutos, você se importa? — Ela sacudiu a cabeça e retribuiu o sorriso.

Enquanto ele caminhava pela estradinha de terra, Francesca o viu tirar a câmera do saco, depois pendurar o saco no ombro esquerdo. Ele fizera esse movimento milhares de vezes, esse exato movimento. Pela fluidez do gesto, dava para ver. Ao andar, ele não parava de mover a cabeça, olhando de um lado para o outro, depois para a ponte ou para as árvores atrás da construção. Uma vez, ele se virou e olhou de volta para ela, com o rosto sério.

Ao contrário do pessoal local, que se alimentava de molho madeira, purê de batatas e carne vermelha, alguns, três vezes por dia, Robert Kincaid parecia não comer nada além de frutas, nozes e legumes. *Rijo*, ela pensou. *Ele parece rijo, fisicamente*. Notou como seu traseiro era pequeno, no jeans apertado — dava para ver o contorno da carteira, no bolso esquerdo e uma bandana, no direito — e como parecia se mover pelo chão sem desperdiçar esforços.

Fazia silêncio. Um melro pousou na cerca e a fitou. Uma cotovia de peito vermelho cantou do mato, da lateral da estrada. Nada mais se movia, sob o sol branco de agosto.

Pouco antes da ponte, Robert Kincaid parou. Ele ficou ali, por um momento, depois agachou, olhando através da câmera. Caminhou até o outro lado da estrada e repetiu o procedimento. Em seguida, entrou embaixo da cobertura da ponte e estudou as vigas e as tábuas do piso, olhando para o córrego abaixo, por um buraco na lateral.

Após apagar seu cigarro no cinzeiro, Francesca abriu a porta e pousou as botas no cascalho. Reparando em volta, para ter certeza de que nenhum dos carros de seus vizinhos se aproximava, contornou a ponte. A tarde era de sol a pino e parecia mais fresco sob a cobertura da ponte. Ela podia ver a silhueta de Robert, do outro lado, até que ele desapareceu, descendo a inclinação em direção ao córrego.

Lá dentro, os pombos gorjeavam em seus ninhos, embaixo das beiradas, e ela pousou a palma da mão nas chapas laterais, sentindo seu calor. Algumas estavam pichadas com grafites: "Jimbo-Denison, Iowa". "Sherry + Dubby". "Go Hawks!" Os pombos continuavam gorjeando, baixinho.

Francesca espiou por uma fresta, entre duas chapas, na direção do córrego onde Robert Kincaid tinha ido. Ele estava em pé sobre uma rocha, no meio do riacho, olhando no sentido da ponte, e ela se assustou ao vê-lo acenar. Pulando de volta para a margem, ele facilmente subiu a lateral íngreme. Ela continuou a observar a água, até ouvir o som de botas sobre o piso da ponte.

— É muito legal, muito bonito, aqui — ele disse, a voz reverberando na ponte coberta.

Francesca concordou: — Sim, é. Nós subestimamos essas pontes antigas, não achamos grande coisa nelas.

Ele caminhou até ela e ofereceu um pequeno buquê de flores do campo. — Obrigado pela visita guiada — e sorriu, com suavidade. — Vou voltar ao amanhecer, um dia desses, e tirar minhas fotos. — Ela sentiu algo por dentro, outra vez. Flores. Ninguém lhe dava flores, até em ocasiões especiais.

— Eu não sei seu nome... — Ao ouvir isso, ela percebeu que não o havia dito e se sentiu uma tola. Quando falou, ele logo respondeu: — Notei um leve traço de sotaque. Italiano?

— Sim. Faz muito tempo.

A caminhonete verde, de novo. Pelas estradas de cascalho, com o sol se pondo. Duas vezes, encontraram carros, ninguém que Francesca conhecesse. Nos quatro minutos de trajeto até a fazenda, ela flutuou, sentindo-se desalinhada e estranha. Mais de Robert Kincaid, escritor-fotógrafo, era o que queria. Ela desejava saber mais e segurava as flores em seu colo. Brandia-as retas, como uma colegial, ao voltar de um passeio.

Estava corada. Dava para sentir. Não tinha feito nada nem dito nada, mas agia como se tivesse feito. O rádio da caminhonete, quase imperceptível com o barulho da estrada e do vento, entoava uma música de violão, seguida pelo noticiário das cinco horas.

Manobrando a caminhonete, ele virou na entrada da fazenda. — Richard é seu marido? — ele tinha visto a caixa de correio.

— Sim — disse Francesca, ligeiramente sem fôlego. Depois que começou a falar, as palavras começaram a sair. — Está bem quente. Você gostaria de um chá gelado?

Ele olhou para ela. — Se não tiver problema, gostaria, certamente.

— Não tem problema — disse ela.

Ela o instruiu — supondo transmitir casualidade — a estacionar a picape atrás da casa. Não precisava que Richard voltasse para casa e um dos vizinhos lhe dissesse: — Ei, Dick, está reformando alguma coisa? Vi uma picape verde aí, semana passada. Eu sabia que Frannie estava em casa, então, nem me preocupei em checar.

Subiram os degraus quebrados de cimento da porta da varanda dos fundos. Ele segurou a porta aberta para ela, carregando as mochilas com as câmeras. — Está quente demais para deixar o equipamento na caminhonete — tinha dito, quando as pegou.

Um pouquinho mais fresco na cozinha, mas ainda quente. O collie farejou em volta das botas de Kincaid, depois foi para a varanda dos fundos e se esparramou no chão, enquanto Francesca tirava gelo das formas de aço e servia chá cor de sol de uma jarra de vidro. Ela sabia que ele a observava, enquanto ele sentava-se junto à mesa da cozinha, as pernas compridas esticadas à frente, e alisava o cabelo com as mãos.

- Limão?
- Sim, por favor.
- Açúcar?
- Não, obrigado.

O suco de limão escorreu lentamente pela parede de um copo e ele também viu. Quase nada escapava a Robert Kincaid.

Francesca pousou o copo na frente dele. Colocou o seu do outro lado do tampo de fórmica da mesa e pôs o buquê de flores na água, em um antigo vidro de geleia com desenhos do Pato Donald. Recostando-se na bancada, ela se equilibrou em uma perna, curvou-se e tirou uma das botas. Apoiou-se no pé descalço e se livrou da outra.

Ele deu um golinho no chá e ficou olhando. Ela tinha quarenta e pouquinhos, belo rosto e um corpo bonito, bem terno, cerca de 1,67 m. Havia, porém, belas mulheres por todos os lugares para onde viajara. As questões físicas eram agradáveis, embora, para ele, a inteligência e a paixão pela vida, a capacidade de se emocionar com pequenas sutilezas da mente e do espírito fossem as coisas que importavam. Por isso, a maioria das mulheres jovens não lhe era atraente, apesar da beleza externa. Elas não tinham vivido o suficiente, nem com a intensidade necessária para possuir as qualidades que lhe interessavam.

Contudo, algo em Francesca Johnson lhe interessou. Tinha inteligência, sentiu isso. E paixão, embora não pudesse captar o ponto para o qual era dirigida ou, sequer, se era.

Mais tarde, ele lhe diria, de formas indefiníveis, que vê-la tirar as botas, naquele dia, havia sido um dos momentos mais sensuais dos quais ele se lembrava. O motivo não era importante. Não era a maneira como ele encarava a vida. — Análises destroem coisas inteiras. Algumas coisas, coisas mágicas, são feitas para permanecer inteiras. Se você olhar os pedaços, elas somem. — Foi isso o que ele disse.

Ela se sentou à mesa, com uma das pernas dobradas por sob o tampo, e afastou algumas das mechas de cabelo que caíam em seu rosto, prendendo-as novamente com o pente de tartaruga. Então, ao se lembrar, levantou-se, foi até o armário da ponta, pegou um

cinzeiro e o colocou em cima da mesa, para que ele pudesse alcançar.

Com essa permissão tácita, ele pegou um maço de Camels e apontou em sua direção. Ela retirou um e notou que estava ligeiramente úmido, por causa da intensa transpiração dele. Mesma sequência. Ele segurou o Zippo dourado, ela tocou sua mão para firmá-lo, sentiu a pele dele com as pontas dos dedos e se recostou. O cigarro tinha um gosto maravilhoso e ela sorriu.

— O que, exatamente, você faz ... Quer dizer, com a fotografia?

Ele olhou o cigarro e falou, em um tom baixo: — Eu fotografo por contratos. É... Sou fotógrafo da *National Geographic*, parte do tempo. Tenho ideias e as vendo para a revista, e faço as fotos. Ou eles têm algo que querem fazer e entram em contato comigo. Não há muito espaço para expressão artística; é uma publicação bem conservadora. Mas o pagamento é decente. Não é ótimo, mas é decente e constante. O restante do tempo, escrevo e fotografo por minha conta e mando as fotos para outras revistas. Se as coisas ficam difíceis, faço trabalho corporativo, mas acho isso muito restrito.

— Às vezes, escrevo poesia, só para mim. De tempos em tempos, tento escrever ficção, mas acho que não tenho capacidade para isso. Moro ao norte de Seattle e trabalho um bocado naquela região. Gosto de fotografar os barcos de pesca e as colônias indígenas, as paisagens.

— O trabalho da *National Geographic* quase sempre me mantém em locações por alguns meses, principalmente para uma matéria grande, algo como parte da Amazônia ou o deserto do norte da África. Geralmente, pego um voo até um trabalho como esses e alugo um carro. Mas me deu vontade de seguir dirigindo por alguns lugares e sondá-los, para referências futuras. Eu descí pelo lago Superior e, na volta, vou passar por Black Hills. E você?

Francesca não esperava que ele perguntasse. Ela gaguejou, por um instante.

— Nossa, nada parecido com o que você faz. Tirei meu diploma em Literatura Comparada. Winterset estava com problemas para encontrar professores, quando cheguei, em 1946, e o fato de ser

casada com um homem local, e veterano, tornou-me aceitável. Então, eu obtive um certificado de professora e lecionei Inglês, no Ensino Médio, por alguns anos. Mas Richard não gostou da ideia de eu trabalhar. Ele disse que podia nos sustentar e que não tinha necessidade, especialmente quando nossos filhos ainda eram pequenos. Então, parei e me tornei uma dona de casa na fazenda, em tempo integral. É isso.

Ela notou que ele tinha tomado quase todo o chá gelado e serviu mais, da jarra.

— Obrigado. Você gosta daqui, de Iowa?

Era uma pergunta difícil de responder. E ela soube disso. O padrão seria: “É ótimo. Sossegado. As pessoas são legais”.

Ela não respondeu de imediato. — Pode me dar outro cigarro? — Novamente, o maço de Camels, novamente o isqueiro, novamente o leve toque na mão dele. A luz do sol se deslocou no chão da varanda dos fundos e chegou ao cachorro que se levantou e sumiu de vista. Pela primeira vez, Francesca olhou nos olhos de Robert Kincaid.

— Eu deveria dizer “É ótimo. Sossegado. As pessoas são legais”. Tudo isso é verdade, na maior parte. É sossegado. E as pessoas são legais, de determinadas maneiras. Todos se ajudam. Se alguém adocece ou se machuca, os vizinhos colaboram, colhem milho ou aveia, ou fazem o que precisa ser feito. Na cidade, seu carro pode ficar destrancado e você deixar seus filhos correrem por aí, sem se preocupar com eles. Há muitas coisas boas no povo daqui e eu os respeito, por essas qualidades.

— Mas — ela hesitou, fumou, olhou para Robert Kincaid, do outro lado da mesa —, não era o que eu sonhava, nos tempos de garota. — Enfim, a confissão. As palavras estavam ali durante anos e ela nunca as tinha dito. E disse agora, para um homem com uma caminhonete verde, de Bellingham, Washington.

Por um momento, ele não disse nada. Em seguida, falou: — Eu rabisquei algo em meu caderno, outro dia, para usar futuramente. Tive a ideia quando estava dirigindo; isso acontece muito. Diz assim: “Os velhos sonhos foram bons sonhos; eles não deram certo, mas fico contente porque os tive”. Não tenho certeza do que significa,

mas vou usar, em algum lugar. Então, eu meio que sei o que você quer dizer.

Foi quando Francesca sorriu para ele. Pela primeira vez, ela sorriu com ternura, e profundamente. E seu instinto de aventureira assumiu o comando. — Gostaria de ficar para o jantar? Minha família está viajando, então, não tenho muita coisa à mão, mas posso preparar algo.

— Bem, já estou um bocado enjoado de mercados e restaurantes. É uma verdade. Portanto, se não for muito incômodo, eu apreciaria o convite.

— Você gosta de costeletas de porco? Eu posso fazer, com alguns legumes da horta.

— Só legumes estaria ótimo, para mim. Eu não como carne. Já faz anos. Nada de mais, só me sinto melhor assim.

Francesca sorriu, de novo. — Por aqui, esse ponto de vista não seria muito popular. Richard e seus amigos diriam que você está tentando destruir o sustento deles. Eu também não como muita, não sei por quê. Apenas não ligo muito. Mas toda vez que tento servir um jantar sem carne, com minha família, há uivos de rebelião. Aí, acho que desisti de tentar. Será divertido fazer algo diferente, para variar um pouco.

— Certo, mas não tenha muito trabalho por minha causa. Olhe, eu preciso jogar fora a água derretida do gelo do meu isopor e organizar um pouco as coisas. Vou levar um tempinho. — Ele se levantou e tomou o resto do chá.

Ela ficou olhando pela porta da cozinha, enquanto ele atravessava a varanda e seguia para o pátio. Ele não deixou a porta de tela bater, como todo mundo, fechando-a com cuidado. Antes de sair, agachou e afagou o collie, que agradeceu a atenção dando várias lambidas em seus braços.

No andar de cima, Francesca tomou um banho rápido e, enquanto se secava, olhou pela cortina para o terreno externo. Ele estava com a mala aberta, lavando o rosto, usando a antiga bomba de mão. Ela deveria ter dito que ele podia usar o chuveiro da casa, se quisesse. Pretendia fazê-lo. Por um instante, porém, travou com o

grau de familiaridade que isso lhe trazia. Depois, flutuando na própria confusão, esqueceu-se de dizer alguma coisa.

No entanto, Robert Kincaid já se lavara em condições piores. Usando baldes de água rançosa, no país dos tigres; com seu cantil, no deserto. No terreno da fazenda de Richard, ele tinha se despido da cintura para cima e usava sua camisa suja como um misto de pano de lavar e toalha. — Uma toalha! — ela se repreendeu. — Pelo menos uma toalha... Isso eu poderia ter feito por ele.

A lâmina reluziu sob a luz do sol, no local onde ele a pousara, na base de cimento ao lado da bomba, e ela ficou observando, enquanto ele ensaboava o rosto e se barbeava. Ele era — *outra vez aquela palavra*, pensou — *rijo*. Não era grandalhão, pouco mais de 1,80 m. E mais para magro. Contudo, para seu tamanho, tinha músculos grandes nos ombros, e sua barriga era lisa como uma tábua. Não aparentava a idade que tinha, qualquer que fosse, e não se parecia com os homens locais, que comiam muito molho madeira com pãezinhos, pela manhã.

Na última vez que fez compras em Des Moines, ela tinha comprado um perfume novo — Canção do Vento — e, agora, usou, só um pouquinho. O que vestir? Não parecia correto que se arrumasse demais, uma vez que ele ainda estava com sua roupa de trabalho. Camisa branca de mangas compridas, enroladas até os cotovelos, um jeans limpo e sandálias. Os brincos dourados de argola, que Richard disse que a faziam parecer assanhada e uma pulseira de ouro. Os cabelos puxados para trás, com uma fivela, que pendia em suas costas. Parecia bom.

Quando retornou para a cozinha, ele estava sentado com suas três mochilas e o isopor, vestindo uma camisa cáqui limpa, com os suspensórios de cor laranja por cima. Na mesa, havia três câmeras, e todas com a marca "Nikon" escrita nelas, além de lentes pretas, algumas pequenas, outras médias e uma mais comprida. O equipamento estava arranhado, marcado, em alguns lugares. Entretanto, ele o manuseava com cuidado, ainda que descontraído, polindo, escovando ou soprando.

Robert olhou para ela, novamente, com o rosto sério, envergonhado. — Tenho um pouco de cerveja na geladeira. Quer

uma?

— Sim, seria legal.

Ele pegou duas garrafas de Budweiser. Quando destampou, ela viu as caixas plásticas transparentes, com filmes empilhados dentro. Havia mais quatro garrafas de cerveja, além das duas que ele tinha tirado.

Francesca abriu uma gaveta para pegar um abridor, mas ele disse: — Pode deixar. — E pegou o canivete suíço no estojo preso ao cinto, abrindo-as com habilidade.

Entregou uma garrafa para ela e ergueu a dele, em um brinde tímido: — Às pontes cobertas, no fim de tarde, ou, melhor ainda, nas manhãs quentes e avermelhadas — e sorriu.

Sem dizer nada, ela sorriu suavemente e ergueu um pouquinho a garrafa, hesitante, sem jeito. Um estranho esquisito, flores, perfume, cerveja e um brinde, em uma segunda-feira quente, no fim do verão. Era quase mais do que ela podia suportar.

— Há muito tempo, alguém ficou com muita sede, em uma tarde de agosto. Quem quer que fosse, estudou sua sede, juntou uma porção de coisas e inventou a cerveja. Então ela surgiu, um problema foi resolvido. — Ele trabalhava em uma das câmeras, quase falando com ela, enquanto apertava um parafuso em cima, com uma chave de fenda de joalheiro.

— Vou até a horta por um minuto. Já volto.

Ele ergueu os olhos. — Precisa de ajuda?

Ela sacudiu a cabeça e passou por ele, sentindo os olhos em seus quadris, imaginando se teria sido olhada ao atravessar a varanda, achando que sim.

Estava certa. Ele a observava. Sacudiu a cabeça e olhou de novo. Olhou seu corpo, pensou na inteligência, que sabia que ela possuía, imaginou outras coisas que sentia nela. Ele estava sendo atraído por ela, e relutava.

A horta agora estava à sombra. Francesca se deslocava por ali, com uma bacia branca esmaltada e lascada. Juntou cenouras e salsinha, algumas cebolas e nabos.

Assim que voltou, Robert Kincaid enchia novamente as mochilas, com capricho e precisão, ela notou. Tudo parecia ter seu lugar e era sempre guardado no lugar certo. Ele tinha terminado sua cerveja e aberto mais duas, embora ela ainda não tivesse terminado a dela. Jogando a cabeça para trás, ela terminou a primeira, entregando-lhe a garrafa vazia.

— Posso fazer alguma coisa? — perguntou ele.

— Pode trazer a melancia lá da varanda e algumas batatas que estão no balde, lá fora.

Ele se movia com tanta facilidade que a impressionou com a rapidez com que foi até a varanda e voltou, com a melancia embaixo do braço e quatro batatas nas mãos. — Isso dá?

Ela concordou, com um meneio, pensando em como ele se mostrava assombroso. Depois de colocar tudo na bancada, ao lado da pia, onde ela lavava os legumes, ele voltou para sua cadeira, acendendo um Camel, ao sentar.

— Quanto tempo você vai ficar aqui? — ela perguntou, olhando os legumes molhados.

— Não tenho certeza. A época está meio devagar e ainda tenho três semanas para a entrega das fotos das pontes. O tempo que levar para fazer as fotos, acho. Provavelmente, por volta de uma semana.

— Onde você fica? Na cidade?

— Sim, num lugarzinho com umas cabanas. Alguma coisa... Motor Court. Cheguei hoje de manhã. Ainda nem descarreguei meu equipamento.

— É o único lugar para ficar, fora a senhora Carlson, que aceita hóspedes. Mas os restaurantes serão uma decepção, ainda mais para alguém com seus hábitos alimentares.

— Eu sei. É uma velha história. Mas eu aprendi a me virar. Essa época do ano não é tão ruim: dá para encontrar legumes frescos nos mercados e nas bancas, ao longo da estrada. Pão e outras coisas; eu me ajeito... É legal ser convidado assim. Eu agradeço.

Ela estendeu a mão sobre o balcão comprido e ligou um radinho, com apenas dois botões e um pano bege que cobria os

autofalantes. *Com tempo no bolso e o clima a meu favor...* cantava uma voz, o violão tocando por trás. Ela deixou o volume baixo.

— Eu até que sei picar legumes — ele se ofereceu.

— Está bem, a tábua está ali, tem uma faca na gaveta, logo abaixo. Vou fazer um ensopado, então, corte em cubinhos.

Ele ficou a dois palmos dela, olhando abaixo, cortando e picando cenouras, nabos e cebolas. Francesca descascava as batatas na pia, ciente de estar bem perto daquele homem estranho. Nunca imaginara que descascar batatas pudesse causar sentimentos tendenciosos.

— Você toca violão? Eu vi o estojo, na caminhonete.

— Um pouquinho. Ele me faz companhia, nada além disso. Minha esposa era cantora *folk*, muito antes de o gênero musical se tornar popular, e me incentivava a tocar.

Francesca se retesou ligeiramente com a palavra *esposa*. O motivo, não sabia. Ele tinha direito de ser casado, mas, de alguma forma, isso não combinava com ele. Ela não queria que ele fosse casado.

— Ela não suportava os longos períodos que eu ficava fora fotografando, durante meses. Não posso culpá-la. Foi embora há nove anos. E se divorciou de mim, um ano depois. Não tivemos filhos, então, não foi complicado. Levou um violão e deixou o outro comigo.

— Você tem contato com ela?

— Não, nunca.

Foi tudo que ele disse. Francesca não forçou. Contudo, de um modo bem egoísta, sentia-se melhor, e imaginou de novo o motivo para dar importância a isso, de um jeito ou de outro.

— Estive na Itália, duas vezes — disse ele. — De onde você é, de origem?

— Nápoles.

— Nunca cheguei até lá. Fui até o norte, uma vez, para fazer umas fotografias no rio Pó. Depois, novamente, para uma matéria sobre a Sicília.

Por um momento, Francesca descascava as batatas, pensando na Itália, consciente de que Robert Kincaid estava a seu lado.

As nuvens haviam se acumulado no oeste, lançando raios solares em todas as direções. Ele olhou pela janela, acima da pia, e disse: — Luz de Deus. As empresas de calendário adoram. Revistas religiosas também.

— Seu trabalho parece interessante — disse Francesca. Ela sentiu necessidade de manter uma conversa neutra.

— E é. Eu gosto muito. Gosto da estrada e gosto de fazer fotos.

Ela notou que ele disse “fazer” fotos. — Você faz fotos, não tira?

— Sim. Pelo menos, é assim que eu vejo. Essa é a diferença entre os fotógrafos de domingo e alguém que faz isso para viver. Quando terminar com aquela ponte, que vimos hoje, as fotos não ficarão exatamente como você espera. Eu as terei transformado em algo meu, com a escolha das lentes, ou o ângulo da câmera, ou a composição geral e, muito provavelmente, com uma combinação de tudo isso.

— Eu não pego as coisas como me são dadas, simplesmente; tento transformá-las em algo que possa refletir minha consciência pessoal, meu espírito. Procuro encontrar poesia na imagem. A revista tem estilo próprio, suas exigências e eu nem sempre concordo com o gosto do editor; na verdade, na maior parte das vezes, discordo. Isso os incomoda, embora sejam eles que decidam o que é publicado ou cortado. Acho que conhecem seus leitores, mas eu gostaria que eles arriscassem, de vez em quando. Eu digo essas coisas a eles, mas isso incomoda.

— Esse é o problema de ganhar a vida com alguma forma de arte. Você sempre está lidando com mercados e mercados — mercados em massa —, que são feitos para ser compatíveis com um gosto padrão. Aí é que estão os números. Essa é a realidade, acho. Mas, como falei, o trabalho pode se tornar bem restritivo. Eles me deixam ficar com as fotos que não utilizam. Então, tenho arquivos pessoais das coisas que gosto, pelo menos.

— E, de vez em quando, outra revista pega uma ou duas, ou posso escrever um artigo sobre um lugar que tenha conhecido e ilustrá-lo com algo um pouquinho mais ousado do que a preferência da *National Geographic*.

— Uma hora dessas, vou fazer um ensaio chamado “Virtudes do amadorismo”, por todas aquelas pessoas que gostariam de ganhar a vida com arte. O mercado mata mais a paixão artística do que qualquer outra coisa. Esse é um mundo de segurança, as revistas e os fabricantes proveem segurança, homogeneidade, dão o familiar e o conhecido, não os desafia.

— Lucro e assinaturas e o resto desse negócio são os que dominam a arte. Todos somos lançados à grande roda da uniformidade.

— O pessoal de marketing está sempre falando de algo chamado “consumidores”. Tenho uma imagem de um homenzinho de bermuda, camisa havaiana e um chapéu de palha, com uma porção de abridores de cerveja pendurados, e as mãos cheias de dólares.

Francesca riu, baixinho, pensando em segurança e conforto.

— Mas não reclamo muito. Como disse, as viagens são boas e eu gosto de mexer com as câmeras e ficar ao ar livre. A realidade não é bem como era no começo, mas não é tão ruim.

Francesca imaginou que, para Robert Kincaid, esse era um assunto rotineiro. Para ela, era conteúdo literário. As pessoas de Madison County não falavam desse jeito, sobre essas coisas. Só do clima, do preço dos produtos agrícolas, de novos bebês, de enterros, dos programas do governo e de times esportivos. Não de arte e sonhos. Não de realidades que mantiveram a música em silêncio, os sonhos dentro de uma caixa.

Ele terminou de picar os legumes. — Mais alguma coisa que eu possa fazer?

Ela sacudiu a cabeça: — Não, tudo sob controle.

Outra vez, ele sentou-se à mesa, fumando e dando um gole na cerveja, de quando em quando. Ela cozinhava, bebendo a sua, entre as tarefas. E sentia o efeito do álcool, mesmo em pequena quantidade. Na noite de Ano-Novo, ela e Richard tomavam alguns drinques, no Legion Hall. Fora isso, não muito, e raramente havia bebida em casa, exceto por uma garrafa de conhaque que ela comprou, um dia, com a vaga esperança de algum romance na vida interiorana deles. A garrafa ainda estava fechada.

Óleo vegetal, uma xícara e meia de legumes. Refogar até dourar. Acrescentar farinha de trigo e mexer bem. Adicionar um pouquinho de água. Colocar o restante dos legumes e os temperos. Cozinhar em fogo baixo, por quarenta minutos.

Com a comida em andamento, Francesca voltou a sentar-se de frente para ele. Uma intimidade modesta pairava na cozinha. De alguma forma, isso vinha da culinária. Preparar o jantar para um estranho, com ele picando nabos ao lado, eliminou a estranheza. E sem a estranheza, sobrou espaço para a intimidade.

Ele empurrou os cigarros na direção dela, com o isqueiro em cima. Ela tirou um, remexeu no isqueiro, sentindo-se desajeitada. Não acendia. Ele sorriu um pouco, pegou o isqueiro da mão dela, com cuidado, e o girou duas vezes, antes de fazer surgir a chama. Ele segurou e ela acendeu seu cigarro. Em geral, ela se sentia graciosa perto de outros homens, ao se comparar com eles. Perto de Roberto Kincaid, não.

O sol branco tinha ficado vermelho e imenso, logo acima dos campos de milho. Pela janela da cozinha, ela viu um falcão que voava nas correntes de vento do começo da noite. O noticiário das sete começava no rádio. E Francesca olhou para o outro lado da mesa amarela de fórmica, para Robert Kincaid, que tinha vindo por um caminho tão longo, até sua cozinha. Um longo caminho, atravessando mais que milhas.

— Já está um cheiro bom — disse ele, apontando o fogão.
— Está com um cheiro... tranquilo. — Ele olhou para ela.

Tranquilo? Alguma coisa pode ter cheiro tranquilo? Ela pensava na frase e se questionava. Ele estava certo. Depois das costeletas de porco, bifes e assados que fazia para a família, aquela era, sim, uma culinária tranquila. Nenhuma violência envolvida na cadeia alimentar, exceto, talvez, por arrancar os legumes da terra. O ensopado cozinhava de um modo tranquilo e tinha um cheiro tranquilo. Estava tranquilo ali na cozinha.

— Se não se importa, conte-me um pouquinho sobre sua vida na Itália. — Ele se esticava na cadeira, com as pernas estendidas, o tornozelo esquerdo cruzado sobre o direito.

O silêncio a perturbava perto dele, e ela falou. Contou-lhe sobre os anos na escola particular, de freiras, falou de seus pais — dona de casa e gerente de banco. De quando era adolescente e ficava perto da murada do mar, vendo os navios que chegavam do mundo inteiro. Sobre seu encontro com Richard, em um café, onde ela e algumas amigas estavam. A guerra que tumultuara a vida delas, que não sabiam se casariam. Não falou sobre Niccolo.

Ele a ouvia sem dizer nada, de vez em quando assentindo, compreendendo. Quando, enfim, ela parou, perguntou: — E você disse que tem filhos?

— Sim. Michael tem dezessete anos. Carolyn, dezesseis. Os dois frequentam a escola em Winterset. São do Clube Agrícola 4-H; por isso, estão na Feira Estadual de Illinois, expondo o novilho de Carolyn.

— Algo que nunca consegui entender é como eles podem dar tanto amor e cuidados aos animais e depois vê-los vendidos para o abate. No entanto, não me atrevo a dizer nada sobre isso. Richard e seus amigos voariam em cima de mim. Se bem que existe um tipo de contradição fria e sem sentimentos no negócio.

Ela se sentiu culpada ao mencionar o nome de Richard. Não tinha feito nada, nada mesmo. No entanto, sentia culpa, uma culpa que brotava de possibilidades distantes. E ela ficou imaginando como encarar o fim da noite, caso se envolvesse em alguma coisa com que não soubesse lidar. Talvez Robert Kincaid simplesmente fosse embora. Ele parecia bem tranquilo, bem legal, até um pouquinho acanhado.

Enquanto conversavam, a noite ficou azulada, uma leve névoa pousou na grama do campo. Ele abriu mais duas cervejas, enquanto o ensopado ainda cozinhava. Ela levantou e jogou dois cubinhos na água fervente, virou e recostou-se junto à pia, sentindo ternura por Robert Kincaid, de Bellingham, Washington. Torcendo para que não fosse embora cedo.

Ele comeu o ensopado e repetiu, educado, e duas vezes lhe disse como estava bom. A melancia estava perfeita. A cerveja estava gelada. A noite estava azul. Francesca Johnson tinha quarenta e

cinco anos e Hank Snow cantava uma canção de trem na rádio KMA,
Shenandoah, Iowa.

**NOITES ANTIGAS,
MÚSICA DISTANTE**

E AGORA?, PENSOU Francesca. O jantar concluído, e eles ali, sentados.

Ele cuidou disso. — Que tal uma caminhada no campo? Está refrescando um pouquinho. — Quando ela disse sim, ele enfiou a mão em uma das mochilas e tirou uma câmera, pendurando a alça no ombro.

Kincaid empurrou a porta da varanda dos fundos, abrindo-a, e segurou para ela. Depois, seguiu-a para fora e fechou a porta com cuidado. Eles desceram pela calçada rachada, atravessaram o quintal de cascalho e seguiram pela grama, passando pela cabana que guardava as máquinas e cheirava a gordura quente.

Quando chegaram à cerca, com uma das mãos, ela abaixou o arame farpado e passou por cima, sentindo o orvalho em seus pés, em volta das tiras da sandália. Ele repetiu a manobra com mais facilidade, com suas botas.

— Você chama isso de campina ou de pasto? — perguntou ele.

— Pasto, eu acho. O gado mantém o capim curto. Cuidado por onde pisa. — A leste, uma lua quase cheia surgia no céu, que tinha ficado azulado com o sol pouco abaixo do horizonte. Na estrada adiante, um carro passou veloz, com o escapamento ruidoso. O garoto dos Clark. Atacante do time de Winterset. Namorava a Judy Leverenson.

Fazia muito tempo que ela não dava uma caminhada daquelas. Depois do jantar, que era sempre às cinco, vinha o noticiário da televisão, depois os programas da noite, vistos por Richard e, às vezes, pelas crianças, quando terminavam o dever de casa. Francesca geralmente lia na cozinha — livros da biblioteca de Winterset e do clube de livros ao qual pertencia: história, poesia e ficção — ou sentava-se na varanda da frente, quando o clima estava bom. A televisão a entediava.

Quando Richard gritava — Frannie, você precisa ver isso! —, ela entrava e sentava-se com ele, um tempinho. Elvis quase sempre evocava esses chamados. Assim como os Beatles, quando cantaram no *The Ed Sullivan Show*, pela primeira vez. Richard olhou os penteados e ficou sacudindo a cabeça, incrédulo, reprovando-os.

Por um breve tempo, riscos vermelhos cortavam o céu. — Eu chamo isso de “salto” — disse Robert Kincaid, apontando para cima. — A maior parte das pessoas guarda as câmeras cedo demais. Depois que o sol se põe, sempre há um período de boa luz e cores no céu, só por alguns minutos, quando ele está abaixo do horizonte, e a luz salta do céu.

Francesca não disse nada, imaginando um homem para quem a diferença entre campina e pasto parecia importante, que se empolgava com a cor do céu, que escrevia um pouquinho de poesia, e não muita ficção. Que tocava violão, ganhava a vida com imagens e carregava suas ferramentas em mochilas. Que parecia o vento. E se mexia como tal. Talvez ele viesse do vento.

Ele olhou para o alto, com as mãos nos bolsos da calça Levi's, a câmera pendurada junto ao quadril esquerdo. — As maçãs prateadas da lua/As maçãs douradas do sol. — Seu tom meio barítono proferiu as palavras como se fosse um ator profissional.

Ela se virou para ele. — W. B. Yeats, *The Song of Wandering Aengus*.

— Certo. Muito bom, o Yeats. Realismo, economia, sensibilidade, beleza e mágica. Agrada minha herança irlandesa.

Ele disse tudo, em cinco palavras. Francesca tinha se esforçado para explicar Yeats aos alunos de Winterset, e nunca conseguiu fazer com que a maioria entendesse. Ela o havia escolhido, em parte, pelo que Kincaid acabara de dizer, achando que todas essas qualidades atrairiam os adolescentes, cujas glândulas estavam retumbando como a banda marcial do Ensino Médio, no intervalo do futebol. Contudo, o preconceito que eles haviam adquirido contra a poesia e enxergá-la como um produto de masculinidade instável era demais, até para Yeats.

Ela se lembrou de Matthew Clark olhando para um garoto ao lado, depois colocando as mãos em concha, como se segurasse nos seios de uma mulher, enquanto ela lia “As maçãs douradas do sol”. Eles ficaram debochando e as meninas da última fileira enrubesceram.

Viveriam com esse tipo de postura a vida inteira. Foi o que a desanimou: saber disso, sentindo-se comprometida e sozinha,

apesar da amizade sincera da comunidade. Poetas não eram bem-vindos por ali. As pessoas de Madison County, compensando o senso de inferioridade cultural autoimposto, gostavam de dizer: — Esse é um bom lugar para criar os filhos. — E ela sempre tinha vontade de responder: — Mas é um bom lugar para criar adultos?

Sem nenhum plano consciente, os dois caminharam devagar, seguindo centenas de metros pelo pasto adentro, voltando, depois, em direção à casa. A escuridão já havia caído quando se aproximaram da cerca e, dessa vez, ele empurrou o arame para baixo, para ela.

Ela se lembrou do conhaque. — Tenho um conhaque. Ou você gostaria de um café?

— É possível ter os dois? — As palavras dele vieram da escuridão. Ela sabia que ele estava sorrindo.

Entrando no círculo de luz lançado na grama e no cascalho, ela respondeu: — É claro — ouvindo algo na própria voz que a preocupou. O som de riso fácil dos cafés de Nápoles.

Foi difícil para ela encontrar duas xícaras que não estivessem lascadas. Embora tivesse certeza de que xícaras lascadas faziam parte da vida dele, ela fez questão de ter perfeitas. Os copos de conhaque, virados de cabeça para baixo no fundo do armário, nunca haviam sido usados, tampouco o conhaque. Ela precisou ficar na ponta dos pés para alcançá-los, com ciência das sandálias molhadas e do jeans esticando em seu traseiro.

Ele sentou na cadeira que havia usado antes, observando-a. Os velhos modos. Os velhos modos retornando até ele. Robert imaginou qual seria a sensação dos cabelos dela sob seu toque, da curva de suas costas se encaixando em suas mãos e de tê-la sob si.

Os velhos modos lutando contra tudo que é aprendido, contra as correções marteladas por séculos de cultura, as duras regras do homem civilizado. Ele tentou pensar em outra coisa, fotografia, estrada, pontes cobertas. Qualquer coisa, menos em como a via, naquele momento.

Não conseguiu e, mais uma vez, imaginou como seria sentir sua pele, pousar a barriga junto à dela. Perguntas eternas, sempre as

mesmas. Os malditos modos lutando para vir à tona. Ele relutou, afastando-os, acendeu um Camel e respirou fundo.

Francesca sentia seus olhos sobre ela com frequência, embora sua observação fosse circunspecta, nunca óbvia, nunca intrusa. Ela sabia que ele sabia que aqueles copos nunca haviam servido conhaque. E também sabia que ele, com seu trágico senso irlandês, sentia algo sobre aquele vazio. Não era pena. Isso não tinha a ver com ele. Tristeza, talvez. Ela podia quase ouvir a mente dele formando as palavras:

*A garrafa não aberta,
e os copos vazios,
ela procurou por eles,
em algum lugar do Middle River,
em Iowa.
Eu observei com olhos
que haviam visto uma amazona Jivaro
e a estrada da Seda
com a caravana do pó
vindo por trás de mim,
alcançando os espaços
não usados do céu asiático.*

Enquanto ela tirava o lacre da bebida de Iowa, da tampa da garrafa de conhaque, olhou para as unhas e desejou que estivessem mais compridas e bem cuidadas. A vida no campo não permitia unhas compridas. Até então, isso não tivera importância.

Conhaque, dois copos na mesa. Enquanto ela providenciava o café, ele abriu a garrafa e serviu a quantidade exata. Robert Kincaid já havia lidado com conhaques após o jantar.

Ela ficou imaginando em quantas cozinhas, em quantos bons restaurantes, em quantas salas de estar com luz de penumbra ele havia praticado esse pequeno ofício. Quantas unhas longas teria observado, delicadamente apontando em sua direção, segurando copos de conhaque, quantos pares de olhos azuis redondos, e castanhos amendoados teriam olhado para ele, pelas noites estrangeiras, enquanto barcos ancorados balançavam na costa, com água batendo no cais de portos antiquíssimos?

A luz do teto da cozinha era forte demais para café e conhaque. Francesca Johnson, esposa de Richard Johnson, deixaria a luz acesa. Francesca Johnson, a mulher que caminha pela grama, depois do jantar, repassando seus sonhos de garota, apagaria a luz. Uma vela seria o ideal, mas seria demais. Ele talvez tivesse uma ideia errada. Ela acendeu uma lâmpada pequena, acima da pia, e apagou a do teto. Ainda não estava perfeito, mas ficava melhor.

Ele ergueu o copo à altura do ombro e levou à direção dela. — Às noites antigas e à música distante. — Por algum motivo, essas palavras fizeram a respiração dela falhar, por um segundo. Ela tilintou o copo no dele e, embora quisesse dizer “Às noites antigas e à música distante”, apenas sorriu.

Os dois fumaram, sem dizer nada, bebendo conhaque, tomando café. Um faisão ecoou no campo. Jack, o collie, latiu duas vezes, no quintal. Os mosquitos testavam a tela da janela perto da mesa e uma única mariposa, que voava em círculos, ainda que por instinto, foi impulsionada pelas possibilidades da luz da pia.

Ainda estava quente, sem brisa, já com alguma umidade. Robert Kincaid suava de forma moderada, os dois primeiros botões da camisa abertos. Ele não a olhava diretamente, embora ela sentisse que sua visão periférica conseguia encontrá-la, mesmo parecendo olhar pela janela. Pela maneira como estava virado, ela via o alto do peito dele, através dos botões abertos de sua camisa e as gotinhas de suor em sua pele.

Francesca tinha boas sensações, sensações antigas, sensações de poesia e música. Ainda assim, era hora de ele ir embora, pensou. Oito minutos para as dez da noite, no relógio sobre a geladeira. Faron Young no rádio. Música de anos atrás: *The Shrine of St. Cecilia*. Mártir romana do terceiro século, lembrou Francesca. Santa padroeira da música e dos cegos.

O copo dele estava vazio. Bem na hora em que ele virou, depois de olhar a janela, Francesca pegou a garrafa de conhaque pelo gargalo e gesticulou em direção ao copo vazio. Ele sacudiu a cabeça. — A ponte Roseman, ao amanhecer. É melhor que eu vá andando.

Ela ficou aliviada. E murchou de decepção, voltando-se para si. Sim, por favor, vá embora. Tome mais um conhaque. Fique. Vá.

Faron Young não ligava para seus sentimentos. Nem a mariposa sobre a pia. Ela não tinha certeza do que Robert Kincaid pensava.

Ele se levantou, pendurou uma mochila no ombro esquerdo, colocou a outra sobre seu isopor. Ela contornou a mesa. Ele ergueu a mão na direção dela, que a pegou. — Obrigado pela noite, pelo jantar, pela caminhada. Foi tudo muito agradável. Você é uma boa pessoa, Francesca. Deixe o conhaque na frente do armário; talvez dê certo, depois de um tempo.

Ele sabia... Exatamente como tinha pensado. No entanto, ela não se ofendeu com suas palavras. Ele se referia a romance e teve a melhor intenção possível. Dava para ver, pela suavidade de sua fala, pelo jeito como disse as palavras. O que ela não sabia era que ele queria gritar para as paredes da cozinha: — Pelo amor de Deus, Richard Johnson! Você é um tolo tão grande como eu acho que só pode ser?

Ela o seguiu até a caminhonete e ficou por perto, enquanto ele colocava o equipamento dentro. — Jack, vem cá — ela sussurrou e o cachorro veio sentar-se junto dela, ofegante.

— Tchau. Cuide-se — disse ele, parando perto da porta da caminhonete, para olhar para ela, por um momento. Direto para ela. Então, com um movimento, já estava atrás do volante, fechando a porta. Virou a chave para ligar o velho motor, pisou no acelerador, o mecanismo tremeu e deu a partida. Ele se inclinou para fora da janela, sorrindo, e disse — Acho que precisa de uma regulação.

Segurando o volante com força, deu ré, mudou novamente a marcha e seguiu atravessando o terreno, sob a luz. Pouco antes de chegar à escuridão da estrada, sua mão esquerda surgiu e ele acenou. Ela acenou também, embora soubesse que ele não podia ver.

Conforme a caminhonete seguiu em frente, ela deu uma leve corrida e ficou na sombra, vendo as luzes vermelhas que subiam e desciam, com as lombadas. Robert Kincaid virou à esquerda, na estrada principal, em direção a Winterset, enquanto um relâmpago cortou o céu de verão e Jack seguiu para a varanda dos fundos.

Depois que ele foi embora, Francesca ficou diante do espelho da cômoda, nua. Seus quadris estavam só um pouquinho mais largos,

por causa das crianças, seus seios ainda eram bonitos e firmes, nem grandes demais nem pequenos demais, sua barriga, ligeiramente arredondada. Não conseguia ver as pernas no espelho, mas sabia que ainda estavam bem. Deveria raspá-las com mais frequência, embora não parecesse fazer muito sentido.

Richard só se interessava por sexo de vez em quando, a cada dois meses, e terminava logo, era rudimentar e impassível, sem parecer se importar muito com perfume ou pernas raspadas, nada disso. Era fácil ficar meio desleixada.

Para ele, ela era mais uma parceira de negócios do que qualquer outra coisa. Parte dela gostava disso. Por dentro, porém, havia outra pessoa que queria se banhar e se perfumar... E ser tomada, ser levada, desnudada por uma força que ela conseguia sentir, mas jamais articular, nem de longe, dentro de sua mente.

Ela tornou a se vestir e sentou-se à mesa da cozinha, escrevendo na metade de uma folha de papel comum. Jack veio atrás dela, até a caminhonete Ford, e pulou para dentro quando ela abriu a porta. Foi para o lado do passageiro e pôs a cabeça para fora da janela, conforme ela dava ré e saía do galpão, olhando para a dona e depois para fora, enquanto Francesca seguia pela saída da fazenda e virava à direita, pegando a estrada municipal.

A ponte Roseman estava escura. Jack se mantinha na frente, atento a tudo, enquanto ela levava uma lanterna da caminhonete. Ela prendeu o bilhete do lado esquerdo da entrada da ponte e foi para casa.

AS PONTES DE TERÇA-FEIRA

ROBERT KINCAID PASSOU dirigindo pela caixa de correio de Richard Johnson, uma hora antes de amanhecer, alternando mordidas em um chocolate Milky Way e uma maçã, prendendo um copo de café no banco, entre as coxas, para evitar que virasse. Olhou a casa branca sob o luar fraco, enquanto passava, e sacudiu a cabeça pela estupidez dos homens, alguns homens, a maioria dos homens. Eles poderiam pelo menos tomar o conhaque e não bater a porta de tela, ao saírem.

Francesca ouviu a picape passando, com o motor desregulado. Estava deitada na cama, depois de ter dormido nua pela primeira vez em tanto tempo, que nem se lembrava. Podia imaginar Kincaid pela janela da caminhonete, os cabelos ao vento, uma das mãos ao volante, a outra segurando um Camel.

Ela ouviu o barulho das rodas sumindo, em direção à ponte Roseman. E começou a repassar as palavras do poema de Yeats: "Eu saí e fui até a floresta de aveleiras, porque havia um incêndio em minha cabeça..." Sua citação do poeta ficava entre a de uma professora e a de uma suplicante.

Ele estacionou a caminhonete bem afastada da ponte, para que não interferisse na composição das fotos. Do pequeno espaço atrás do banco, pegou um par de galochas, sentou-se na borda para desamarrar os cadarços das botas de couro e calçou as de borracha. Pendurou as duas alças de uma mochila nos ombros, a alça do tripé no ombro esquerdo, a outra mochila na mão direita e seguiu abaixo, pela margem íngreme, até o córrego.

O truque seria colocar a ponte em um ângulo que mostrasse também um pouquinho do córrego, sem deixar o grafite nas paredes à mostra, perto da entrada. Os fios telefônicos ao fundo, também eram um problema, poderia resolver com um enquadramento cuidadoso.

Ele pegou a Nikon, já com filme Kodachrome, e prendeu no tripé pesado. A câmera estava com uma lente de 24 mm e ele a substituiu por sua favorita, de 105 mm. Já havia uma luz cinzenta vinda do leste e ele começou a experimentar sua composição. Passou o tripé dois palmos para a esquerda, reajustou os pés,

prendendo no solo lamacento, perto do córrego. Mantinha a alça da câmera enrolada em volta do punho esquerdo, prática que sempre seguia quando trabalhava perto da água. Tinha visto muitas câmeras afundarem, com tripés virando.

A luz vermelha estava subindo, o céu se iluminando. Ele abaixou a câmera dez centímetros, tornou a ajustar os pés do tripé. Ainda não estava bom. Mais um palmo para a esquerda. Reajustou os pés. Nivelou a câmera no tripé. Programou a lente em f/8. Calculou a profundidade de campo, maximizou com a técnica hiperfocal. Programou a liberação do cabo no botão do disparador. O sol estava quarenta por cento acima do horizonte, a pintura velha da ponte se transformava em um tom quente de vermelho, exatamente o que ele queria.

Tirou o medidor de luz do bolso esquerdo superior. Checou em f/8. Exposição de um segundo, o Kodachrome não se manteria bem nesse extremo. Olhou pelo visor. Boa nivelção da câmera. Apertou o botão para a liberação do disparador e esperou passar um segundo.

Na hora em que pressionou, algo lhe chamou a atenção. Olhou novamente pelo visor. — Que diabo está pendurado na entrada da ponte? — ele murmurou. — Um pedaço de papel. Não estava ali, ontem.

O tripé estava firme. Correu até a margem, com o sol subindo depressa, atrás dele. O papel estava caprichosamente preso à ponte. Ele puxou e enfiou o papel e a tacha no bolso do colete. Voltou correndo margem abaixo, parou atrás da câmera. O sol tinha subido 60%.

Ofegante pela corrida, fotografou de novo. Repetiu duas vezes, para ter duplicatas. Nada de vento, o capim estava parado. Bateu três em dois segundos e três em meio segundo, só por segurança.

Mudou a lente para f/16. Repetiu todo o processo. Levou o tripé e a câmera para o meio do córrego. Montou, havia pegadas de lodo lá atrás. Fotografou a sequência inteira, novamente. Novo rolo de Kodachrome. Trocou de lente. Travou a de 24 mm, colocou a de 105 mm no bolso. Chegou mais perto da ponte, no sentido da subida da

corrente. Ajustou, nivelou, checkou a luz, disparou três e tirou mais algumas, por precaução.

Virou a câmera na vertical, recompôs. Fotografou outra vez. Idêntica sequência, metódico. Nunca havia nada desajeitado em seus movimentos. Eram todos experientes, tudo tinha um motivo, as contingências estavam cobertas de forma eficiente e profissional.

Subiu a margem, atravessou a ponte, correndo com seu equipamento, correndo com o sol. Agora, o mais difícil. Pegou a segunda câmera, com o filme mais veloz, pendurou as duas ao redor do pescoço e subiu na árvore, atrás da ponte. Arranhou o braço no tronco — Droga! — continuou. Do alto, olhava para a ponte, abaixo num ângulo em que o córrego refletia a luz.

Usou o medidor para isolar o telhado e, depois, o lado sombreado da ponte. Tirou o reflexo da água. Montou a câmera com ajuste. Tirou nove poses, intercalando, deixando a câmera pousada no colete e encaixada na bifurcação do tronco da árvore. Mudou de câmera. Filme mais veloz. Tirou mais doze poses.

Desceu da árvore. E a margem. Montou o tripé, reabasteceu de Kodachrome, tirou uma composição semelhante à primeira série, mas do lado oposto do córrego. Tirou a terceira câmera da mochila. A velha SP, com localizador de raio de ação. Hora das fotos em preto e branco. A luz na ponte estava mudando, a cada segundo.

Depois de vinte minutos intensos, como só os soldados, os cirurgiões e os fotógrafos entendem, Robert Kincaid repôs as mochilas na caminhonete e regressou pela estrada que havia percorrido na ida. Eram quinze minutos até a ponte Hogback, a nordeste da cidade, e ele talvez conseguisse fazer algumas fotos, se fosse rápido.

Levantando poeira, de Camel aceso, a caminhonete seguiu trepidando, passando pela casa branca que ficava de frente para o norte, pela caixa de correio de Richard Johnson. Nem sinal dela. O que ele esperava? Ela era casada, estava bem. Ele estava bem. Quem precisava desse tipo de complicação? Noite agradável, jantar agradável, mulher agradável. Deixasse assim. Deus, mas ela era adorável e tinha algo. Uma coisa que o impedia de tirar os olhos dela.

Francesca estava no celeiro fazendo as tarefas, quando ele passou voando por sua casa. O barulho das galinhas cacarejando encobria qualquer som da estrada. E Robert Kincaid seguiu para a ponte Hogback, correndo contra os anos, perseguindo a luz.

As coisas correram bem, na segunda ponte. Ela ficava em um vale e ainda havia uma névoa que subia ao redor, quando ele chegou. A lente de 300 mm lhe deu um sol imenso, na parte superior de seu enquadramento, com o restante tomado pela estrada de rochas brancas e a ponte; a ponte em si.

Então, em seu visor, surgiu um fazendeiro que conduzia uma bela manada de cavalos belgas marrons-claros, que puxava uma carroça pela estrada branca. *Um dos últimos garotos à moda antiga*, pensou Kincaid, sorrindo. Ele sabia quando aparecia uma bela foto e já podia ver como ficaria sua impressão final, enquanto trabalhava. Nas poses verticais, deixou um pouco de espaço apenas com céu, no qual poderia ser inserido um título.

Quando desmontou o tripé, às oito e trinta e cinco, sentia-se bem. O trabalho da manhã gerara algumas belas fotos. Conteúdo bucólico e conservador, mas legal e sólido. A foto do fazendeiro com os cavalos poderia até render uma capa; por isso, mantivera o espaço para um texto ou para um logo. Os editores gostavam dessas elaborações atentas. Não à toa, Robert Kincaid sempre recebia projetos.

Tendo fotografado tudo com parte de sete rolos de filme, esvaziando três câmeras, enfiou a mão no bolso para pegar mais quatro. — Droga! — A tachinha espetou seu dedo indicador. Tinha se esquecido de que havia jogado aquilo no bolso, depois de retirar o papel da Ponte Roseman. Na verdade, não se lembrava mais do pedaço de papel. Ele o tirou do bolso, abriu e leu: “Se quiser jantar de novo, quando ‘mariposas brancas estiverem à vista’, apareça, esta noite, depois que você terminar. Qualquer hora está bom”.

Não pôde deixar de sorrir um pouquinho, imaginando Francesca Johnson com seu bilhete e a tachinha, dirigindo até a ponte, na escuridão. Em cinco minutos, estava de volta à cidade. Enquanto o cara do posto Texaco enchia o tanque e checava o óleo (— Chegou à metade de um quarto de galão.), Kincaid se dirigiu até o telefone

público. Na lista telefônica fina, e imunda pelo manuseio de tantas mãos, constavam dois assinantes com o nome "R. Johnson", um deles cujo endereço era na cidade.

Ele ligou para o número rural e aguardou. Francesca estava dando comida para o cachorro, na varanda dos fundos, quando o telefone na cozinha tocou. Ela atendeu no segundo toque: — Johnson's.

— Oi, aqui é o Robert Kincaid.

Uma vez mais, ela sentiu algo pular por dentro, assim como acontecera no dia anterior. Uma pequena pontada de algo que começava em seu peito e descia até a barriga.

— Peguei seu bilhete. W. B. Yeats como mensageiro e tudo mais. Aceito o convite, mas talvez fique tarde. O tempo está muito bom, então, eu pretendo fotografar a — vejamos, como se chama? — a ponte Cedar... Esta noite. Pode passar das nove, quando terminar. Aí, vou querer tomar um banho. Por isso, talvez só chegue aí às nove e meia ou dez horas. Tudo bem?

Não, não estava tudo bem. Ela não queria ter de esperar tanto tempo, mas só disse: — Ah, claro. Faça seu trabalho, isso é o que importa. Vou arranjar alguma coisa fácil de esquentar, para quando você chegar.

Então, ele acrescentou: — Se você quiser vir junto, enquanto eu estiver fotografando, tudo bem. Não vai me incomodar. Eu poderia passar por aí para pegá-la, às cinco e meia.

A cabeça de Francesca destrinchava o problema. Queria ir com ele, porém... e se alguém a visse? O que diria ao Richard, se ele descobrisse?

A ponte Cedar ficava a cinquenta metros, subindo o córrego, paralela à estrada nova e sua ponte de concreto. Ela não ficaria exposta demais. Ou ficaria? Em menos de dois segundos, falou: — Sim, gostaria de ir. Mas vou em minha caminhonete e encontro você lá. A que horas?

— Por volta das seis. Então, eu a vejo por lá. Está bem? Tchau.

Ele passou o resto do dia no escritório do jornal local, olhando antigas edições. Era uma cidade bonita, com uma bela praça e um fórum, e ele ficou ali, sentado em um banco sob a sombra, na hora

do almoço, com um saquinho de frutas, um pão e uma Coca-Cola, que comprou no café do outro lado da rua.

Quando ele entrou e pediu uma Coca para viagem, era pouco depois de meio-dia. Como em um salão no Velho Oeste, quando aparecia um atirador, a conversa animada cessou, por um momento, enquanto todos se voltaram para ele. Robert detestava aquilo, sentia-se constrangido; mas era comum, em cidades pequenas. Gente nova! Diferente! Quem seria? O que faria por ali?

— Alguém falou que ele é fotógrafo. Disse que o viram perto da ponte Hogback, essa manhã, com uma porção de câmeras.

— O letreiro em sua caminhonete diz que ele é de Washington, no oeste.

— Passou a manhã toda no escritório do jornal. O Jim disse que ele estava olhando as publicações mais velhas, em busca de informações sobre as pontes cobertas.

— É, o jovem Fischer, do posto Texaco, falou que ele parou lá ontem, pedindo informações de todas as pontes cobertas.

— O que ele quer saber sobre elas?

— E por que motivo no mundo alguém ia querer fotografá-las? Elas estão despencando, pelo péssimo estado.

— Ele tem um cabelo bem comprido. Parece um daqueles caras, os Beatles, ou como é que chamam o outro pessoal? Hippies, não é?

— Isso arrancou risos do fundo do salão e de uma mesa próxima.

Kincaid pegou sua bebida e saiu, os olhares ainda a segui-lo, enquanto atravessava a porta. Talvez tivesse cometido um erro ao convidar Francesca, mais por ela, não por ele. Se alguém a visse na ponte Cedar, isso logo se espalharia e, na manhã seguinte, chegaria ao café, repassado pelo jovem Fischer, do Posto Texaco. Provavelmente, até mais depressa que isso.

Ele aprendera a nunca subestimar uma cadeia de notícias em cidades pequenas. Dois milhões de crianças podiam estar morrendo de fome no Sudão, e isso não causava a menor dor na consciência. No entanto, a esposa de Richard Johnson vista com um estranho cabeludo — ah, isso sim, era notícia! Notícia para ser repassada, notícia para ser degustada, notícia que criava uma vaga onda carnal

na mente dos que a ouviam, a única emoção desse tipo que eles sentiriam naquele ano.

Ele terminou seu lanche e caminhou até o telefone público, no estacionamento do fórum. Discou o número dela. Francesca atendeu, ligeiramente ofegante, no terceiro toque. — Oi, é o Robert Kincaid, outra vez.

Ela sentiu um aperto instantâneo, ao pensar: *Ele não pode vir e ligou para dizer isso.*

— Deixe-me ser direto. Se for um problema para você vir comigo, esta noite, por causa da curiosidade das pessoas em uma cidade pequena, não se sinta forçada a isso. Francamente, não dou a mínima para o que pensam de mim por aqui e, de qualquer jeito, posso passar aí, mais tarde. O que estou tentando dizer é que talvez tenha sido um erro convidá-la, portanto, não se sinta obrigada a ir. Mesmo que eu adorasse tê-la junto comigo.

Ela estava pensando justamente nisso, desde que tinham conversado, mais cedo. Contudo, já havia decidido. — Não, eu gostaria de vê-lo trabalhando. Não estou preocupada com as conversas. — Ela *estava* preocupada, mas algo dentro de si tinha tomado a frente, algo que tinha a ver com risco. Custasse o que custasse, iria até a ponte Cedar.

— Ótimo. Só achei melhor checar. Vejo você mais tarde.

— Tudo bem — ele era sensível, ela já sabia disso.

Às quatro horas, ele parou em seu hotel, lavou um pouco de roupa na pia, colocou uma camisa limpa e jogou mais uma na caminhonete, junto com uma calça cáqui e sandálias que comprara na Índia, em 1962, quando fez uma matéria sobre a pequena ferrovia que chegava até Darjeeling. No bar, comprou dois pacotes de seis Budweisers. Oito garrafas caberiam, se ele arrumasse o filme, dentro da geladeira.

Estava quente, novamente, bem quente. Em Iowa, o sol do fim de tarde se acumulava ao estrago que fizera anteriormente, absorvido pelo cimento, pelos tijolos e pela terra.

A taberna estava escura e razoavelmente fresca, com a porta da frente aberta e grandes ventiladores de teto, além de um de pé, zumbindo altos decibéis. De alguma forma, o barulho dos

ventiladores, o cheiro da cerveja choca e da fumaça, o estrondo do fonógrafo e os rostos meio hostis que o encaravam faziam tudo parecer ainda mais quente.

Do lado de fora, na estrada, o sol quase doía, e ele pensou em Cascades, nos pinheiros e na brisa, ao longo do estreito de San Juan de Fuca, perto de Kydaka Point.

Francesca Johnson, no entanto, parecia refrescada. Estava recostada no para-choque de sua picape Ford, estacionada atrás de algumas árvores, perto da ponte. Usava o mesmo jeans que lhe caía tão bem, sandálias e uma camiseta branca generosa com seu corpo. Ele acenou, ao encostar ao lado de sua caminhonete.

— Oi. Que bom ver você. Está bem quente — disse ele. Conversa inocente, de rodeios. De novo, aquela inquietação, só por estar na presença de uma mulher por quem sentia algo. Ele nunca sabia direito o que dizer, a menos que a conversa fosse séria. Embora tivesse um bom senso de humor, ainda que com ligeira bizarrice, sua mente era basicamente séria e levava as coisas a sério. Sua mãe sempre repetira que ele era um adulto, aos quatro anos. Isso lhe serviu bem, como profissional. Segundo seu modo de pensar, porém, não lhe ajudava muito perto de mulheres como Francesca Johnson.

— Eu queria vê-lo fazendo suas fotos, como você diz.

— Bem, está prestes a ver e vai achar bem entediante. Pelo menos, as outras pessoas, em geral, acham. Não é como ouvir alguém tocar piano, quando você pode fazer parte. Na fotografia, a produção e a performance são separadas por um longo período. Hoje, estou fazendo a produção. Quando as fotos aparecerem, em algum lugar, isso será a performance. Você só vai me ver mexendo com uma porção de coisas, mas é muito bem-vinda. Na verdade, fico contente que tenha vindo.

Ela prestou atenção naquela meia dúzia de palavras. Ele não precisava tê-las dito. Poderia ter terminado em “bem-vinda”, mas não o fez. Estava mesmo contente em vê-la, ficou claro. Francesca torceu para que o fato de ela estar ali igualmente subtendesse algo para ele.

— Posso ajudar, de algum modo? — ela perguntou, enquanto ele calçava as galochas.

— Pode carregar o saco azul. Eu vou levar o bege e o tripé.

Então, ela se tornou uma assistente de fotógrafo. Ele estava errado. Tinha muita coisa para ver. Havia, sim, um tipo de performance, embora ele não tivesse consciência disso. Foi o que ela notara no dia anterior e era parte do que a atraía nele. Sua graça, seus olhos rápidos, o movimento dos músculos do antebraço. E a forma como se movia. Os homens que conhecia pareciam desajeitados, se comparados a ele.

Não que ele fosse apressado. Na verdade, não tinha pressa nenhuma. Havia uma característica de gazela nele, embora desse para ver que era forte, de um jeito flexível. Talvez fosse mais como um leopardo do que uma gazela. Sim, leopardo, era isso. Ele não era uma caça. Ela sentiu que era bem o contrário.

— Francesca, por favor, dê-me a câmera com a alça azul.

Ela abriu a mochila, sentindo-se excessivamente cautelosa, por causa do equipamento caro que ele manuseava de maneira tão casual, e tirou a câmera. Estava escrito "Nikon" no cromado acima do visor, com um "F" à esquerda do nome.

Ele estava de joelhos, no lado nordeste da ponte, com o tripé baixo e estendeu a mão esquerda, sem tirar os olhos do visor. Ela lhe deu a câmera, observando sua mão fechar ao redor da lente, ao sentir que a tocou. Robert trabalhava com o controle remoto no fim do fio, que ela já vira pendurado para fora do colete, antes. O disparador foi acionado. Ele levantou o disparador e o acionou uma vez mais.

Em seguida, segurou por baixo do tripé e despreendeu a câmera, que foi substituída pela que ela lhe dera. Enquanto prendia a nova, ele virou a cabeça na direção dela e deu um largo sorriso. — Obrigado, você é uma assistente de primeira — ela corou de leve.

Deus, o que era aquilo! Ele parecia uma criatura estelar que flutuava no rastro de um cometa e caíra em sua porta. Ela não conseguia nem ao menos dizer *de nada*, percebeu. Sentia-se meio lerda perto dele, embora não fosse por nada do que ele fizesse. Era

ela, não ele. Não estava acostumada à companhia de pessoas cuja mente trabalhava tão depressa.

Ele se deslocou para dentro do riacho, depois galgou a outra margem. Ela foi pela ponte, levando a mochila azul, e ficou atrás dele, feliz, estranhamente feliz. Havia uma energia ali, um tipo de força no modo como ele trabalhava. Ele não apenas esperava pela natureza como delicadamente a moldava segundo sua visão, fazendo com que se encaixasse ao que tinha em mente.

Impunha sua vontade à cena, calculando as mudanças na luz, com lentes diferentes, filmes distintos, de vez em quando, um filtro. Ele não reagia, dominava, usando habilidade e intelecto. Os fazendeiros também dominavam a terra com químicos e tratores. Entretanto, a forma de Robert Kincaid mudar a natureza era elástica e sempre deixava as coisas em sua forma original, quando terminava.

Ela notou o jeans repuxando ao redor dos músculos das coxas, quando ele ajoelhou. Olhou a camisa de brim desbotado colada em suas costas, os cabelos grisalhos por cima da gola, a forma como ele apoiava os quadris nos pés, ao ajustar alguma peça do equipamento e, pela primeira vez, em muito tempo, ficou molhada entre as pernas, só de olhar alguém. Ao sentir, ergueu os olhos para o céu noturno e respirou profundamente, ouvindo-o xingar baixinho, com um filtro emperrado que não queria soltar da lente.

Ele atravessou novamente o riacho, em direção às caminhonetes, revolvendo a água com suas galochas de borracha. Francesca seguiu pela ponte coberta e quando saiu do outro lado, ele estava agachado, apontando a câmera para ela. Robert disparou, abaixou e disparou de novo, e uma terceira vez, enquanto ela caminhava pela estrada, em sua direção, percebendo-se sorrindo, levemente constrangida.

— Não se preocupe — ele sorriu. —, não vou usar essas fotos em lugar nenhum, sem sua permissão. Terminei aqui. Acho que vou passar no hotel e tomar um banho rápido, antes de ir.

— Bem, você pode, se quiser, mas posso emprestar uma toalha e o chuveiro, ou a bomba de água, tanto faz — ela disse baixinho, sinceramente.

— Está bem, fechado. Vá em frente. Vou colocar o equipamento no Harry — o nome de meu carro — e já estarei lá.

Ela deu ré no Ford novo de Richard, tirando-o de debaixo das árvores, levou-o até a estrada principal, longe da ponte, dobrou à direita e seguiu em direção a Winterset, virando a sudeste, para casa. A poeira era densa demais para que visse se ele estava, ou não, vindo junto, apesar de que, uma vez, ao fazer uma curva, pensou ter visto seus faróis, uma milha atrás, trepidando pela estrada afora, na caminhonete que ele chamava de Harry.

Tinha de ser ele, pois ela ouviu a caminhonete subindo por sua entrada de veículos, logo depois que chegou. Jack primeiro latiu, logo se acomodando, a murmurar algo. *O mesmo cara de ontem à noite, acho que está tudo bem*, talvez. Kincaid parou, um instante, para falar com ele.

Francesca saiu pela porta da varanda dos fundos. — Banho?

— Seria ótimo. Mostre-me o caminho.

Ela o levou até o andar de cima, ao banheiro que tinha insistido que Richard fizesse, quando as crianças estavam crescendo. Aquela fora uma das exigências que manteve firme. Ela gostava de longos banhos de banheira, à noite, e não queria adolescentes perambulando em seus espaços privativos. Richard usava o outro banheiro, dizia-se desconfortável com todas as coisas femininas dela. “Muito espalhafatoso”, eram suas palavras.

O banheiro era acessível somente pelo quarto deles. Ela abriu a porta e tirou uma porção de toalhas e um pano de banho, de um armário, embaixo da pia. — Use o que quiser — ela sorriu, mordendo levemente o lábio inferior.

— Talvez eu pegue um pouquinho de xampu emprestado, se você puder me dar. O que tenho ficou no hotel.

— Claro, pode escolher — e colocou três frascos na bancada, todos usados.

— Obrigado. — Ele jogou as roupas limpas na cama e Francesca notou a calça cáqui, a camisa branca e as sandálias. Nenhum dos homens locais usava sandálias. Alguns deles, da cidade, tinham começado a usar bermudas, no campo de golfe, mas não os fazendeiros. E sandálias... jamais.

Ela desceu e ouviu o chuveiro sendo ligado. Ele devia estar nu, deduziu, sentindo uma coisa engraçada na barriga.

Mais cedo, depois que ele ligou, tinha dirigido as quarenta milhas até Des Moines, para ir até a loja de bebidas. Ela não era conhecedora do assunto, então, pediu ajuda ao vendedor para comprar um bom vinho. Ele não sabia muito mais do que ela, o que deu em nada. Assim, depois de dar uma olhada nas fileiras de garrafas, deparou-se com um rótulo que dizia "Valpolicella". Lembrou-se do nome, de muito tempo atrás. Seco, italiano, tinto. Comprou duas garrafas, mais um decanter de conhaque, sentindo-se sensual e experiente.

Em seguida, foi procurar um vestido novo, em uma loja da cidade. Encontrou um rosa claro, com alças finas. Era decotado nas costas e na frente também, mostrando o colo e a parte de cima dos seios, ajustável na cintura com uma faixa estreita. E sandálias brancas novas, caras, rasteiras, com tiras delicadamente trabalhadas.

À tarde, preparou pimentões recheados com molho de tomate e arroz marrom, queijo e salsinha picada. Depois, fez uma salada de espinafre simples, pão de milho e suflê de maçã de sobremesa. Exceto o suflê, levou tudo à geladeira.

Ela se apressou para encurtar o vestido, para bater no joelho. A revista *Register*, de Des Moines, tinha publicado uma matéria, no começo do verão, que dizia que seria o comprimento a ser adotado naquele ano. Ela sempre achou que a moda e tudo que lhe era relativo soava bem esquisito, as pessoas se portando como carneirinhos a serviço dos designers europeus. O comprimento lhe caía bem, então, assim seria a bainha.

O vinho era um problema. As pessoas dali o levavam à geladeira, embora isso nunca fosse feito, na Itália. No entanto, estava quente demais para deixá-lo na bancada. Ela se lembrou da despensa externa. Como no verão, fazia uns 15 °C lá dentro, deixou-o ali, junto à parede.

O chuveiro foi desligado no instante em que o telefone tocou. Era Richard, de Illinois.

— Está tudo bem?

— Sim.

— O novilho da Carolyn será julgado na quarta-feira. Tem outras coisas que nós queremos ver, no dia seguinte. Estaremos em casa na sexta, bem tarde.

— Tudo bem, divirtam-se e dirija com cuidado.

— Frannie, tem certeza de que está tudo bem? Você parece meio estranha.

— Não, eu estou bem. Só com muito calor. Ficarei melhor, depois de tomar um banho.

— Está bem. Mande um oi pro Jack, por mim.

— Sim, farei isso. — Ela olhou pro Jack, esparramado no chão de cimento da varanda dos fundos.

Robert Kincaid desceu a escada e entrou na cozinha. Camisa branca, mangas dobradas até os cotovelos, calça cáqui, sandálias marrons, pulseira de prata, os dois primeiros botões da camisa abertos, corrente de prata. Estava com o cabelo molhado, caprichosamente penteado, repartido no meio. E ela ficou maravilhada com as sandálias.

— Só vou levar minha roupa de trabalho até o carro e trazer o equipamento para limpar um pouquinho.

— Vá em frente. Eu vou tomar um banho.

— Quer uma cerveja para acompanhar?

— Se você tiver uma sobrando.

Ele trouxe primeiro a geladeirinha, tirou uma cerveja e a abriu, enquanto ela procurava duas taças. Assim que voltou para a caminhonete para pegar as câmeras, ela pegou a cerveja e subiu, reparando que ele tinha limpado a banheira. Depois, ela a encheu de água morna e se acomodou ali dentro com seu copo no chão, ao lado, enquanto se ensaboava e raspava as pernas. Ele estivera ali apenas alguns minutos antes; ela estava deitada no lugar em que a água havia escorrido pelo corpo dele e achou isso muito erótico. Quase tudo em Robert Kincaid tinha começado a parecer erótico para ela.

Algo simples como um copo de cerveja gelada na hora do banho, dava uma sensação bastante elegante. Por que ela e Richard não viviam assim? Ela sabia que, em parte, era a inércia da rotina

prolongada. Todos os casamentos e relacionamentos estão suscetíveis a isso. A rotina traz a previsibilidade e esta traz seus confortos próprios; também tinha ciência disso.

E havia a fazenda. Como um inválido exigente, precisava de atenção constante, embora a contínua substituição do trabalho humano pelos equipamentos tivesse facilitado muito, em relação ao passado.

Entretanto, mais coisa acontecia. Previsibilidade é uma coisa, medo de mudar é outra. E Richard tinha medo de qualquer mudança no casamento. E não queria falar a respeito. Não queria falar, principalmente, sobre sexo. O erotismo, de alguma forma, era um negócio perigoso e impróprio para seu modo de pensar.

Contudo, ele não era o único e realmente não merecia ser culpado. O que era a barreira à liberdade que havia sido erguida, então? Não era só na fazenda deles, mas na cultura rural. Talvez até na cultura urbana. Por que muros e cercas impediam relacionamentos naturais entre homens e mulheres? Por que a falta de intimidade, a ausência de erotismo?

As revistas femininas falavam dessas coisas. E as mulheres estavam começando a ter expectativas sobre os lugares que lhes haviam designado no grande panorama das coisas, assim como sobre aquilo que acontecia nos quartos de suas vidas. Homens como Richard — a maioria dos homens, ela imaginava — eram ameaçados por essas expectativas. De certa forma, as mulheres estavam pedindo que os homens fossem poetas e amantes apaixonados, ao mesmo tempo.

As mulheres não viam contradição nisso. Os homens, sim. Os vestiários esportivos, as reuniões masculinas, os salões de bilhar e as reuniões segregadas da vida deles definiam determinados conjuntos de características masculinas, nos quais poesia ou qualquer outra sutileza não tinham lugar. Por isso, se o erotismo fosse uma questão de sutileza, uma forma própria de arte, como Francesca sabia que era, não tinha lugar na trama da vida deles. Assim prosseguia a dança dispersiva e conveniente que os mantinha separados, enquanto as mulheres suspiravam e viravam seus rostos para a parede, nas noites de Madison County.

Algo na mente de Robert Kincaid compreendia tudo isso, estava implícito. E ela sabia.

Ao entrar no quarto, secando-se com a toalha, ela notou que passava um pouco das dez. Ela ainda estava com calor, mas o banho a refrescara. Tirou o vestido novo do armário.

Puxou o cabelo preto comprido para trás e prendeu-o com uma fivela prateada. Brincos de prata, de argola, e uma pulseira de prata, que comprara em Des Moines de manhã.

Novamente, o perfume Canção do Vento. Um pouquinho de batom na maçã do rosto, um tom mais claro de rosa que o do vestido. Seu bronzeado do trabalho ao ar livre, de short e camiseta curta, realçava o traje inteiro. Suas pernas esguias despontavam da bainha com um belo visual.

Ela se virou primeiro para um lado, depois para o outro, olhando-se no espelho da cômoda. *Isso é o melhor que dá para ficar*, pensou. Depois, satisfeita, disse em voz alta: — Mas até que está bem bom.

Robert Kincaid estava tomando sua segunda cerveja e guardando as câmeras, quando ela entrou na cozinha. Ele ergueu os olhos para ela.

— Jesus — murmurou ele. Todos os sentimentos, todas as buscas e reflexões, uma vida inteira sentindo, buscando e refletindo, tudo se fundiu, naquele instante. E ele se apaixonou por Francesca Johnson, esposa de fazendeiro, de Madison County, Iowa, que há muito viera de Nápoles.

— Quer dizer — a voz um pouquinho trêmula, um tantinho áspera —, se me perdoa a ousadia, você está deslumbrante. De fazer alguém sair correndo e uivando, de tão deslumbrante. É sério. Está muito elegante, Francesca, no sentido mais puro da palavra.

Ele a admirou verdadeiramente, era perceptível. Ela se deleitou com aquela admiração e a deixou envolvê-la, penetrando em seus poros como um óleo suave pelas mãos de uma divindade qualquer que a desertara em algum lugar, há anos, e agora havia regressado.

E, naquele momento, ela se apaixonou por Robert Kincaid, fotógrafo e escritor, de Bellingham, Washington, que dirigia uma caminhonete chamada Harry.

ESPAÇO PARA DANÇAR NOVAMENTE

NAQUELA NOITE DE terça-feira, em agosto de 1965, Robert Kincaid olhou fixamente para Francesca Johnson. Ela lhe retribuiu o olhar. A três metros de distância, eles ficaram presos um ao outro, firmemente, intimamente. Indissociáveis.

O telefone tocou. Ainda olhando para ele, ela não se mexeu com o primeiro toque nem com o segundo. No longo silêncio após o segundo toque, e antes do terceiro, ele respirou fundo e olhou para baixo, para as mochilas com suas câmeras. Com isso, ela conseguiu atravessar a cozinha, em direção ao telefone preso à parede, bem atrás da cadeira dele.

— Johnson's... Oi, Marge. Sim, estou bem. Quinta à noite?
— Ela calculou: ele tinha dito que ficaria uma semana e chegara há um dia, e era só terça. A decisão de mentir foi fácil.

Ela estava em pé, perto da porta da varanda, com o telefone na mão esquerda. Ele estava sentado a seu alcance, de costas para ela. Ela estendeu a mão direita e pousou no ombro dele, do jeito descontraído que algumas mulheres têm com os homens que estimam. Em apenas vinte e quatro horas, tinha passado a gostar de Robert Kincaid.

— Ah, Marge, eu estou ocupada. Vou fazer compras em Des Moines. É uma boa chance de fazer muitas coisas que venho adiando. Você sabe, com Richard e as crianças fora.

A mão dela continuava sobre ele, tranquila. Ela sentia o músculo que se estendia ao longo do ombro até atrás da clavícula. Olhava abaixo, vendo o cabelo grisalho farto, caprichosamente repartido. Viu como caía por cima de sua gola. Marge continuava tagarelando.

— Sim, Richard ligou há pouco... Não, a avaliação será só na quarta, amanhã. Richard disse que eles só vão voltar para casa tarde, na sexta. Tem alguma coisa que eles querem ver, na quinta. É um trajeto bem longo para vir dirigindo, principalmente o caminho de gado... Não, o treino do futebol só começa daqui a uma semana. É, uma semana. Pelo menos, foi isso que o Michael disse.

Ela tinha consciência do calor do corpo dele, através da camisa. O calor penetrava em sua mão, subia por seu braço e, dali, espalhava-se por ela, por onde quisesse, sem fazer força — de fato,

sem controle. Ele estava imóvel, sem querer fazer nenhum ruído que pudesse intrigar Marge. Francesca entendia isso.

— Ah, sim, aquele era um homem que pediu informações.
— Como imaginara, Floyd Clark tinha ido direto para casa e contado à esposa sobre a picape verde que tinha visto no quintal, no dia anterior, ao passar por ali.

— Um fotógrafo? Nossa, não sei. Não prestei muita atenção. Pode ter sido. — Agora, as mentiras vinham com mais facilidade.

— Ele estava procurando pela ponte Roseman... É mesmo? Tirando fotos da ponte, é? Ah, bem, isso é bem inofensivo.

— Hippie? — Francesca deu uma risadinha e ficou vendo a cabeça de Kincaid balançar para frente e para trás, lentamente.
— Bem, não sei bem como é um hippie. Esse sujeito era bem-educado. Ele só ficou um ou dois minutos e foi embora... Não sei se há hippies na Itália, Marge. Faz oito anos que eu não vou lá. Além disso, como você falou, não sei se reconheceria um hippie, se visse um.

Marge prosseguiu falando de amor livre e drogas, de coisas que havia lido, em algum lugar. — Marge, eu ia entrar na banheira, quando você ligou. Então, é melhor me apressar, antes que a água esfrie... Está bem, eu ligo em breve. Tchau.

Ela não queria tirar a mão do ombro dele, mas não havia um bom motivo para deixá-la ali. Então, caminhou até a pia e ligou o rádio. Mais música country. Ela ajustou a sintonia, surgiu uma banda tocando e ela deixou ali.

— *Tangerine* — disse ele.

— O quê?

— A música. Ela se chama *Tangerine*. É sobre uma mulher argentina. — De novo, falando pelas beiradas. Dizendo qualquer coisa, qualquer coisa. Lutando pelo tempo e o sentido de tudo, ouvindo, em algum lugar de sua mente, baixinho, o barulho de uma porta fechando-se atrás de duas pessoas, em uma cozinha de Iowa.

Ela sorriu suavemente para ele. — Você está com fome? Estou com o jantar pronto, quando você quiser.

— Foi um dia longo e bom. Eu não me importaria de tomar mais uma cerveja, antes de comer. Você tomaria uma comigo?

— Parando, procurando o eixo, perdendo-o, a cada momento.

Ela tomaria. Ele abriu duas cervejas e colocou uma do lado dela à mesa.

Francesca estava satisfeita com sua aparência e com o que sentia. Feminina. Assim ela se sentia. Leve, aquecida e feminina. Ela sentou-se na cadeira da cozinha, cruzou as pernas e a bainha do vestido subiu bem acima do joelho direito. Kincaid estava recostado na geladeira, de braços cruzados, Budweiser na mão direita. Ela sentiu satisfação por ele notar suas pernas. Ele notou.

Ele a notou inteira. E podia abandonar aquilo mais cedo, ainda podia. A racionalidade berrava com ele. *Deixe isso pra lá, Kincaid, volte para a estrada. Vá fotografar as pontes, vá para a Índia. No caminho, pare em Bangcoc e procure a filha do comerciante de seda que conhece todos os segredos extasiantes que os velhos modos podem ensinar. Nade nu com ela nas piscinas da floresta, ao amanhecer, e ouça seus gritos quando a virar do avesso, no crepúsculo. Deixe isso para lá — a voz já chiava — isso está fugindo do controle.*

Contudo, o lento tango de rua havia começado. Em algum lugar, tocava; ele podia ouvir, como um antigo acorde. Estava bem atrás, ou muito adiante, não tinha certeza. No entanto, vinha direto, resoluto. E o som embaçava seu discernimento e afunilava suas alternativas em direção à união. Fazia isso de modo implacável, até não haver lugar nenhum para ir, exceto rumo a Francesca Johnson.

— Podemos dançar, se você quiser. A música é boa para isso — disse ele, com seu jeito sério. Em seguida, deu o alerta: — Não sou grande coisa dançando, mas acho que consigo, em uma cozinha.

Jack arranhou a porta da cozinha, querendo entrar. Ele podia ficar lá fora.

Francesca corou, ligeiramente. — Tudo bem. Também não danço muito... mais. Quando era garota, eu dançava, na Itália. Agora, só na noite de Ano-Novo, e só um pouquinho.

Ele sorriu e colocou a cerveja na bancada. Ela se levantou e eles seguiram em direção um do outro. — É sua festa de dança de terça-

feira, da WGN, Chicago — disse a voz suave de barítono. — Voltaremos depois dos comerciais.

Os dois riram. Telefones e comerciais. Havia algo que ficava inserindo a realidade entre eles. Sem dizer uma palavra, eles sabiam.

Entretanto, ele lhe estendeu a mão esquerda e pegou sua mão direita. E recostou calmamente na bancada, com os tornozelos cruzados, o direito por cima. Ela recostou ao lado, junto à pia, e olhou pela janela, perto da mesa, sentindo aqueles dedos esguios em volta de sua mão. Não havia brisa e o milho estava crescendo.

— Ah, só um minuto. — Relutante, ela tirou a mão da dele e abriu o armário inferior, à direita. Dali, tirou duas velas brancas, que havia comprado em Des Moines, pela manhã, junto com dois castiçais de bronze, um para cada vela. E os colocou na mesa.

Ele se aproximou, inclinou cada um deles e os acendeu, enquanto ela apagava a luz do teto. Agora, estava escuro, exceto pelas pequenas chamas que apontavam para o alto, quase imóveis, na noite sem vento. A cozinha simples nunca ficara tão bonita.

A música começou, de novo. Felizmente, para os dois, era uma versão lenta de *Autumn Leaves*.

Ela se sentia constrangida. Ele também. No entanto, segurou-lhe a mão, passou o braço ao redor de sua cintura, ela se aproximou e o constrangimento sumiu. De algum modo, deu certo, de um jeito tranquilo. Ele contornou mais sua cintura com o braço, trazendo-a mais para perto.

Ela sentia seu cheiro limpo de sabonete, morno. Um cheiro bom e básico, de um homem civilizado, que parecia, em alguma parte de si, aborígene.

— Perfume gostoso — disse ele, erguendo as mãos de ambos, pousando-as no próprio peito, perto do ombro.

— Obrigada.

Eles dançaram devagar. Sem se mover muito em nenhuma direção. Ela sentia as pernas dele junto das suas, as barrigas se encostando, de quando em quando.

A música acabou, e ele continuou abraçado a ela, cantarolando baixinho a melodia que tinha acabado de tocar, e eles ficaram assim

até que a música seguinte começou. Ele logo a conduziu pela música e a dança prosseguiu, enquanto os gafanhotos reclamavam a chegada de setembro.

Ela sentia os músculos de seu ombro, através da camisa leve de algodão. Ele era real, mais do que qualquer coisa que já havia conhecido. Ele se curvou ligeiramente, para encostar seu rosto no dela.

Durante o tempo que passaram juntos, ele se referiu a si mesmo, uma vez, como um dos últimos caubóis. Eles estavam sentados na grama, perto da bomba de água, nos fundos. Ela não entendeu e o questionou.

— Há um tipo de homem que está obsoleto — ele dissera. — Ou muito perto de estar. O mundo está ficando organizado, organizado demais para mim, e alguns outros. Tudo está em seu lugar, tem um lugar para tudo. Bem, meu equipamento fotográfico é bem organizado, eu admito, mas estou falando de algo mais que isso. Regras, regulamentos, leis e convenções sociais. Hierarquias de autoridade, extensão de controle, planos e orçamentos de longo prazo. Poder corporativo. Um mundo de ternos amassados e etiquetas adesivas.

— Nem todos os homens são iguais. Alguns vão se sair razoavelmente bem no mundo que está vindo. Outros, talvez apenas alguns de nós, não. Você pode ver isso em computadores e robôs e no que eles prognosticam. Nos mundos antigos, havia coisas que podíamos fazer, que éramos feitos para fazer, que ninguém mais, nenhuma máquina podia fazer. Nós corremos com grande velocidade, somos fortes e ligeiros, agressivos e durões. Foi-nos dada coragem. Podemos arremessar lanças a longas distâncias e lutar em combates, corpo a corpo.

— Um dia, os computadores e os robôs vão dirigir as coisas. Os humanos vão controlar essas máquinas, o que não exige coragem ou força, e nenhuma dessas características. Na verdade, os homens estão vivendo mais que sua própria utilidade. Tudo de que você precisa é de bancos de esperma para manter a espécie, e eles estão chegando. As mulheres dizem que a maioria dos homens é

composta por péssimos amantes. Portanto, não há muita perda em substituir o sexo pela ciência.

— Estamos abrindo mão de liberdade de ação, ficando organizados, revestindo nossas emoções. Eficiência e eficácia em todos os tipos de artifício intelectual. E com a perda de liberdade de ação, o caubói desaparece junto com o leão da montanha e o lobo-cinza. Não sobra muito espaço para os viajantes.

— Sou um dos últimos caubóis. Meu trabalho me dá certa liberdade de ação. O máximo que se pode encontrar, hoje em dia. No entanto, não estou triste por isso. Talvez, um pouco saudoso, eu acho. Mas isso tem de acontecer: é a única maneira de evitar que nos destruamos. Meu argumento é o de que os hormônios masculinos são a grande causa dos problemas neste planeta. Uma coisa era dominar outra tribo ou outro guerreiro. Ter mísseis é bem diferente. Também é bem diferente ter poder para destruir a natureza, do jeito que estamos fazendo. Rachel Carson está certa. Assim como John Muir e Aldo Leopold.

— A maldição da era moderna é a preponderância dos hormônios masculinos em locais onde eles podem provocar estragos em longo prazo. Até quando não estamos falando de guerras entre nações ou agressões à natureza, ainda há aquela agressividade que nos mantém distantes uns dos outros e dos problemas que precisamos resolver. De alguma maneira, nós precisamos sublimar esses hormônios masculinos ou, pelo menos, tê-los sob controle.

— Provavelmente, é hora de colocar de lado as coisas de infância e crescer. Droga, eu reconheço isso. Admito isso. Estou apenas tentando fazer boas fotos e sair desta vida, antes que esteja totalmente obsoleto, ou cause sérios danos.

Ao longo dos anos, ela havia pensado no que ele dissera. De alguma forma, parecia-lhe certo. No entanto, seu jeito contradizia o que ele falava. Ele tinha certa agressividade, mas parecia conseguir dominá-la; ligá-la, e depois abrir mão dela, quando quisesse. E isso a confundia e atraía — uma intensidade incrível, porém controlada, medida; como uma flecha que era um misto de ternura e nenhum traço de crueldade.

Naquela terça à noite, aos poucos e sem planejamento, eles foram se aproximando cada vez mais, dançando na cozinha. Francesca estava colada ao peito dele e ficou imaginando se Robert sentia seus seios através do vestido e da camisa, e teve certeza que sim.

Ele lhe trazia uma sensação tão boa. Ela queria que aquilo durasse para sempre. Mais canções antigas, mais dança, mais do corpo dele junto ao dela. Francesca tinha voltado a ser mulher. Havia espaço para dançar, outra vez. De um modo lento e incessante, ela estava retornando para casa, para um lugar onde nunca mais estivera.

Estava quente. A umidade do ar estava elevada e os trovões rugiam à distância, no sudeste. As mariposas pousavam nas telas, procurando as velas, assediando o fogo.

Agora, ele estava caindo para dentro dela. E ela para dentro dele. Ela afastou o rosto do dele, procurou-o com olhos inebriados e ele a beijou. E ela retribuiu o beijo. Um beijo demorado e suave, um rio de beijo.

Eles desistiram do pretexto de dançar e os braços dela o enlaçaram no pescoço. Ele levou a mão esquerda à cintura dela, às costas, enquanto a outra afagava seu pescoço, seu rosto e seu cabelo. Thomas Wolfe falava do "fantasma da velha avidez". O fantasma havia remexido Francesca Johnson por dentro. Por dentro dos dois.

Sentada junto à janela, em seu aniversário de sessenta e sete anos, Francesca olhava a chuva e se lembrava. Ela levou o conhaque para a cozinha e parou, um instante, vendo o local exato em que os dois estiveram. Os sentimentos dentro dela eram esmagadores; sempre foram. Fortes o suficiente para que, ao longo dos anos, ela só se atrevesse a fazer isso em detalhes uma vez por ano, ou sua mente teria se desintegrado com a violenta emoção envolvida.

A abstinência de suas recordações havia sido uma questão de sobrevivência. Apesar disso, nos últimos tempos, os detalhes vinham com uma frequência cada vez maior. Ela havia deixado de tentar impedir que a adentrassem. As imagens eram claras e reais, presentes. E tão distantes no passado: vinte e dois anos antes. No

entanto, lentamente voltavam a ser sua realidade, a única realidade que ela se importava viver.

Ela sabia que estava com sessenta e sete anos e aceitava o fato, mas não conseguia imaginar Robert Kincaid com setenta e cinco. Não conseguia pensar nisso nem conceber a ideia. Ele estava ali com ela, bem ali, em sua cozinha, com sua camisa branca, seus cabelos grisalhos compridos, a calça cáqui, as sandálias marrons, a pulseira de prata, o cordão de prata em seu pescoço. Ele estava ali, com os braços ao redor dela.

Finalmente, ela se afastou dele, de onde estavam, na cozinha, e o pegou pela mão, levando-o em direção à escada, para cima. Passou pelo quarto de Carolyn, pelo de Michael, entrou no próprio quarto e acendeu uma pequena luminária de leitura, ao lado da cama.

Após tantos anos, Francesca levava seu conhaque escada acima, devagar, a mão direita para trás, trazendo a lembrança dele vindo atrás, seguindo pelo corredor, entrando no quarto.

As imagens físicas estavam incrustadas em sua mente com tanta clareza que podiam ser aquelas fotografias tão nítidas que ele fazia. Como em um sonho, ela se lembrava da sequência das roupas sendo tiradas e dos dois nus, na cama. Lembrava-se de como ele ficava acima dela, movendo o peito lentamente, junto de sua barriga e entre seus seios. Dele a fazê-lo repetidamente, como em um ritual de corte entre animais, em algum antigo texto de zoologia. Conforme se movia acima dela, ele alternava beijos em seus lábios e suas orelhas, passava a língua em seu pescoço, lambendo-a como um leopardo talvez fizesse, no capim alto da estepe.

Ele era um animal. Um animal macho gracioso e rijo, que não fazia nada de excessivo para dominá-la, e, no entanto, domava-a por inteiro, do modo exato que ela queria que acontecesse, naquele momento.

Era algo muito além de físico, embora o fato de ele poder fazer amor com ela por um longo tempo, sem se cansar, fizesse parte. Amá-lo era espiritual — para ela, soava quase banal, pela atenção dedicada à questão, ao longo de duas décadas. Era espiritual, e não banal.

Enquanto faziam amor, ela sussurrara para ele, resumindo tudo em uma frase: — Robert, você é tão poderoso que é assustador. — Ele era, mesmo, poderoso fisicamente, embora usasse sua força com cuidado. No entanto, era mais que isso.

Sexo era uma coisa. Na época em que o conheceu, ela havia mergulhado na expectativa — possibilidade, na verdade — de algo prazeroso, um rompimento com a rotina da mesmice. Só não contava com esse poder intrigante.

Era quase como se ele tivesse se apossado dela, em todas as suas dimensões. Isso é que era assustador. No começo, ela acreditou que uma parte sua pudesse se manter afastada do que tivesse com Robert Kincaid, a parte pertencente à família e a vida em Madison County.

Contudo, ele simplesmente lhe arrancou tudo. Ela deveria ter sabido, assim que ele desceu da caminhonete para pedir informações. Naquele instante, ele parecia um xamã e o julgamento original que ela fizera estava correto.

Eles faziam amor por uma hora, talvez mais. Depois, ele lentamente se afastava e a olhava, acendia um cigarro e outro para ela. Ou, às vezes, ficava só deitado ao lado, com uma das mãos deslizando em seu corpo. Então, estava de novo dentro dela, sussurrando palavras suaves em seu ouvido, enquanto a amava, beijando-a entre uma frase e outra, por entre as palavras, passando o braço em volta de sua cintura, puxando-a para ele, mergulhando nela.

E ela começava a girar na própria mente, respirando ofegante, deixando que ele a levasse para onde ele vivia. E ele vivia em lugares estranhos, assombrados, bem no passado, com os primeiros brotos da lógica de Darwin.

Com o rosto mergulhado em seu pescoço e a pele colada à dele, ela sentia o cheiro dos rios e da fumaça de madeira, ouvia os trens deixando as estações, nos invernos, em noites de muito tempo atrás, via os viajantes de túnicas pretas atravessando rios congelados, campinas de verão, seguindo seus caminhos até o fim das coisas. O leopardo a varria, repetidas vezes, como um vendaval acima do campo, e, embaixo dele, ela seguia aquela ventania, como

uma virgem do templo, rumo às doces fogueiras que marcavam a suave curva do esquecimento.

E ela murmurava, baixinho, ofegante — Ah, Robert... Robert... estou me perdendo.

Francesca, que tinha deixado de ter orgasmos há anos, agora os tinha em longas sequências, com um meio homem, meio outra criatura. Ficou imaginando-o e sua resistência e ele lhe disse que conseguia chegar a esses lugares em sua mente, assim como os físicos. E que os orgasmos da mente tinham sua característica própria e especial.

Ela não tinha ideia do que ele queria dizer. Tudo que sabia era que ele a puxara com uma amarra de algum tipo e passara aquilo ao redor dos dois, com tanta força, que ela teria sufocado, se não fosse pela própria liberdade que sentia.

A noite prosseguiu e, com ela, a grande dança espiral. Robert Kincaid descartava o sentido de qualquer coisa linear e se deslocava para uma parte de si que só lidava com forma, som e sombra. E seguia pelos caminhos dos modos antigos, encontrando sua direção nas velas de gelo banhadas pelo sol, derretendo sobre a grama do verão e as folhas vermelhas de outono.

Ouvia as palavras que sussurrava para ela, como se fossem ditas por outra voz, não a sua. Fragmentos de um poema de Rilke: — Ao redor da antiga torre... Eu tenho circulado há mil anos. — Frases de um cântico Navajo ao sol. Ele sussurrou as visões que ela lhe trazia — de sopro de areia e de vento magenta, de pelicanos marrons nas costas de golfinhos, seguindo ao norte, pela costa da África.

Sons pequenos, sons incompreensíveis que vinham dos lábios dela, enquanto ela se arqueava em sua direção. Uma linguagem que ele compreendia inteiramente e, naquela mulher embaixo dele, com sua barriga contra a dela, profundamente dentro dela, a longa busca de Robert Kincaid tinha chegado ao fim.

E ele, afinal, soube o significado de todas as pegadas em todas as praias desertas por onde já havia caminhado, de todas as cargas secretas transportadas pelos navios nunca navegados, de todos os rostos cortinados que o observaram passando por ruas curvas de

idades crepusculares. E, como o grande caçador antigo que viajara longas distâncias e agora avistava as luzes das fogueiras de seu lar, sua solidão havia se dissipado. Enfim. Enfim. Ele tinha chegado tão longe... tão longe. E ele estava deitado sobre ela, perfeitamente formado e inalteradamente completo em seu amor por ela. Enfim.

Com a manhã chegando, ele se ergueu um pouco e disse, olhando-a diretamente nos olhos: — Por isso estou aqui, neste planeta, neste instante, Francesca. Não para viajar ou para fazer fotos, mas para amar você. Agora, sei disso. Eu venho caindo da beira de um lugar alto e grande, há muito tempo, nos muitos anos que já vivi. E, ao longo de todos esses anos, tenho caído em direção a você.

Quando eles desceram, o rádio ainda estava ligado. O amanhecer tinha chegado, mas o sol estava por trás de uma névoa.

— Francesca, tenho um favor a lhe pedir — ele sorriu para ela, que mexia na cafeteira.

— Sim? — Ela olhou para ele. *Oh, Deus, eu o amo tanto*, ela pensou, oscilante, querendo mais dele, sem jamais parar.

— Vista o jeans e a camiseta que você usou ontem à noite, com as sandálias. Nada mais. Quero fazer uma foto sua, do jeito que está, esta manhã. Uma fotografia só para nós.

Ela subiu, com as pernas fracas de ficar emaranhada nele a noite toda, vestiu-se, e eles foram para fora, até o pasto. Ali, ele fez a fotografia que ela olhava, a cada ano.

A ESTRADA E O PEREGRINO

ROBERT KINCAID ABRIU mão da fotografia, nos dias seguintes. E, com exceção das tarefas necessárias, que ela minimizou, Francesca Johnson abriu mão dos afazeres da fazenda. Os dois passaram o tempo todo juntos, ou conversando, ou fazendo amor. Duas vezes, a pedidos, ele tocou violão e cantou para ela, com uma voz entre razoável e boa, um tanto desconfortável, dizendo que era sua primeira plateia. Quando ele disse isso, ela sorriu e o beijou, depois relaxou com seus sentimentos, ouvindo-o cantar sobre navios baleeiros e ventos do deserto.

Ela foi com ele, no Harry, até o aeroporto de Des Moines, para que despachasse filmes para Nova York. Quando era possível, ele sempre enviava os primeiros rolos antecipadamente, para que os editores pudessem ver o que estava fazendo e os técnicos pudessem verificar que os disparadores de suas câmeras funcionavam de maneira apropriada.

Depois, ele a levou a um restaurante elegante, para o almoço, e segurou as mãos dela do outro lado da mesa, olhando-a de seu modo intenso. E o garçom sorriu, apenas observando-os, torcendo para que algum dia sentisse algo parecido.

Ela se maravilhava com o conceito que Robert Kincaid tinha de estar chegando a um momento conclusivo, e a tranquilidade com que o aceitava. Ele podia ver a aproximação da morte dos caubóis e de outros semelhantes, incluindo-se nisso. E ela começou a entender ao que ele se referia, quando disse que estava no término de um ramo da evolução e era um beco sem saída. Uma vez, quando falava sobre o que chamava de "últimas coisas", ele sussurrou: — "Nunca mais", gritou o Mestre do Deserto. "Nunca, nunca, nunca mais." — Ele não via nada além de si em seu próprio ramo. Sua espécie estava obsoleta.

Na quinta-feira, eles conversaram, depois de fazer amor, durante a tarde. Ambos sabiam que essa conversa tinha de acontecer. Ambos a vinham evitando.

— O que vamos fazer? — disse ele.

Ela ficou em silêncio, um silêncio arrasador. — Eu não sei — disse ela, baixinho.

— Olhe, eu vou ficar aqui, se você quiser, ou na cidade, ou onde for. Quando sua família chegar, eu apenas vou conversar com seu marido e explicar o que acontece. Não será fácil, mas vou fazê-lo.

Ela sacudiu a cabeça. — Richard jamais entenderia isso, ele não pensa nesses termos. Ele não conhece mágica e paixão, e todas essas coisas de que falamos e que vivenciamos, e nunca entenderá. Isso não o torna uma pessoa inferior. Só é muito distante de qualquer coisa que ele já tenha sentido ou pensado. Ele não tem como lidar com isso.

— Então, vamos deixar isso tudo pra lá? — ele estava sério, sem sorrir.

— Também não sei. Robert, de um jeito curioso, você me possui. Eu não queria ser possuída, não precisava disso, e sei que você não pretendia, mas foi o que aconteceu. Não estou mais aqui sentada na grama, a seu lado. Você me tem dentro de você, como uma prisioneira condescendente.

Ele respondeu: — Não tenho certeza se você está dentro de mim, ou que estou dentro de você, ou que a possuo. Pelo menos, não quero possuí-la. Acho que ambos estamos dentro de outro ser que criamos, chamado "nós".

— Bem, na verdade, nós não estamos dentro desse ser. Nós *somos* esse ser. Nós dois nos perdemos e criamos outra coisa, algo que só existe com nosso entrelaçamento. Cristo, estamos apaixonados. Tão profundamente apaixonados quanto se pode estar.

— Venha viajar comigo, Francesca. Isso não é problema. Faremos amor na areia do deserto e tomaremos conhaque nas sacadas de Mombasa, vendo as embarcações vindas da Arábia, armando suas velas no primeiro vento matinal. Vou lhe mostrar o país dos leões e uma velha cidade francesa na Baía de Bengala, onde há um restaurante maravilhoso, no topo de um telhado, e os trens que atravessam os estreitos montanhosos, passando por pequenas pousadas administradas pelos bascos, no alto dos Pirineus. Uma reserva de tigres, no sul da Índia, possui um lugar especial em uma ilha, no meio de um lago imenso. Se você não gostar de ficar viajando, vou montar uma loja, em algum lugar, e

fazer fotos locais, ou retratos, ou o que for preciso para que a gente continue.

— Robert, quando estávamos fazendo amor, ontem à noite, você disse algo que ainda me lembro. Fiquei sussurrando para você, sobre seu poder — e, meu Deus, como tem isso. Você disse: “Eu sou uma estrada e um peregrino e todas as velas que já foram ao mar”. Você estava certo. Isso é o que você sente; você sente a estrada dentro de você. Não, mais que isso, de um jeito que não sei se posso explicar, você é a estrada. Na fenda em que a ilusão encontra a realidade, é onde você está. Lá fora, na estrada, e a estrada é você.

— Você é velhas mochilas em uma caminhonete chamada Harry e aviões a jato para a Ásia. E é isso que eu quero que você seja. Se seu ramo de evolução é um beco sem saída, como você diz, quero que chegue ao fim em velocidade máxima. Não tenho certeza se poderá fazer isso comigo junto. Será que você não vê? Eu o amo tanto que nem posso pensar em restringi-lo, nem por um instante. Fazer isso seria matar o animal selvagem e magnífico que você é, e seu poder morreria com ele.

Ele tentou falar, mas Francesca o impediu.

— Robert, ainda não terminei. Se você me pegasse nos braços e me carregasse até a caminhonete e me forçasse a ir junto, eu não daria um pio para reclamar. Você poderia fazer a mesma coisa apenas falando comigo. Mas acho que não o fará. Você é sensível demais e ciente de meus sentimentos, para fazê-lo. E eu tenho sentimentos de responsabilidade aqui.

— Sim, é entediante, em seu próprio modo. Ou seja, minha vida é. Ela carece de romance, erotismo, de dançar na cozinha, à luz de velas, e da sensação maravilhosa de um homem que sabe amar uma mulher. Acima de tudo, ela carece de você. Mas há essa maldita sensação de responsabilidade que possuo. Com Richard e as crianças. Apenas minha partida ou minha ausência física já seria difícil demais para ele. Só isso já o destruiria.

— Além disso, até pior, ele teria de viver o resto da vida com os cochichos das pessoas daqui: “Aquele é Richard Johnson. Sua esposinha foga italiana fugiu com um fotógrafo cabeludo, há

alguns anos”. Ele precisaria sofrer isso e as crianças teriam de ouvir os deboches de Winterset, enquanto vivessem ali. Elas também sofreriam. E me odiariam por isso.

— Por mais que eu queira você e queira estar com você e fazer parte de você, não posso me arrancar da realidade de minhas responsabilidades. Se você me forçar, física ou mentalmente, como disse, não poderei lutar contra. Não tenho força, por causa de meus sentimentos por você. Apesar do que falei, sobre não lhe tirar a estrada, eu iria, por causa de meu querer egoísta.

— Mas, por favor, não me obrigue a fazê-lo. Não me faça abrir mão de minhas responsabilidades. Não posso fazer uma coisa e viver com ela na cabeça. Se eu partisse agora, os pensamentos me transformariam em outra mulher, diferente da que você passou a amar.

Robert Kincaid estava em silêncio. Ele sabia que ela falava sobre a estrada e as responsabilidades, e como a culpa poderia transformá-la. Ele sabia que ela estava certa, de alguma maneira. Olhando pela janela, ele lutava consigo, lutava para entender os sentimentos dela. Ela começou a chorar.

Então, eles ficaram abraçados, por um bom tempo. E ele sussurrou para ela: — Tenho uma coisa para dizer, só uma. Eu nunca mais voltarei a dizer a ninguém e peço que você se lembre: em um universo de ambiguidade, esse tipo de certeza só surge uma vez, nunca mais, não importa quantas vidas você viva.

Naquela noite de quinta-feira, eles fizeram amor outra vez e ficaram deitados, juntos, até bem depois de amanhecer, tocando-se e sussurrando. Francesca dormiu um pouquinho e, quando acordou, o sol estava alto e já fazia calor. Ela ouviu a porta do Harry ranger e vestiu uma roupa.

Ele tinha feito café e estava sentado à mesa da cozinha, fumando, quando ela chegou. Ao lhe sorrir, ela atravessou a cozinha e mergulhou o rosto no pescoço dele, com as mãos em seus cabelos. Ele passou os braços em volta de sua cintura, virou-a e a pôs em seu colo.

Por fim, levantou-se. Vestia seu velho jeans, com os suspensórios de cor laranja por cima de uma camisa cáqui, suas

botas Red Wing com os cadarços amarrados, o canivete vermelho Swiss Army em seu cinto. Seu colete de fotógrafo estava pendurado nas costas da cadeira, com o cabo do disparador automático para fora de um dos bolsos. O caubói tinha a sela pronta.

— É melhor que eu vá andando.

Ela concordou e começou a chorar. E viu lágrimas nos olhos dele, que sustentou seu pequeno sorriso.

— Tudo bem se lhe escrever, uma hora dessas? Quero pelo menos mandar uma ou duas fotos.

— Tudo bem — disse Francesca, limpando os olhos no pano pendurado na porta do armário. — Vou inventar alguma desculpa para receber uma carta de um fotógrafo hippie, contanto que não seja exagerada.

— Você tem meu endereço e telefone de Washington, não é? — ela assentiu. — Se eu não estiver lá, ligue para o escritório da *National Geographic*. Aqui, vou anotar o número para você. — Ele escreveu no bloco perto do telefone, arrancou a folha e deu a ela.

— Ou também pode encontrar o número na revista. Peça o escritório editorial. Eles sabem onde estou, na maioria das vezes.

— Não hesite, se quiser me ver, ou só conversar. Pode me ligar a cobrar, para qualquer lugar do mundo; assim a ligação não vai aparecer na sua conta. Eu vou ficar por aqui, mais alguns dias. Pense no que lhe disse. Eu posso vir aqui, resolver a questão rapidamente e nós seguimos de carro para o Nordeste, juntos.

Francesca não disse nada. Ela sabia que ele poderia, sim, resolver a questão. Richard era cinco anos mais novo, mas não era páreo intelectual ou físico para Robert Kincaid.

Ele vestiu o colete. Ela sentia a mente vazia girando. — Não vá embora, Robert Kincaid! — ouvia sua voz gritando, por dentro.

Ele pegou a mão dela e saiu pela porta dos fundos, em direção à caminhonete. Abriu a porta do motorista, colocou o pé no estribo, depois desceu e a abraçou mais uma vez, por vários minutos. Nenhum dos dois falou, apenas ficaram ali, em pé, dando, recebendo, gravando a sensação um do outro, para nunca mais apagar. Reafirmando a existência daquele ser especial do qual ele tinha falado.

Pela última vez, ele a soltou e entrou na caminhonete, e ficou ali sentado, com a porta aberta. As lágrimas rolavam por seu rosto. E também pelo rosto dela. Ele lentamente puxou e fechou a porta, com as dobradiças rangendo. Como sempre, Harry estava relutante em ligar, e ela ouviu sua bota apertar o acelerador e a velha picape, por fim, pegar.

Ele engrenou a ré e ficou ali sentado, pisando na embreagem. Primeiro, sério, depois, com um sorrisinho, olhando a rua. — A estrada, você sabe. Eu estarei no sudeste da Índia, no mês que vem. Quer um cartão de lá?

Ela não conseguia falar, mas sacudiu a cabeça que não. Seria demais para Richard encontrar na caixa de correio. Ela sabia que Robert compreendia. Ele fez que sim.

A picape deu ré no quintal da fazenda, esmagando as pedrinhas e o cascalho, as galinhas fugindo das rodas. Jack saiu latindo e correndo atrás de uma delas, na direção da cabana das máquinas.

Robert Kincaid acenou para ela pela janela do passageiro, que estava aberta. Ela viu o sol reluzir em sua pulseira de prata. Os dois primeiros botões de sua camisa estavam abertos. Ele virou na faixa e seguiu por ela. Francesca ficou limpando os olhos, tentando ver, a luz do sol que formava prismas estranhos em suas lágrimas. Como tinha feito na noite em que se conheceram, ela se apressou até a margem da rua e ficou olhando a velha picape seguir trepidando. No fim da estradinha de chão, a porta do motorista foi escancarada e ele ficou em pé, no estribo. Conseguia enxergá-la cem metros atrás, parecendo pequenina com a distância.

Ele ficou ali em pé, com o motor do Harry impacientemente ligado, sob o calor, olhando. Nenhum dos dois se mexia; já haviam se despedido. Só olhavam — a dona de casa da área rural de Iowa, a criatura no fim de seu ramo evolutivo, um dos últimos caubóis. Ele ficou ali por trinta segundos, seus olhos de fotógrafo não perdiam nenhum detalhe, formando a imagem própria que jamais perderia.

Em seguida, fechou a porta, engatou a marcha e estava chorando de novo, ao virar à esquerda, na estrada rural, em direção a Winterset. Ele olhou para trás, bem na hora em que um bosque de

árvores impediria sua visão e a viu sentada, de pernas cruzadas, na poeira, onde começava a estrada, com a cabeça entre as mãos.

Richard e as crianças chegaram à noitinha, contando as histórias da feira e com um prêmio que o novilho tinha recebido, antes de ser vendido para abate. Carolyn logo foi para o telefone. Era sexta-feira e Michael pegou a picape para ir à cidade, fazer as coisas que os garotos de dezessete anos fazem, nas noites de sexta — ficar pela praça conversando com as garotas ou gritando para as que passam de carro. Richard ligou a televisão, dizendo à Francesca como estava bom o pão de milho, enquanto comia um pedaço com manteiga e calda de bordo.

Ela sentou no balanço da varanda da frente. Dez horas, depois que o programa na TV terminou, Richard foi para fora. Ele se espreguiçou e disse: — Que bom estar de volta em casa. — Depois, olhando para ela, falou: — Você está bem, Frannie? Parece meio cansada, ou sonhadora, algo assim.

— Sim, estou bem, Richard. É bom ter vocês de volta.

— Bem, eu vou me deitar. Foi uma semana longa, lá na feira, e estou quebrado. Você vem, Frannie?

— Daqui a pouquinho. Está tão bom aqui fora, acho que vou ficar aqui sentada, só por algum tempo. — Ela estava cansada, mas também tinha receio de que Richard talvez estivesse pensando em sexo. Ela simplesmente não conseguiria encarar, aquela noite.

Ela o ouvia andando no quarto, acima, enquanto empurrava o balanço com o pé descalço, no chão da varanda. Dos fundos da casa, ouvia o rádio de Carolyn tocando.

Durante os dias seguintes, evitou ir à cidade, sabendo que Robert Kincaid estava tão pertinho. Francamente, ela achava que não poderia se conter, se o visse. Talvez corresse para ele e dissesse: “Agora! Temos de ir agora!”. Ela tinha corrido o risco, ao encontrá-lo na ponte Cedar, agora era arriscado demais voltar a vê-lo.

Na terça-feira, os mantimentos já estavam escassos e Richard precisava comprar uma peça para a colhedeira de milho, que recolocava em ordem. O dia passou devagar, com uma chuva constante, névoa leve, um clima fresco para agosto.

Richard comprou sua peça e tomou café com os outros homens, enquanto ela fazia compras no mercado. Ele conhecia sua rotina e ficou esperando-a na frente do Super Value. Quando ela terminou, ele pulou do carro, com seu boné Allis-Chalmers, e a ajudou a colocar os sacos na picape Ford, no banco e ao redor dos joelhos dela. E ela pensou em tripés e mochilas.

— Tenho de dar mais um pulo na autorizada. Eu me esqueci de outra peça de que talvez precise.

Eles seguiram ao Norte, pela Route 169, que formava a rua principal de Winterset. Uma quadra ao Sul do posto Texaco, ela viu Harry saindo das bombas de gasolina, com os limpadores de para-brisa ligados, seguindo na estrada, à frente deles.

O momento fez com que eles ficassem exatamente atrás da velha caminhonete e, sentada ereta no Ford, ela viu a lona preta bem amarrada na traseira e os contornos da mala e o estojo do violão, ao lado do estepe. O vidro traseiro estava salpicado de chuva, mas parte da cabeça dele estava visível. Ele se inclinou à frente, como se para pegar algo no porta-luvas; há oito dias, ele tinha feito isso e seu braço encostou na perna dela. Uma semana antes, ela foi à Des Moines comprar um vestido rosa.

— Essa caminhonete está bem longe de casa — comentou Richard. — Estado de Washington. Parece que é uma mulher dirigindo. Bom, tem cabelos compridos. Pensando bem, aposto que é aquele fotógrafo de quem estavam falando, no café.

Seguiram Robert Kincaid por algumas quadras ao Norte, até o ponto em que a 169 cruzava a 92, seguindo Leste e Oeste. Era um cruzamento de quatro vias, com um tráfego intenso em todas as direções, complicado pela chuva e a neblina, que ficara mais densa.

Eles ficaram ali parados, por uns vinte segundos. Ele estava adiante, a apenas dez metros dela. Ela ainda podia ir. Descer do carro e correr até a porta direita de Harry, entrar por cima das mochilas, da geladeirinha e dos tripés.

Naquele instante, ela percebeu que, desde que Robert Kincaid fora embora dirigindo, na última sexta-feira, apesar de quanto achou gostar dele, subestimara seus sentimentos. Não parecia possível,

mas era verdade. Ela começara a compreender o que ele já entendia.

Contudo, ela ficou paralisada por suas responsabilidades, olhando aquele vidro traseiro com mais intensidade do que jamais olhara algo na vida. Ele acendeu a seta esquerda. Em um instante, ele desapareceria. Richard estava mexendo no rádio do Ford.

Ela começou a ver as coisas em câmera lenta, um truque curioso de sua mente. Chegou a vez dele e... lentamente... lentamente... Ele seguiu com Harry até o cruzamento — ela podia ver suas pernas compridas se movendo sobre a embreagem e o acelerador, e os músculos de seu antebraço direito flexionando, ao mudar as marchas —, virando à esquerda, na 92, em direção a Council Bluffs, Black Hills e o nordeste... lentamente... lentamente... A velha picape virou bem devagar, passando pela interseção, apontando para o Oeste.

Estreitando os olhos, por entre as lágrimas, a chuva e a neblina, ela mal conseguia ler a tinta vermelha desbotada, na porta: "Kincaid Photography — Bellingham, Washington".

Ao virar, ele abaixara o vidro para enxergar melhor, pela pouca visibilidade. Ao fazer o contorno, ela viu seu cabelo soprando ao vento quando ele começou a acelerar, entrando na 92 para seguir a Oeste. E fechando o vidro, enquanto dirigia.

Ai, Cristo, Jesus Cristo Poderoso... Não! As palavras estavam dentro dela. Eu estava errada, Robert, estava errada em ficar... Mas não posso ir... Deixe lhe dizer novamente porque não posso ir... Diga-me outra vez por que devo ir.

E ela ouviu a voz dele, vindo da estrada. "Em um universo de ambiguidade, esse tipo de certeza só surge uma vez, nunca mais, não importa quantas vidas você viva."

Richard atravessou o cruzamento, seguindo ao Norte. Ela olhou além de seu rosto, na direção das luzes traseiras do Harry, sumindo na neblina e na chuva. A velha picape Chevy parecia pequena ao lado de um imenso semitrailer seguindo para Winterset, lançando uma onda de água da estrada sobre o último caubói.

— Adeus, Robert Kincaid... — ela sussurrou e começou a chorar, abertamente.

Richard olhou para ela. — O que há de errado, Frannie? Por favor, diga-me: o que há de errado com você?

— Eu só preciso de um tempinho para mim, Richard. Estarei bem, em alguns minutos.

Ele sintonizou no noticiário de meio-dia, sobre o preço do gado, olhou para ela e sacudiu a cabeça.

CINZAS

A NOITE HAVIA caído em Madison County. Era 1987, seu aniversário de sessenta e sete anos. Francesca estava deitada na cama havia duas horas. Podia ver, tocar e sentir o cheiro de tudo, de vinte e dois anos antes.

Ela havia se lembrado, depois recordara outra vez. A imagem daquelas luzes vermelhas traseiras em meio à chuva e à neblina, seguindo a Oeste pela Iowa 92, assombraram-na por mais de duas décadas. Tocava os seios e sentia os músculos do peito dele sobre si. Deus, ela o amava tanto. Ela o amara naquela época, mais do que achou possível, e o amava ainda mais, agora. Teria feito qualquer coisa por ele, exceto destruir sua família e, talvez, Robert também.

Desceu a escada e sentou-se na velha mesa da cozinha, com o tampo de fórmica amarela. Richard tinha comprado uma mesa nova; ele insistira. Ela, porém, pedira que a velha fosse guardada na cabana, embrulhando-a com plástico bolha, e grande cuidado.

— Não vejo por que você é tão apegada a essa mesa velha. — Ele reclamou, quando ajudou a levá-la para fora. Depois que o pai morreu, Michael a trouxe de volta, sem nunca questionar a razão de ela querer colocá-la no lugar da mais nova. Só olhou, interrogativo, e ela não falou nada.

Francesca estava sentada à mesa. Depois, foi até o armário, tirou duas velas brancas em pequenos castiçais de bronze, ligou o rádio e lentamente ajustou o botão, até encontrar uma música tranquila.

Junto à pia por um bom tempo, com a cabeça ligeiramente inclinada para o alto, olhando o rosto dele, sussurrou: — Eu me lembro de você, Robert Kincaid. Talvez o Mestre do Deserto estivesse certo. Talvez você seja o último. Talvez, agora, todos os caubóis estejam perto de morrer.

Antes de perder Richard, ela nunca tentara ligar ou escrever para Kincaid, embora estivesse prestes a fazê-lo todos os dias, durante anos. Se se falassem mais uma vez, iria ao encontro dele. Se escrevesse para ele, sabia que ele viria buscá-la. Essa era a proximidade dos dois. Ao longo dos anos, ele nunca ligou ou voltou

a escrever, depois de mandar um pacote com as fotografias e o manuscrito. Francesca sabia que Robert entendia como se sentia e as complicações que ele poderia causar em sua vida.

Em setembro de 1965, ela assinou a *National Geographic*. O artigo sobre as pontes cobertas foi publicado no ano seguinte e lá estava a ponte Roseman, no calor da primeira hora, na manhã em que ele encontrou seu bilhete. A capa era uma foto de uma porção de cavalos puxando uma carroça, em direção à ponte Hogback. Ele também escreveu o texto da matéria.

Na última página, os autores e fotógrafos eram mencionados e, em uma ou outra ocasião, havia seus retratos. Assim, ele estava ali, às vezes. O mesmo cabelo comprido grisalho, pulseira, jeans ou calça cáqui, câmeras penduradas nos ombros, veias saltadas nos antebraços. No Kalahari, nas muralhas de Japuir, na Índia, em uma canoa, na Guatemala, no nordeste do Canadá. A estrada e o caubói.

Ela recortava as matérias e as guardava em um envelope pardo, com a edição da revista das pontes cobertas, o manuscrito, as duas fotografias e sua carta. E colocava o envelope embaixo de suas roupas íntimas, na cômoda, um lugar onde Richard jamais olharia. E, como uma observadora distante a rastreá-lo, acompanhava o envelhecimento de Robert Kincaid, ao longo dos anos.

O sorriso ainda estava ali, assim como o corpo longilíneo e os bons músculos. Pelas rugas ao redor dos olhos, porém, ela via os ombros fortes ligeiramente caídos, o rosto com uma lenta e aparente flacidez. Dava para ver. Tinha estudado aquele corpo com mais atenção que qualquer outra coisa na vida, mais até que o próprio corpo. E o envelhecimento dele a fez querê-lo ainda mais, se isso fosse possível. Ela desconfiava — não, ela sabia — que ele estava sozinho. E ele estava.

À luz de velas, junto à mesa, ela estudava os recortes. Ele a olhava, de locais distantes. Ela chegou até uma foto especial, de uma edição de 1967. Ele estava junto a um rio, no leste da África, de frente para a câmera, agachado, preparando-se para fotografar algo.

Anos antes, da primeira vez que olhou esse recorte, ela viu que a corrente de prata em volta de seu pescoço trazia uma medalhinha. Michael estava fora, na faculdade, e quando Richard e Carolyn foram

dormir, ela pegou uma pequena lupa que o filho usava para sua coleção de selos, quando criança, e a aproximou da foto.

— Meu Deus! — ela perdeu o ar. Na medalha se lia: “Francesca”. Foi sua pequena indiscrição e ela se perdoou por isso, sorrindo. Depois disso, a medalha sempre aparecia na corrente de prata.

Depois de 1975, nunca mais o vira na revista. E sua assinatura também não aparecia mais nos artigos. Ela procurava em todas as edições, e não encontrava nada. Ele estaria fazendo sessenta e dois anos, naquele ano.

Quando Richard morreu, em 1979, depois que as crianças foram para suas casas, após o enterro, ela pensou em ligar para Robert Kincaid. Ele estaria com setenta e seis anos; ela estava com cinquenta e nove. Ainda havia tempo, apesar dos quatorze anos passados. Ela pensou muito sobre isso, durante uma semana, antes de, finalmente, ligar para o número do cabeçalho de sua carta.

Seu coração quase parou quando o telefone começou a tocar. Ela ouviu a ligação sendo atendida e quase colocou o fone de volta no gancho. Uma voz de mulher disse: — Seguradora McGregor. — Francesca murchou, mas se recuperou, perguntando à secretária se havia ligado para o número correto. Sim. Então, agradeceu e desligou.

Em seguida, tentou a telefonista de informações, em Bellingham, Washington. Não havia nada listado. Procurou Seattle. Nada. Então, os escritórios da Câmara de Comércio, em Bellingham e Seattle. Perguntou se eles poderiam checar as listas das cidades. Fizeram isso e ele não estava incluído. Ela imaginou que, na verdade, ele poderia estar em qualquer lugar.

Lembrou-se da revista: ele dissera que ela ligasse para lá. A recepcionista era educada, mas nova, e precisou pedir ajuda para atender ao seu pedido. A ligação de Francesca foi transferida três vezes, até que falasse com um editor associado, na revista havia vinte anos. Ela lhe perguntou sobre Robert Kincaid.

Claro que o editor se lembrava dele. — Está tentando localizá-lo, é? Ele era um fotógrafo do cacete, se me perdoa o linguajar. Era irritadiço, não de um jeito intratável, mas persistente. Buscava a arte

pela arte e isso não dá muito certo com nossos leitores. Nosso leitor quer belas fotografias, fotos bem tiradas, mas nada muito excêntrico.

— Sempre dissemos que o Kincaid era meio esquisito; nenhum de nós o conhecia bem, fora do trabalho que produzia para nós. Mas era um profissional. Podíamos mandá-lo para qualquer lugar e ele fazia o trabalho, embora discordasse de nossas decisões editoriais, na maioria das vezes. Quanto ao paradeiro, chequei nossos arquivos, enquanto conversamos. Ele deixou a revista em 1975. O endereço e o telefone que tenho são... — E leu a informação que Francesca já possuía. Depois disso, parou de tentar, principalmente por temor do que viria a descobrir.

Ela foi seguindo em frente, permitindo-se pensar cada vez mais em Robert Kincaid. Ainda dirigia bem e, várias vezes por ano, ia até Des Moines, almoçar no restaurante onde ele a levava. Em uma dessas viagens, comprou um caderno com capa de couro, em cujas folhas começou a registrar, com uma bela caligrafia, os detalhes de seu caso de amor e o que pensava dele. Foram necessários quase três volumes de cadernos, até que ficasse satisfeita por ter concluído sua tarefa.

Winterset estava melhorando. Havia uma associação de arte ativa, em sua maioria de mulheres, e uma conversa sobre a revitalização das pontes antigas, que ocorria havia alguns anos. Um pessoal interessante estava construindo casas nas colinas. As coisas tinham ficado mais descontraídas, o cabelo comprido não era mais motivo de olhares estranhos, embora homens de sandálias ainda fossem bem escassos e houvesse poucos poetas.

No entanto, com exceção de algumas amigas, afastou-se por completo da comunidade. As pessoas comentavam isso e o fato de sempre vê-la em pé, na ponte Roseman ou, às vezes, na ponte Cedar. — Os mais velhos geralmente ficam estranhos — diziam, contentando-se com a explicação.

No dia 2 de fevereiro de 1982, um caminhão da United Parcel Service subiu o caminho de sua casa. Ela não havia encomendado nada de que se lembrasse. Intrigada, assinou pelo recebimento do pacote e olhou o endereço: "Francesca Johnson, RR 2, Winterset,

Iowa, 50273". O endereço no remetente era de um escritório de advocacia, em Seattle.

O pacote estava caprichosamente embrulhado e trazia um seguro extra. Ela o colocou em cima da mesa da cozinha e abriu, com cuidado. Dentro dele, três caixas embrulhadas com bolinhas de isopor. Em cima de uma das caixas, um envelope preso com fita isolante. Em outra, um envelope comercial dirigido a ela, com o endereço de remetente do escritório de advocacia.

Francesca retirou a fita isolante do envelope comercial e o abriu, tremendo.

25 de janeiro de 1982.

Srta. Francesca Johnson

RR 2

Winterset, IA 50273

Prezada Srta. Johnson,

Nós representamos o patrimônio de Robert L. Kincaid, que recentemente faleceu...

Francesca colocou o envelope em cima da mesa. Lá fora, a neve de inverno soprava pelo campo. Ela olhava a neve cobrir os brotos, levando cascas de milho, amontoando-as no canto da cerca de arame. Leu as palavras mais uma vez.

Nós representamos o patrimônio de Robert L. Kincaid, que recentemente faleceu...

— Ah, Robert... Robert... não — disse isso baixinho e abaixou a cabeça.

Uma hora depois, conseguiu continuar lendo. A linguagem jurídica direta e a precisão das palavras a enfureciam.

"Nós representamos..."

Um advogado que cumpre os deveres com um cliente.

No entanto, naquelas palavras, onde estavam a força, o leopardo que tinha chegado na cauda de um cometa, o xamã à procura da ponte Roseman, em um dia quente de agosto, e o homem que ficou em pé, no estribo de uma caminhonete chamada Harry, vendo-a morrer na poeira da estrada de uma fazenda de Iowa?

A carta precisaria ter mil páginas. Deveria falar do fim das cadeias evolutivas e da perda da liberdade de ação, de caubóis relutando com o arame farpado, como as cascas do milho, no inverno.

O único testamento que ele deixou estava datado de 8 de julho de 1967. Ele deixou instruções explícitas para que lhe fossem enviados os objetos anexos. Se não fosse possível localizá-la, o material deveria ser incinerado.

Também nesta caixa, marcada com a palavra "Carta", há uma mensagem que lhe foi endereçada e deixada conosco, em 1978. Ele lacrou o envelope, que assim permaneceu.

Os restos do sr. Kincaid foram cremados. A pedido dele, não há nenhuma lápide, em lugar nenhum. Ainda a seu pedido, as cinzas foram lançadas perto de sua casa, por um associado nosso. Creio que o nome do local seja ponte Roseman.

Se pudermos auxiliar em algo mais, por favor, não hesite em nos contatar.

Atenciosamente,

Allen B. Quippen, Advogado

Ela recuperou o fôlego, secou novamente os olhos e começou a olhar o restante do conteúdo da caixa.

Sabia o que estava no pequeno envelope acolchoado. Sabia com tanta certeza quanto que a primavera voltaria naquele ano. Ela abriu com cuidado e escorregou a mão para seu interior. E retirou a corrente de prata. A medalha estava arranhada e dizia "Francesca". Na parte de trás, em letras minúsculas, trazia gravado: "Se for encontrado, por favor, enviar para Francesca Johnson, RR 2, Winterset, Iowa, EUA".

Sua pulseira de prata estava embrulhada em papel de seda, no fundo do envelope. Havia um pedaço de papel, junto com o objeto. Que tinha a letra dela:

*Se quiser jantar de novo,
quando "mariposas brancas estiverem à vista",
apareça, essa noite, depois que você terminar.
Qualquer hora está bom.*

Era seu bilhete, da ponte Roseman. Ele guardara até isso, como lembrança.

Então, percebeu que era a única coisa que ele tinha dela, sua única prova de que ela existia, fora as imagens ilusórias nos papéis fotográficos, que aos poucos vão se deteriorando. O bilhete da ponte Roseman. Estava manchado e curvo nos cantos, como se tivesse sido guardado na carteira, por muito tempo.

Ela ficou imaginando quantas vezes ele o teria lido, ao longo dos anos, distante das colinas ao longo do Middle River. Podia imaginá-lo segurando o bilhete sob a luz fraca de uma luminária, em um avião a jato, rumo a algum lugar; sentado em uma cabana de bambu, no país dos tigres, lendo com a lanterna acesa, dobrando e guardando, em uma noite chuvosa, em Bellingham. Depois, olhando as fotografias de uma mulher encostada em um pilar de cerca, em uma manhã de verão, ou saindo de uma ponte coberta, ao pôr do sol.

As três caixas continham câmeras com lentes. Todas surradas, marcadas. Virando uma delas, leu "Nikon" no visor e, à esquerda, acima da marca, a letra "F". Foi a câmera que ela entregou para ele, na ponte Cedar.

Por fim, abriu a carta. Fora escrita à mão, em seu papel pessoal, datada de 16 de agosto de 1978.

Querida Francesca,

Espero que essa carta a encontre bem. Não sei quando você irá recebê-la. Em algum momento, depois que eu tiver partido. Agora, estou com sessenta e cinco anos e, hoje, faz treze anos que nós nos conhecemos, quando entrei no caminho de sua casa, em busca de informações.

Estou torcendo para que este pacote não cause nenhum aborrecimento em sua vida. É que não suportaria pensar nas câmeras em uma vitrine de produtos de segunda mão, em uma loja qualquer, ou nas mãos de um estranho. Até que as receba, elas estarão bem desgastadas. E não tenho mais ninguém a quem deixá-las e peço desculpas por colocá-la em risco, ao enviá-las.

Fiquei na estrada, quase sempre, de 1965 a 1975. Só para afastar um pouco a tentação de ligar para você, ou de ir buscá-la, uma tentação que literalmente sinto a cada momento que passo acordado. Aceitei todos os trabalhos no exterior que consegui encontrar. Houve momentos em que me disse: "Que se dane. Eu vou para Winterset, Iowa, e custe o que custar, levarei Francesca comigo".

Mas me lembrava de suas palavras e respeito seus sentimentos. Talvez você esteja certa; simplesmente não sei. O que sei é que sair dirigindo de sua rua, naquela manhã quente de sexta-feira, foi a coisa mais difícil que já fiz, ou que farei. Na verdade, duvido que alguns homens tenham feito algo mais difícil que aquilo.

Deixei a National Geographic, em 1975, e tenho dedicado meus anos restantes de fotografia às coisas de minha escolha, pegando algum trabalhinho que consigo arranjar, coisas locais e regionais que me mantêm fora, por alguns dias. Financeiramente, tem sido difícil, mas eu me viro. Sempre me viro.

Muito de meu trabalho é ao redor do estreito de Puget. Gosto disso. Parece que conforme os homens envelhecem, eles se voltam para a água.

Ah, sim, agora tenho um cachorro, um golden retriever. Eu o chamo de "Highway" e ele viaja comigo, grande parte do tempo, com a cabeça para fora da janela, procurando boas fotos.

Em 1972, em Maine, caí em um despenhadeiro, no Acadia National Park, e quebrei o tornozelo. A corrente com a medalha arrebentou, na queda. Felizmente, caíram perto. Eu as encontrei e um joalheiro consertou a corrente.

Vivo com poeira em meu coração. Acho que é a melhor forma de descrever. Houve algumas mulheres antes de você. Depois, nenhuma. Não fiz nenhum juramento consciente ao celibato, apenas não estou interessado.

Certa vez, vi um ganso do Canadá cuja parceira havia sido abatida por caçadores. Eles formam um par pela vida toda, você

sabe. O macho ficou circulando pelo lago durante vários dias, e muitos outros dias depois. Da última vez que o vi, ele estava nadando sozinho, em meio ao arrozal selvagem, ainda procurando. Acho que essa analogia é óbvia demais para gostos literários, mas é bem parecida com a maneira como me sinto.

Em minha imaginação, nas manhãs e nas tardes nubladas, com o sol refletindo na água do Nordeste, tento ver onde você estaria e o que poderia estar fazendo, enquanto penso. Nada complicado — cuidando de sua horta, sentada no balanço de sua varanda, em pé, junto à pia, em sua cozinha. Coisas assim.

Eu me lembro de tudo. De seu cheiro, de seu sabor de verão. Sinto sua pele junto à minha e o som de seus sussurros, enquanto a amava.

Robert Penn Warren uma vez usou a frase "um mundo que parece ter sido abandonado por Deus". Nada mal, bem perto de como me sinto, às vezes. Mas não posso viver sempre assim. Quando esses sentimentos ficam fortes demais, abasteço o Harry e pego a estrada, com Highway, por alguns dias.

Não gosto de ter pena de mim. Esse não sou eu. E, na maioria do tempo, não me sinto assim. Em vez disso, sou grato por pelo menos tê-la encontrado. Nós poderíamos ter passado um pelo outro como um lampejo, como duas partículas de poeira cósmica.

Deus ou o universo, ou o que for escolhido para rotular os grandes sistemas de equilíbrio e ordem, não reconhece o tempo da Terra. Para o universo, quatro dias não é diferente de quatro bilhões de anos-luz. Tento manter isso em mente.

Mas, afinal, eu sou um homem. E todas as racionalizações filosóficas que possa conjecturar não me impedem de querer você, todos os dias, a cada momento; o uivo impiedoso do tempo, do tempo que nunca posso passar com você, no fundo de minha cabeça.

Eu a amo profundamente, completamente. E sempre amarei.

*O último caubói,
Robert*

P.S.: Coloquei um motor novo no Harry, no verão passado, e ele está ótimo.

O pacote chegou cinco anos atrás. E olhar seu conteúdo passou a fazer parte do rito anual de aniversário. Ela ficou com as câmeras, a pulseira e a corrente com a medalha, em um baú especial, dentro do armário. Um carpinteiro local tinha feito a caixa, conforme ela desenhou, com madeira de nogueira, isolantes de poeira e partes internas estofadas. — Caixa bem elegante — ele dissera. Francesca só sorriu.

A última parte do ritual era o manuscrito. Ela sempre o lia sob a luz de velas, no fim do dia. Trouxe-o da sala e, cuidadosamente, deixou-o sobre a fórmica amarela, perto de uma vela. Acendeu seu único cigarro do ano, um Camel, tomou um gole de conhaque e começou a ler.

Caindo da dimensão Z

ROBERT KINCAID

Há antigos ventos que ainda não compreendo, embora, ao que parece, venha dirigindo eternamente na curva de suas ondas. Ingresso na dimensão Z, o mundo prossegue em outro lugar, em outra fatia de coisas, paralelas a mim. Como se, com as mãos nos bolsos e me inclinando um pouco à frente, visse tudo através da vitrine de uma loja de departamentos, olhando para dentro.

Na dimensão Z, há momentos estranhos. Fazendo uma curva longa e chuvosa, no Novo México, a Oeste de Magdalena, a estrada se torna um atalho, e o caminho, uma trilha animal. Com uma passada de meus limpadores de para-brisa, a trilha se transforma em um lugar florestal, onde nada jamais esteve. Novamente, os limpadores de para-brisa se movem e, de novo, algo volta há muito no tempo. Gelo imenso, dessa vez. Estou passando por um capim baixo, entre pelos, com os cabelos colados e uma lança, magro e rijo como o próprio gelo, todo músculos e astúcia implacável. Passando o gelo, retroagindo ainda mais, na medida das coisas, água salgada e profunda, onde nado com guelras e escamas. Não consigo

enxergar mais que isso, exceto que, além do plâncton, está o número zero.

Euclides nem sempre estava certo. Ele presumia o paralelo na constância, até o fim das coisas. No entanto, um meio não euclidiano de ser também é possível, onde as linhas se fundem, distantes de lá. Um ponto de desaparecimento. A ilusão da convergência.

Ainda assim, sei que é mais uma ilusão. Às vezes, uma fusão é possível, um transbordamento de uma realidade para dentro de outra. Um tipo de entrelaçamento suave. Não interseções afetadas, surgidas em um mundo de precisão, nenhum som do disparador. Apenas... Bem... Respiração. Sim, esse é o som, ou também a sensação. Respiração.

Lentamente, desloco-me acima desta outra realidade e, ao lado dela, embaixo e ao redor, sempre com força, sempre com poder, mas com uma doação de mim para ela. E o outro sente isso, aproximando-se com seu próprio poder, dando-se a mim, por sua vez.

Em algum lugar, dentro da respiração, sons musicais e, então, começa a curiosa dança espiral, com um medidor todo seu, que modera o homem de gelo com sua lança e seu cabelo colado. E, aos poucos, rolando e girando em adágio, em adágio, o homem de gelo sempre cai... Da dimensão Z... Para dentro dela.

No fim de seu aniversário de sessenta e sete anos, quando a chuva parou, Francesca colocou o envelope pardo na última gaveta da escrivaninha de tampo corrediço. Ela havia decidido mantê-lo no cofre do banco, depois que Richard morreu. Todo ano, porém, trazia-o para casa por alguns dias, nessa época. A tampa do baú de nogueira estava fechada sobre as câmeras e ele fora colocado na prateleira mais próxima, em seu quarto.

Mais cedo, no início da tarde, tinha visitado a ponte Roseman. Agora, saiu até a varanda, secou o balanço com uma toalha e sentou-se. Fazia frio, mas ela ficaria alguns minutos, como sempre fazia. Então, caminhou até o portão do quintal. Depois, até o início

da rua. Vinte e dois anos depois, ela ainda podia ver Harry trepidando na estrada rural, tentando encontrar seu caminho, depois parando, e Robert Kincaid em pé, no estribo do carro, olhando para trás.

UMA CARTA DE FRANCESCA

FRANCESCA JOHNSON MORREU em janeiro de 1989.

Estava com sessenta e nove anos. Robert Kincaid teria completado 76, naquele ano. A causa de sua morte foi dada como “natural”.

— Ela simplesmente morreu — o médico disse a Michael e Carolyn. — Na verdade, ficamos um pouco perplexos. Não conseguimos encontrar uma causa específica da morte. Um vizinho a encontrou, caída por cima da mesa da cozinha.

Em uma carta para seu advogado, de 1982, ela havia solicitado que seus restos fossem cremados e suas cinzas, jogadas na ponte Roseman. A cremação era uma prática incomum em Madison County — de um modo indefinido, vista como ligeiramente radical — e seu desejo gerou um bocado de discussão no café, no posto Texaco e na concessionária. O local de lançamento de suas cinzas não foi divulgado ao público.

Na sequência da missa, Michael e Carolyn seguiram de carro, devagar, até a ponte Roseman e seguiram as instruções de Francesca. Embora fosse próxima, a ponte nunca tinha sido especial para a família Johnson e eles ficaram se perguntando, repetidamente, por que a mãe tão sensível teria se portado de forma tão enigmática e por que não pediu para ser enterrada ao lado do pai deles, como era costume.

Logo depois, os irmãos começaram o longo processo de arrumar os pertences dela e trouxeram para casa as coisas que estavam no cofre do banco, depois que foram examinadas e liberadas pelo advogado local, para fins de conferência do patrimônio.

Eles dividiram o que havia naquela caixa e começaram a olhar o conteúdo. O envelope pardo estava na parte de Carolyn e ela o alcançou depois de olhar um terço da pilha. E ficou intrigada enquanto o abria e retirava o que havia em seu interior. Leu a carta de 1965, de Robert Kincaid para Francesca. Depois, leu a carta dele, de 1978, e a carta de 1982, do advogado de Seattle. Por fim, analisou os recortes das revistas.

— Michael.

Ele notou a mistura de surpresa e o tom recolhido na voz da irmã e imediatamente ergueu os olhos. — O que foi?

Carolyn estava com os olhos cheios d'água e falou hesitante. — A mamãe era apaixonada por um homem chamado Robert Kincaid. Ele era fotógrafo. Lembra-se de quando todos nós vimos uma edição da *National Geographic*, com a história da ponte? Foi ele que tirou as fotos da ponte, aqui. E lembra quando toda a garotada falava do cara estranho, com as câmeras? Era ele.

Michael sentou de frente para ela, com a gravata afrouxada, o colarinho aberto. — Diga de novo, devagar. Eu não acredito que tenha ouvido direito.

Depois de ler as cartas, Michael olhou o armário na parte de cima e subiu ao quarto de Francesca. Sem nunca ter reparado na caixa de noqueira, antes, abriu-a. E a levou para baixo, até a mesa da cozinha. — Carolyn, aqui estão as câmeras dele.

Em um dos cantos da caixa havia um envelope lacrado, com a inscrição "Carolyn ou Michael", com a letra de Francesca, e três cadernos de capa de couro, entre as câmeras.

— Não sei se consigo ler o que está neste envelope — disse Michael. — Se você conseguir, leia para mim, em voz alta.

Ela abriu o envelope e leu.

7 de janeiro de 1987

Queridos Carolyn e Michael,

Embora esteja me sentindo muito bem, acho que está na hora de começar a organizar as coisas (como dizem). Há algo, algo muito importante, que vocês precisam saber. Esse é o motivo para que eu esteja escrevendo isto.

Depois de olhar o que há no cofre do banco e encontrar um envelope pardo, endereçado a mim, com uma marca de postagem de 1965, tenho certeza de que vocês vão acabar chegando a esta carta. Se possível, por favor, sentem-se à antiga mesa da cozinha para ler. Vocês logo entenderão este pedido.

Para mim, é difícil escrever isso aos meus filhos, mas preciso fazê-lo. Existe algo forte demais, lindo demais para morrer comigo. E se devem saber quem foi a mãe de vocês,

com o que há de bom e de ruim, têm de saber o que estou prestes a dizer. Preparem-se.

Como vocês já descobriram, o nome dele era Robert Kincaid. A inicial do nome do meio era "L", mas eu nunca soube o que representava. Ele era fotógrafo e esteve aqui, em 1965, fotografando as pontes cobertas.

Lembrem-se de como a cidade ficou agitada, quando as fotos saíram na National Geographic. Vocês também devem se lembrar que eu comecei a receber a revista, mais ou menos naquela época. Agora sabem o motivo de meu súbito interesse por ela. Aliás, estava com ele (carregando as mochilas com as câmeras), quando a foto da ponte Cedar foi tirada.

Compreendam, eu amei o pai de vocês de um jeito tranquilo. Na época, eu sabia e sei, agora. Ele foi bom para mim e me deu vocês dois, que tanto amo. Não se esqueçam disso.

Mas Robert Kincaid foi algo muito diferente, como ninguém que jamais vi, ouvi ou li a respeito, em toda a minha vida. Seria impossível fazer vocês compreendê-lo integralmente. Antes de mais nada, vocês não são eu. Depois, precisariam ter convivido com ele, vê-lo se movimentar, ouvi-lo falar sobre estar no beco sem saída do ramo evolutivo. Talvez, os cadernos e os recortes das revistas ajudem, porém, nem eles serão suficientes.

De certa forma, ele não era desta terra. Acho que essa é a maneira mais clara como posso me expressar. Sempre pensei nele como uma criatura semelhante a um leopardo, que veio na cauda de um cometa. Ele se movimentava desse modo, seu corpo era assim. Tinha uma intensidade enorme, mesclada a ternura e gentileza, e trazia em si um vago senso de tragédia. Sentia-se obsoleto, em um mundo de computadores e robôs, e vidas organizadas. Via-se como um dos últimos caubóis, como ele dizia, e se considerava à moda antiga.

A primeira vez que o vi foi quando ele parou para pedir informações sobre como chegar à ponte Roseman. Vocês três estavam na Feira Estadual de Illinois. Acreditem, não estava procurando aventura. Isso nem passava pela minha cabeça. No

entanto, ao olhar para ele, em menos de cinco segundos, soube que o queria, embora não tanto como acabei querendo.

E, por favor, não pensem nele como algum Casanova, que ficava perambulando e se aproveitando de moças da roça. Ele não era nada disso. Na verdade, era um pouquinho tímido e eu tive tanto a ver com o que aconteceu quanto ele. Mais, na verdade. O bilhete preso nessa pulseira, fui eu que preendi na ponte Roseman, para que ele visse, na manhã seguinte ao dia que nos conhecemos. Fora as fotografias que tirou de mim, esse papel é a única prova que ele guardou, ao longo dos anos, de que eu realmente existi e não fui apenas um sonho que teve.

Sei que os filhos tendem a achar que os pais são assexuados, então, espero que o que vou dizer não os deixe chocados e, principalmente, torço para que não destrua a lembrança que tenham de mim.

Em nossa velha cozinha, Robert e eu passamos horas juntos. Nós conversamos e dançamos, à luz de velas. E, sim, fizemos amor aí, e no quarto, e na grama do pasto, e em praticamente todo lugar que possam pensar. Foi incrível, poderoso, um amor transcendental, e prosseguiu por vários dias, quase sem parar. Sempre usei a palavra "poderoso" ao pensar nele. Pois ele já havia se transformado nisso, depois de nos conhecermos.

Ele era como uma flecha, em sua intensidade. Eu tão somente fui impotente quando ele fez amor comigo. Não fraca; não foi isso que senti. Apenas, bem, tomada por sua força emocional e física. Uma vez, quando sussurrei isso ao seu ouvido, ele só disse: "Eu sou a estrada e um peregrino e todas as velas que já foram ao mar".

Depois, olhei o dicionário. A primeira coisa que as pessoas imaginam, quando ouvem a palavra "peregrino", é um falcão, mas há outros significados para o termo e ele sabia disso. Um é "estrangeiro, alienígena". Outro é "vagante, perambulante, migratório". O peregrino latino, que é uma das raízes da palavra, significa estranho. Ele era todas essas coisas — um estranho,

um estrangeiro, no sentido mais amplo da palavra, um vagante, e também um falcão, como agora me ocorre.

Filhos, entendam que estou tentando expressar o que não pode ser explicado com palavras. Eu só gostaria que, algum dia, vocês pudessem vivenciar o que vivi; no entanto, começo a achar que é improvável. Embora suponha que, em uma época tão avançada, não esteja muito em voga dizer coisas desse tipo, não creio ser possível para uma mulher possuir o tipo específico de poder que Robert Kincaid tinha. Portanto, Michael, você está fora. Quanto a Carolyn, receio que a má notícia seja que, de fato, só existiu um como ele, ninguém mais.

Não fosse por seu pai e vocês dois, eu o teria acompanhado a qualquer lugar, na hora. Ele me pediu que fosse, implorou-me. Eu, porém, não podia fazê-lo e ele era uma pessoa sensível e generosa demais para interferir em nossa vida, depois disso.

O paradoxo é: se não fosse por Robert Kincaid, não sei se teria ficado na fazenda, todos esses anos. Em nossos quatro dias juntos, ele me deu uma vida inteira, um universo, e transformou minhas partes fracionadas em um todo. Nunca deixei de pensar nele, nem por um instante. Até quando ele não estava em minha mente consciente, podia senti-lo, em algum lugar. Ele sempre esteve ali.

Isso, porém, nunca diminuiu em nada o que eu sentia por vocês dois e por seu pai. Ao pensar somente em mim, por um momento, não tenho certeza se tomei a decisão certa. No entanto, levando em conta a família, estou bem certa que sim.

Entretanto, preciso ser honesta e dizer que, desde o começo, Robert entendeu isso melhor que eu: o que formamos juntos. Acho que só comecei a assimilar a importância com o passar do tempo, aos poucos. Se tivesse compreendido isso de modo verdadeiro, quando ele estava cara a cara comigo, pedindo-me para ir, provavelmente teria partido.

Robert acreditava que o mundo havia se tornado racional demais, deixando de confiar na magia, como deveria. Eu

sempre penso se não fui racional demais ao tomar minha decisão.

Tenho certeza de que vocês consideraram meu pedido de cremação incompreensível, achando que talvez tivesse sido feito por uma velha confusa. Depois de lerem a carta de 1982, do advogado de Seattle, e meus cadernos, vocês entenderão por que fiz esse pedido. Dei minha vida à família; e a Robert o que sobrou de mim.

Acho que Richard sabia que havia algo em mim que ele não conseguia alcançar e, às vezes, fico imaginando se não encontrou o envelope pardo que eu guardava em casa, na cômoda. Pouco antes de sua morte, eu estava sentada a seu lado, no hospital de Des Moines, e ele me disse: "Francesca, eu sei que você também tinha seus sonhos. Desculpe se não os pude lhe dar". Esse foi o momento mais comovente de nossa vida.

Não quero fazer com que vocês sintam culpa ou pena, nada disso. Esse não é meu propósito. Só quero que saibam quanto amei Robert Kincaid. Eu lidei com isso dia a dia, todos esses anos, assim como ele.

Embora nunca mais tenhamos nos falado, continuamos unidos, da forma mais próxima que duas pessoas podem ser. Não consigo encontrar palavras para me expressar de maneira mais adequada. Ele expressou melhor, quando me disse que tínhamos deixado de ser seres separados e nos tornado um terceiro ser, formado por nós dois. Nenhum de nós existia de forma independente daquele ser. E aquele ser foi deixado à imaginação.

Carolyn, você se lembra daquela discussão horrível que tivemos, uma vez, sobre o vestido rosa-claro, em meu armário? Você tinha visto e queria usar. Disse que não se lembrava de ter me visto usando, portanto, não compreendia por que ele não podia ser ajustado para servir em você. Aquele foi o vestido que usei na primeira noite que Robert e eu fizemos amor. Eu nunca fiquei tão bonita em minha vida, como naquela noite. O vestido

era minha pequena e tola lembrança daquela época. Por isso nunca mais o usei e me recusei a deixar você vesti-lo.

Depois que Robert foi embora, em 1965, percebi como sabia pouco sobre ele, em termos da história de sua família. Embora creia ter descoberto quase todo o restante sobre ele — tudo o que realmente importava —, naqueles poucos dias. Ele era filho único, seus pais estavam mortos, e nasceu em uma cidadezinha de Ohio.

Nem tenho certeza se fez o Ensino Médio, ou o Superior, mas ele tinha uma inteligência brilhante, no sentido rústico e primitivo, de um jeito quase místico. Ah, sim, ele foi fotógrafo em combate, com os Marines, no Pacífico Sul, durante a Segunda Guerra.

Foi casado uma vez e se divorciou, muito tempo antes de nos conhecermos. Não tinha filhos. Sua esposa havia sido música e cantora folk, ele disse, e suas longas ausências com as expedições fotográficas eram difíceis demais para o casamento. Ele assumiu a culpa pela separação.

Fora isso, até onde sei, Robert não tinha família. Estou pedindo que vocês o tornem parte de nossa família, por mais difícil que isso possa parecer, de início. Eu, pelo menos, tive uma família, uma vida com outras pessoas. Robert era sozinho. Isso não era justo, e eu compreendi o fato.

Prefiro, ao menos acho que prefiro, pela memória de Richard e a forma como as pessoas comentam, que tudo isso seja mantido dentro da família Johnson, de alguma forma, mas vou deixar por conta do julgamento de vocês.

De qualquer jeito, certamente, não me sinto envergonhada pelo que Robert Kincaid e eu tivemos. Ao contrário. Eu o amei desesperadamente, por todos esses anos, mas, por motivos próprios, só tentei contatá-lo uma vez, depois que o pai de vocês morreu. Foi uma tentativa fracassada e eu receei que alguma coisa tivesse acontecido com ele. Então, por medo, nunca mais tentei. Não poderia enfrentar aquela realidade. Assim, vocês podem imaginar como me senti quando chegou o pacote com a carta do advogado, em 1982.

Como disse, espero que vocês entendam e não pensem mal de mim. Se vocês me amam, precisam amar o que fiz.

Robert Kincaid me ensinou o que era ser uma mulher, de um jeito que poucas mulheres, talvez nenhuma, jamais viva. Ele foi bom e terno e, com certeza, merece o respeito e, talvez, o amor de vocês. Espero que possam lhe dar as duas coisas. A seu modo, por meu intermédio, ele foi bom para vocês.

Tudo de bom, meus filhos.

Mãe

A velha cozinha caiu em silêncio. Michael respirou fundo e olhou pela janela. Carolyn olhou ao redor, para a pia, o chão, a mesa, para tudo.

Quando falou, sua voz foi quase um sussurro. — Ah, Michael, Michael, pense neles, todos aqueles anos, querendo tanto um ao outro. Ela abriu mão dele por nós e pelo papai. E Robert Kincaid se manteve distante em respeito aos sentimentos dela por nós. Michael, eu quase nem consigo pensar nisso. Nós tratamos nossos casamentos de forma tão casual e fomos parte da razão para que esse incrível caso de amor tenha terminado como terminou.

— Eles tiveram quatro dias juntos, apenas quatro. De uma vida inteira. Foi quando fomos àquela feira ridícula, em Illionois. Olhe a fotografia da mamãe. Eu nunca a vi assim. Ela está tão linda, e não é a fotografia. É o que ele fez por ela. Apenas olhe para ela: impetuosa e livre. Seu cabelo está soprando ao vento, o rosto está vivo. Ela está simplesmente maravilhosa.

— Jesus — Foi tudo que Michael conseguiu dizer, passando o pano de prato na testa e secando os olhos, quando Carolyn não estava olhando.

A irmã falou, de novo. — Aparentemente, ele nunca tentou entrar em contato com ela, todos esses anos. E deve ter morrido sozinho, por isso mandou entregar as câmeras para ela.

— Lembro-me bem da briga que tive com mamãe, por causa do vestido rosa. Durou dias. Fiquei resmungando e perguntando o motivo. Então, eu me recusei a falar com ela. Tudo o que ela dizia era: “Não, Carolyn, aquele, não”.

E Michael se lembrou da velha mesa, junto à qual estavam sentados. Por isso Francesca lhe pedira que a trouxesse de volta para a cozinha, depois que o pai deles morreu.

Carolyn abriu o envelopinho acolchoado. — Aqui estão a pulseira e a corrente com a medalha. E aqui está o bilhete que a mamãe falou em sua carta, o que ela colocou na ponte Roseman. O motivo de a foto que ele mandou da ponte mostrar um pedaço de papel grudado.

— Michael, o que vamos fazer? Pense nisso, por um instante. Eu já volto.

Ela correu até em cima e voltou, em alguns minutos, trazendo o vestido rosa, cuidadosamente dobrado, dentro de um saco plástico. E o desembulhou, segurando, para que Michael pudesse vê-lo.

— Imagine-a vestindo isso e dançando com ele, nesta cozinha. Pense em todo o tempo que passamos aqui e as imagens que ela deve ter visto, enquanto cozinhava, ou sentava conosco, falando sobre nossos problemas, sobre onde faríamos faculdade, sobre como é difícil ter um casamento bem-sucedido. Deus, somos tão inocentes e imaturos, comparados com ela.

Michael assentiu e virou para o armário, acima da pia. — Você acha que a mamãe tinha alguma bebida, por aqui? Deus sabe quanto preciso. E, para responder à sua pergunta, não sei o que vamos fazer.

Ele remexeu nos armários e encontrou uma garrafa de conhaque, quase vazia. — Tem o bastante para dois drinques, Carolyn. Quer um?

— Sim.

Michael pegou os dois únicos copos de conhaque do armário e os colocou na mesa de fórmica amarela. E esvaziou a última garrafa de conhaque de Francesca, despejando nos copos, enquanto Carolyn, em silêncio, começou a ler o primeiro volume dos cadernos.

— Robert Kincaid chegou até mim no dia dezesseis de agosto, uma segunda-feira, em 1965. Estava tentando encontrar a ponte Roseman. Era o fim de uma tarde quente e ele dirigia uma caminhonete, chamada Harry...

**PÓS-ESCRITO:
O NIGHTHAWK DE TACOMA**

ENQUANTO ESCREVIA A história de Robert Kincaid e Francesca Johnson, fui ficando cada vez mais intrigado com Kincaid e como sabíamos tão pouco sobre ele e sua vida. Somente algumas semanas antes da impressão do livro, peguei um voo até Seattle e, mais uma vez, tentei descobrir informações adicionais.

Ocorreu-me que, tendo em vista que ele gostava de música, e também era um artista, talvez houvesse alguém na área musical e artística da região do estreito de Puget que o conhecesse. O editor de artes do *Seattle Times* foi prestativo. Embora não conhecesse Kincaid, deu-me acesso às seções pertinentes do jornal, de 1975 a 1982, período que mais me interessava.

Pesquisando as edições de 1980, deparei-me com a fotografia de um músico negro de jazz, um saxofonista chamado John "Nighthawk" Cummings. E, ao lado da foto, estava o crédito: Robert Kincaid. A associação local de músicos me deu o endereço de Cummings, avisando-me que ele não tocava havia alguns anos. O endereço ficava em uma rua perto da região industrial de Tacoma, logo após a saída na Rodovia 5, que vem de Seattle.

Foram necessárias várias visitas ao apartamento, até que o encontrasse em casa. A princípio, ele foi meio cauteloso com minhas perguntas, mas eu o convenci de tinha um interesse sério e benevolente por Kincaid e, depois disso, ele foi cordial e receptivo. O que vem a seguir é uma transcrição ligeiramente editada de minha entrevista com Cummings, que tinha setenta anos, na época em que conversamos. Eu apenas liguei meu gravador e deixei que ele me falasse sobre Robert Kincaid.

ENTREVISTA COM
"NIGHTHAWK" CUMMINGS

EU ESTAVA FAZENDO um bico no Shorty's, lá em Seattle, onde morava, na época, e precisava de uma boa foto em preto e branco, para divulgação. O baixista me disse que tinha um cara que morava em uma das ilhas e fazia um trabalho bom. Ele não tinha telefone, aí mandei um cartão-postal.

Ele apareceu, um coroa bem estranho, de jeans e botas, com suspensórios alaranjados, e umas câmeras velhas que nem pareciam funcionar, e eu pensei: *xiii*. Ele me colocou na frente de uma parede clara, com meu sax, e me disse que tocasse e continuasse tocando. Então, eu toquei. Pelos primeiros três minutos, o cara só ficou me olhando, fixamente, com os olhos azuis mais tranquilos que eu já vi.

Depois de um tempinho, ele começou a tirar as fotos. Então, perguntou se eu podia tocar "Autumn Leaves". E eu toquei. Toquei por uns dez minutos, direto, enquanto ele ficou tirando um monte de fotos com suas câmeras, uma atrás da outra. Aí, ele disse: — Tudo bem, já acabei. Amanhã, eu trago para você.

No dia seguinte, ele trouxe as fotos, e eu caí para trás. Já tiraram muitas fotos minhas, mas aquelas foram as melhores, de longe. Ele me cobrou cinquenta dólares, que me pareceu bem barato. Agradeceu, foi saindo e me perguntou onde estava tocando. Eu disse: no Shorty's.

Algumas noites depois, eu olho a plateia e o vejo sentado em uma mesa de canto, ouvindo, com muita atenção. Bem, ele passou a vir uma vez por semana, sempre às terças, e sempre tomava cerveja, não muita.

Às vezes, eu ia falar com ele, no intervalo, conversava alguns minutos. Ele era quieto, não falava muito, mas era muito agradável, sempre perguntava, educado, se eu podia tocar *Autumn Leaves*.

Depois de um tempo, fomos nos conhecendo um pouquinho. Eu gostava de descer até a enseada, para olhar a água e os barcos; no fim das contas, descobri que ele também gostava. Então, a gente sentava na bancada e passava a tarde inteira conversando. Apenas dois caras velhos ficando mais lentos, começando a se sentir meio irrelevantes, meio obsoletos.

Costumava levar seu cachorro. Cachorro legal. *Chamava ele de Highway.*

E entendia de magia. Os músicos de jazz também entendem. Provavelmente, por isso a gente se deu bem. Você está tocando uma música que já tocou mil vezes e, de repente, sai um novo conjunto de ideias do sax, sem passar pela consciência. Ele dizia que a fotografia e a vida, em geral, também eram assim. Depois, acrescentava: — E assim também é, quando você faz amor com uma mulher que ama.

Estava trabalhando em alguma coisa, tentando converter música em imagens visuais. Ele me disse: “John, sabe aquele refrão que você sempre toca, na quarta parte de *Sophisticated Lady*? Bem, acho que consegui colocar aquilo em uma foto, outro dia. A luz bateu na água do jeito certo e uma garça azul passou no visor, tudo ao mesmo tempo. Eu realmente *vi* seu refrão, enquanto o ouvia e apertava o disparador”.

Ele passava o tempo todo com esse troço de botar música nas imagens. Estava obcecado com aquilo. Não sei como ganhava a vida.

Nunca falou muito sobre sua vida. Eu sabia que ele tinha viajado muito, fazendo fotografia, mas nada muito além disso. Até um dia, quando perguntei sobre uma medalhinha de prata que ele usava no pescoço. De perto, eu vi que estava escrito o nome *Francesca*. Então, perguntei: — Algo especial nisso?

Por um tempo, ele não disse nada, só ficou olhando a água. Depois, disse: — Quanto tempo você tem? — Bem, era uma segunda-feira, minha noite de folga, aí falei que tinha o tempo que ele precisasse.

Ele começou a falar. Foi como uma torneira aberta. Falou a tarde inteira e boa parte da noite. Eu tive a sensação de que ele ficou com tudo aquilo guardado, por muito tempo.

Nunca mencionou o sobrenome da mulher, nunca disse onde aconteceu. Mas, cara, esse Robert Kincaid era um poeta, quando falava dela. Ela deve ter sido demais, uma dama incrível. Ele começou a recitar um poema que tinha escrito para ela — algo sobre

a dimensão Z, eu me lembro. Lembro que achei parecido com um daqueles improvisos de Ornette Coleman.

E, cara, ele chorou quando falava. Ele chorou um *monte* de lágrimas, do tipo que só um homem velho chora, do tipo que é preciso para poder tocar. Depois, eu entendi por que ele sempre pedia *Autumn Leaves*. E, cara, comecei a adorar aquele cara. Qualquer um que consegue sentir aquilo por uma mulher é digno de ser amado.

Então, eu pensei a respeito, sobre o poder do negócio que ele e a mulher tiveram. Sobre o que ele chamava de “modos antigos”. E disse para mim mesmo: — Eu preciso tocar esse poder, esse caso de amor, fazer esse modo antigo aparecer pelo sax. — Tinha alguma coisa bem lírica naquilo.

Então, escrevi uma canção — levei três meses. Queria fazer simples, elegante. Coisas complexas são fáceis de fazer. A simplicidade é o verdadeiro desafio. Eu trabalhava na música todos os dias, até acertar. Depois, trabalhei mais um pouco e escrevi umas partituras para o piano e o baixo. Finalmente, uma noite, eu toquei.

Terça à noite, como sempre, ele estava lá, na plateia. Bem, era uma noite devagar, talvez umas vinte pessoas, ninguém prestando muita atenção na banda.

Ele estava lá sentado, quieto, ouvindo com atenção, como sempre fazia. Então, falei ao microfone: — Eu vou tocar uma música que escrevi para um amigo meu. Ela se chama *Francesca*.

Fiquei observando, quando falei. Ele estava olhando a garrafa de cerveja, mas, quando eu disse *Francesca*, ele lentamente me olhou, afastou o cabelo grisalho comprido para trás, com as duas mãos, acendeu um Camel e aqueles olhos azuis viraram direto para mim.

Eu fiz meu sax tocar um som como nunca; fiz o saxofone chorar por todas as milhas e anos que separaram os dois. Tinha um tom melódico na primeira parte, como se pronunciasse o nome dela, “Fran-ces-ca”.

Quando terminei, ele levantou da mesa, sorriu e acenou com a cabeça, pagou a conta e foi embora. Depois disso, eu sempre tocava, quando ele aparecia. Ele emoldurou uma fotografia de uma

velha ponte coberta e me deu de presente, por ter escrito a música. Está pendurada bem ali. Nunca me disse onde tirou a foto, mas há um “ponte Roseman” embaixo da assinatura dele.

Na noite de uma terça, sete ou oito anos atrás, ele não apareceu. Também não veio na semana seguinte. Achei que ele estivesse doente ou algo assim. Comecei a ficar preocupado e fui até a enseada, perguntar por ele. Ninguém sabia de nada. Por fim, peguei um barco e fui até a ilha onde ele morava. Era uma cabana antiga — uma choupana, na verdade — perto da água.

Enquanto estava fuçando por lá, um vizinho apareceu e perguntou o que eu estava fazendo. Então, eu disse. O vizinho disse que ele tinha morrido, uns dez dias antes. Cara, doeu ouvir aquilo. Ainda dói. Eu gostava muito daquele cara. Tinha uma coisa diferente naquela figura. Eu tinha a sensação de que ele sabia de umas coisas que o resto de nós não sabe.

Perguntei ao vizinho sobre o cachorro. Ele não sabia. Disse que também não conhecia o Kincaid. Aí, liguei para o abrigo de animais apreendidos e eles estavam com o Highway. Fui até lá, *peguei ele* e dei para o meu sobrinho. Da última vez que o vi, ele e o garoto estavam tendo um caso de amor. Eu me senti bem por isso.

Então, é isso. Pouco tempo depois de descobrir o que tinha acontecido com Kincaid, meu braço esquerdo começou a ficar dormente, quando toco mais de vinte minutos. Tem a ver com um problema na vértebra. Aí, não trabalho mais.

Mas, cara, sou assombrado pela história que ele me contou, dele e da mulher. Então, toda terça à noite, pego meu sax e toco a música que escrevi para ele. Toco aqui, sozinho.

E, por alguma razão, sempre olho aquela foto que ele me deu, enquanto toco. Acontece alguma coisa, não sei o que é, mas não consigo tirar os olhos da foto quanto toco a música.

Só fico aqui, em pé, quando escurece, fazendo meu sax chorar, tocando uma música para um cara chamado Robert Kincaid e uma mulher que ele chamava de Francesca.

Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[O começo](#)

[Robert Kincaid](#)

[Francesca](#)

[Noites antigas, música distante](#)

[As pontes de terça-feira](#)

[Espaço para dançar novamente](#)

[A estrada e o peregrino](#)

[Cinzas](#)

[Uma carta de francesca](#)

[Pós-escrito: o Nighthawk de Tacoma](#)

[Entrevista com "Nighthawk" Cummings](#)